U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Observações Rurais:
A construção informal na Veiga Planáltica da Campeã

Rodrigo Portela Alves

M

2023

U.PORTO

Rodrigo Portela Alves. Observações Rurais: A construção informal na Veiga Planáltica da Campeã

Observações Rurais: A construção informal na Veiga Planáltica da Campeã

Rodrigo Portela Alves

M.FAUP **2023**

FACULDADE DE ARQUITETURA

Observações Rurais:

A construção informal na Veiga Planáltica da Campeã

Rodrigo Portela Alves

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Sob orientação da Professora Doutora Arquiteta Ana Isabel da Costa e Silva

Porto, 2023

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Arquiteta Ana Isabel da Costa e Silva, pela disponibilidade e orientação.

A toda a minha família, em especial à minha irmã, pela paciência e apoio incondicional.

À Beatriz, pelo suporte, paciência e ajuda imprescindível, desde o primeiro momento.

Aos meus amigos e colegas de curso, que partilharam comigo todos os momentos desta jornada académica pelo companheirismo e amizade.

Ao Arq. Renato Alves, pela amizade e oportunidade profissional que me deu força para concluir esta etapa.

Quero por fim dedicar de alma e coração esta prova ao meu pai, o pilar fundamental desta jornada. Mesmo que já não esteja cá para testemunhar, ele sempre acreditou que conseguiria chegar a esta fase tão importante da minha vida.

RESUMO

A presente dissertação investiga a construção informal na zona da Veiga Planáltica da Campeã, uma região de transição entre áreas urbanas e montanhosas em Portugal. A pesquisa é motivada pela interseção entre a cultura arquitetónica e a vida rural, com foco no papel das construções informais, predominantemente associadas à agricultura. O impacto delas na paisagem rural e a ausência de desenvolvimento nessa área servem como as principais motivações para a realização deste estudo.

O objetivo central é caracterizar e analisar a evolução das construções informais ao longo do tempo e compreender a sua influência na paisagem local. A pesquisa procura entender como a arquitetura evoluiu à medida que a sociedade transitou de uma cultura de construção comunitária para a industrialização.

Para alcançar esses objetivos, o estudo selecionou 33 construções representativas na Veiga e realizou um levantamento detalhado dessas estruturas, abordando a sua relação com o ambiente, usos, materialidade e forma. Os resultados evidenciam mudanças significativas na escolha de materiais ao longo do tempo e a desconexão entre a comunidade e os construtores.

O estudo enfatiza a necessidade de reintegrar e reinventar essas construções, ressaltando a importância de escolher materiais que se integrem harmoniosamente na natureza, valorizar o conhecimento tradicional e adaptar técnicas construtivas adequadas às necessidades atuais, com respeito ao meio ambiente. Além disso, sublinha a necessidade de colaboração entre arquitetos, construtores e a comunidade local para revitalizar as áreas rurais e preservar a sua identidade cultural.

Desta forma, a dissertação analisa a evolução das construções informais numa região rural, destacando os desafios e oportunidades para promover práticas construtivas mais apropriadas, e a revitalização das áreas rurais, tendo como base a autoconstrução informal associada ao campo.

ABSTRACT

This dissertation investigates informal construction in the Veiga Planáltica da Campeã region, a transitional area between urban and mountainous areas in Portugal. The research is motivated by the intersection of architectural culture and rural life, with a focus on the role of informal constructions, primarily associated with agriculture. Their impact on the rural landscape and the lack of development in this area serve as the main motivations for this study.

The central objective is to characterize and analyze the evolution of informal constructions over time and understand their influence on the local landscape. The research seeks to understand how architecture evolved as society transitioned from a culture of communal construction to industrialization.

To achieve these objectives, the study selected 33 representative constructions in the Veiga and conducted a detailed survey of these structures, addressing their relationship with the environment, uses, materiality, and form. The results highlight significant changes in material choices over time and the disconnect between the community and the builders.

The study emphasizes the need to reintegrate and reinvent these constructions, emphasizing the importance of choosing materials that harmoniously blend with nature, valuing traditional knowledge, and adapting construction techniques suitable for current needs while respecting the environment. Furthermore, it underscores the need for collaboration between architects, builders, and the local community to revitalize rural areas and preserve their cultural identity.

In this way, the dissertation analyzes the evolution of informal constructions in a rural region, highlighting the challenges and opportunities for promoting more appropriate construction practices and revitalizing rural areas, based on informal self-construction associated with the countryside.

Nota Prévia

A presente dissertação foi escrita segundo o novo acordo ortográfico.
Todas as citações em idioma estrangeiro encontram-se traduzidas pelo autor.
Algumas das imagens apresentadas foram recortadas e editadas relativamente às originais.

SUMÁRIO

	Introdução	14
	Objetivo	16
	Objetos de estudo	17
	Metodologia	18
	Estrutura	19
I Contexto	O "Reino Maravilhoso"	22
	O edificado de Trás-os-Montes e Alto Douro	25
	O exemplo da aldeia dos Montes	26
	As cidades e o interior do país: principais diferenças	30
	Os efeitos da industrialização	32
	A persistência da autoconstrução	40
II Objeto	Caracterização da Veiga	47
	Método de identificação	50
	Relação com o lugar	51
	Usos	56
	Materialidade e forma	68
	Formalização da diversidade	96
III Desenvolvimento	Afeto	100
	Absorção dos materiais que constroem as edificações	108
	A procura do essencial e equilíbrio	114
	A importância do saber coletivo	116
	O caso da madeira	119
	Considerações finais	124
	Fontes e Bibliografia	130
	Créditos de imagem	134
	Fichas de identificação e caraterização	138

INTRODUÇÃO

Motivação

Do cruzamento entre uma certa cultura arquitetónica, que se compõe ao longo do tempo e a vivência do quotidiano rural e natural que mantenho, ainda, nos dias de hoje, nasce o interesse de investigar a intervenção humana no território marcada pela atividade agrícola. Neste ambiente rural, onde a agricultura é o setor económico predominante, as características das construções são moldadas pela necessidade e disponibilidade locais, resultando em algumas de caráter informal[1].

A proximidade com estes elementos, bem como com os materiais e técnicas em que são construídos, a inquietação pessoal de entender o mundo rural e a sua arquitetura, conjuntamente com o impacto que este tipo de construção começa a ter na unidade de paisagem e no ambiente, tornou pertinente elaborar esta dissertação.

1. Informal é, por definição, algo que não apresenta formalidades, regras e convenções. Acedido em: 18.10.2022, em: https://dicionario.priberam.org/informal

Objetivo

A partir do estudo das construções da Veiga Planáltica da Campeã, uma zona de transição entre a cidade e a montanha, pretende-se caracterizar e refletir sobre os modos de construir e a sua evolução no espaço e no tempo, uma vez que existe um conjunto vasto de edifícios de carácter informal associado à agricultura e ao trabalho no campo.

Num contexto onde o fazer local e o conhecimento de geração em geração tem uma presença bastante enraizada, em que as comunidades, até, há pouco tempo, construíam as suas próprias casas, o trabalho tem como intuito despertar uma reflexão, a partir do olhar sobre estas construções, sobre como evoluíram os métodos e a forma de intervir neste território.

De forma a caracterizar e reconhecer as potencialidades destes elementos, pretende-se registar as suas características, assim como mostrar a sua diversidade e especificidade.

Por último, tenciona-se chegar a estratégias que possam servir para dar início a uma ação de reintegração e revitalização, onde estas construções se tornem catalisadoras de dinâmicas e identidade.

Objetos de estudo

A presente dissertação tem como principais objetos de estudo o conjunto de construções de carácter informal ligadas ao setor agrícola que se foram construindo na Veiga Planáltica da Campeã. Dada a extensão, foram selecionados 33 exemplos que representam as características principais. Para uma compreensão mais completa do enquadramento territorial, a Veiga é também considerada objeto de estudo, segundo o qual permite entender alguns argumentos para as formas e o estado das construções.

A Veiga Planáltica da Campeã encontra-se na antiga província de Trás-os-Montes e Alto Douro, no concelho de Vila Real, região norte de Portugal. Trata-se de um fértil e extenso planalto ao abrigo das Serras do Marão e do Alvão[2] , a cerca de 740 metros de altitude, caracterizado pelo verde dos campos e pela mancha arbórea, que preenche as encostas das montanhas. A Veiga é uma das áreas mais produtivas do concelho, onde a agricultura e pastorícia são as atividades económicas predominantes, embora em declínio. Assim, este território caracteriza-se pela ocupação do homem na agricultura e pastorícia ao longo do tempo.

2. DIONÍSIO, Sant'Anna- Guia de Portugal: tomo I: Trás-os-Montes e Alto Douro: Vila Real, Chaves e Barroso, p. 251

Metodologia

Como o estudo do conjunto de construções de carácter informal que se foram construindo na Veiga planáltica da Campeã é a base do presente trabalho, a metodologia divide-se em duas partes. A primeira parte, com o apoio de um levantamento bibliográfico, consiste na fundamentação e reconhecimento do território, com o intuito de facilitar a compreensão da sua geografia, desenvolvimento social, económico e a evolução do conjunto edificado. Com isto, procura-se realizar uma descrição de momentos chave do seu desenvolvimento, numa narrativa que se foca no conjunto edificado, quer na sua idealização como construção.

A segunda parte consiste na investigação e recolha de informação num levantamento local nos primeiros seis meses do ano de 2022. Este levantamento consiste na documentação e análise das construções que se encontram na Veiga de forma a contemplar os mais variados exemplos. Após o levantamento de carácter exaustivo, foram selecionadas 33 construções de modo a abranger a diversidade de exemplos. Depois da seleção, parte-se para um levantamento construtivo, tipológico, geométrico e fotográfico dos mesmos, que procura documentar a condição atual e também uma interpretação das práticas antigas.

Por fim, será apresentado um quadro de resultados de algumas reflexões sobre as possibilidades futuras de dinamizar e reinventar este campo de construção.

O conjunto de fichas de leitura individuais compõem o apêndice colocando a documentação disponível para consulta.

Estrutura

A primeira parte servirá para contextualizar o estado da construção da região, tendo como base a história da evolução da construção na região desde os meados do séc. XIX até aos dias de hoje. Deste modo, estuda-se a transição de uma cultura marcada por uma autoprodução em comunidade para uma atual introdução da industrialização e dos processos de prefabricação, no que diz respeito às construções de carácter informal.

A segunda parte concentra-se na área de estudo, onde se toma como foco a análise das construções e o trabalho de campo como principal fonte de informação. Esta parte é dividida em três momentos:

-Relação com o lugar – São analisados os modos como surgem este tipo de construções no território, onde se determinam tipologias que enquadram as principais características.

-Usos – Onde se distingue os diferentes tipos de utilizações que estão associados às construções em estudo, apontando assim os principais programas de utilização.

-Materialidade e forma – Identifica-se os materiais utilizados, assim como as suas combinações e formas. Deste modo, mostra-se as combinações de materiais mais características e as suas formas associadas.

A terceira parte será para tentar perceber os procedimentos que influenciaram a evolução arquitetónica destas peças e tentar chegar a uma visão alargada sobre os diversos aspetos que marcaram o desenvolvimento, introduzindo os casos de estudo como exemplo. Com os dados obtidos, é possível compreender o percurso dessas construções, as alterações que sofreram e, em seguida, apresenta-se uma reflexão sobre as premissas de desenvolvimento, mencionando algumas ideias de possíveis direções a seguir.

I CONTEXTO

O *"Reino Maravilhoso"*

O objeto de estudo enquadra-se num ambiente socioeconómico e demográfico caracterizado pelos modos de vida rurais.

> *A casa popular é um dos mais significativos e relevantes aspetos da humanização da paisagem, em que, na sua grande diversidade de tipos, afloram, com particular evidência, numerosos condicionalismos fundamentais – geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais – das respetivas áreas e dos grupos humanos que a constroem e habitam.*[3]

3. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando - Arquitectura Tradicional Portuguesa, p. 13

Por todo o país apresentava-se uma vasta diversidade de culturas, hábitos, tradições e estilos de vida. De modo a fazer um enquadramento da província de Trás-os-Montes e Alto Douro, na qual se situa a área de estudo, faz-se uso das palavras escritas pelo poeta Miguel Torga que descreve e define a sua província que figurativamente é denominada de Reino Maravilhoso, numa das suas obras publicadas em 1950:

> *Vê-se primeiro um mar de pedras. Vagas e vagas sideradas, hirtas e hostis, … Tudo parado e mudo. Apenas se move e se faz ouvir o coração no peito, inquieto, a anunciar o começo duma grande hora. De repente, rasga a espessura do silêncio uma voz de franqueza desembainhada: «– Para cá do Marão, mandam os que cá estão!...» Sente-se um calafrio. A vista alarga-se de ânsia e de assombro. Que penedo falou? Que terror respeitoso se apodera de nós? Mas de nada vale interrogar o grande oceano megalítico, porque o nume invisível ordena: «– Entre!» A gente entra, e já está no Reino Maravilhoso.*
>
> *…A autoridade emana da força interior que cada qual traz do berço. Dum berço que oficialmente vai de Vila Real a Montalegre, de Montalegre a Chaves, de Chaves a Vinhais, de Vinhais a Bragança, de Bragança a Miranda, de Miranda Freixo, de Freixo à Barca de Alva, da Barca de Alva à Régua, e da Régua novamente a Vila Real, …. Um mundo! Um nunca acabar de terra grossa, fragosa, bravia, que*

tanto se levanta a pino num ímpeto de subir ao céu, como se afunda nuns abismos de angústia, não se sabe por que telúrica contrição.

Terra-Quente e Terra-Fria. Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas.

Nos intervalos, apertados entre os lapedos, rios de água cristalina, cantantes, a matar a sede de tanta aridez. E de quando em quando, oásis da inquietação que fez tais rugas geológicas, um vale imenso, dum húmus puro, onde a vista descansa da agressão das penedias. Veigas que alegram Chaves, Vila Pouca, Vilariça, Mirandela, Bragança e Vinhais.

Mas novamente o granito protesta. Novamente nos acorda para a força medular de tudo. E são outra vez serras, até perder de vista.

Não se vê por que maneira este solo é capaz de dar pão e vinho. Mas dá. Pão de milho, de centeio, de cevada e de trigo.

…Mas a terra é a própria generosidade ao natural. Como num paraíso, basta estender a mão. Produz batata, azeite, cortiça e linho. Batata farinhuda, que se desfaz na boca; azeite loiro que sai em luz da almotolia; cortiça que deixa os sobreiros nus para agasalhar os enxames; e linho fresco, fino, que, tecido em lençóis, faz o bragal das noivas.

…Bata-se a uma porta, rica ou pobre, e sempre a mesma voz confiada nos responde: «– Entre quem é?» Sem ninguém perguntar mais nada, sem ninguém vir à janela espreitar, escancara-se a intimidade duma família inteira. O que é preciso agora é merecer a magnificência da dádiva.

Nos códigos e no catecismo o pecado de orgulho é dos piores. Talvez que os códigos e o catecismo tenham razão. Resta saber se haverá coisa mais bela nesta vida do que o puro dom de se olhar um estranho como se ele fosse um irmão bem-vindo, embora o preço da desilusão seja às vezes uma facada.

…Acossados pela necessidade e pelo amor da aventura, …emigram …

Metem toda a quimera numa saca de retalhos, e lá vão eles. …Os que ficam, cavam a vida inteira. E, quando se cansam, deitam-se no caixão com a serenidade de quem chega honradamente ao fim dum longo e trabalhoso dia.

O nome de Trasmontano, que quer dizer filho de Trás-os-Montes, pois assim se chama o Reino Maravilhoso de que vos falei.[4]

4. TORGA, Miguel – Portugal.



fig.1. Delimitação do Reino Maravilhoso sobre o mapa de Portugal.

O edificado de Trás-os-Montes e Alto Douro

Com base na informação das publicações em torno da arquitetura popular no século XX[5], que se trata de um leque de estudos que visou registar, estudar, e criar material para demonstrar o panorama da arquitetura desse tempo. Interessa analisar os registos que enquadram a região a tratar, de forma a compreender a génese das dinâmicas de construção dessa época.

Num registo onde ainda não se sentia as consequências diretas ou indiretas do desenvolvimento industrial, a casa tradicional portuguesa refletia uma grande diversidade regional, sendo que na zona norte, devido à abundância, construíam maioritariamente em pedra e madeira. A casa apresenta-se em grande parte nesta região com uma organização em dois pisos, o superior destinado à habitação, e o inferior para usos diversos como loja dos animais, arrumos agrícolas, adegas do vinho e arrecadação de produtos alimentares.

5. TEIXEIRA, Manuel C. – A investigação da arquitetura popular, p.6 a 15.



fig.2. Vista de uma povoação de Trás-os-Montes. Moncorvo, Felgar.

A organização resulta das características dos materiais usados (permitem construir em altura com robustez) e do desenvolvimento de uma forma que vem dos tempos mais remotos, onde as pessoas dormiam por cima do local onde os animais pernoitavam para os guardar, isto associado a uma classe e a um tipo socioeconómico característico da região, são exemplo os pequenos lavradores que juntam o trabalho agropecuário com a própria habitação sob o mesmo teto.

A nível formal e material, na zona de Trás-os-Montes e Alto Douro, nas coberturas é utilizada a telha romana num formato de quatro águas com pouca inclinação. Na serra e zonas onde a construção é mais rudimentar é utilizado com muita frequência a cobertura de colmo, onde existe o xisto utiliza-se a lousa, que apresenta vários engenhos no que toca à impermeabilização. A entrada das habitações geralmente é associada a uma escadaria exterior que, por vezes, é complementada por um patamar coberto ou ligado a uma varanda.

Nesta região relativamente às características da forma e dos materiais apresentam-se diferenças consideráveis entre a zona transmontana, minhota e da serra. A casa minhota apresenta formas singelas, são amplas e, sobretudo, isoladas e dispersas. A casa da serra apresenta-se na maioria em aglomerados compactos, tem aberturas reduzidas, com uma composição em pedra de junta seca de formas irregulares e pitorescas. A casa transmontana apresenta-se também em aglomerados densos, com soluções variadas, também irregulares, onde se conjuga o granito de carácter mais regular com a materialidade do xisto inconstante.

O exemplo da aldeia de Montes



fig.3. Enquadramento da aldeia dos Montes nas encostas da Serra do Marão.

Apresentam-se os registos da aldeia de Montes, povoação que pertence à Campeã, uma freguesia do concelho de Vila Real, um dos casos de estudo no Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa, entre 1955 e 1960[6]. Esta aldeia está situada nas encostas da Serra do Marão virada a sul, a uma cota elevada e guardada pelos recortes da montanha (figura 3). A aldeia era marcada por uma malha densa, com ruas estreitas, irregular e íntima, com casas em tons escuros de xisto e lousa, onde se destaca a capela caiada a branco.

6. Filgueiras, Octávio Lixa [et al.] – Arquitectura Popular em Portugal, p.120

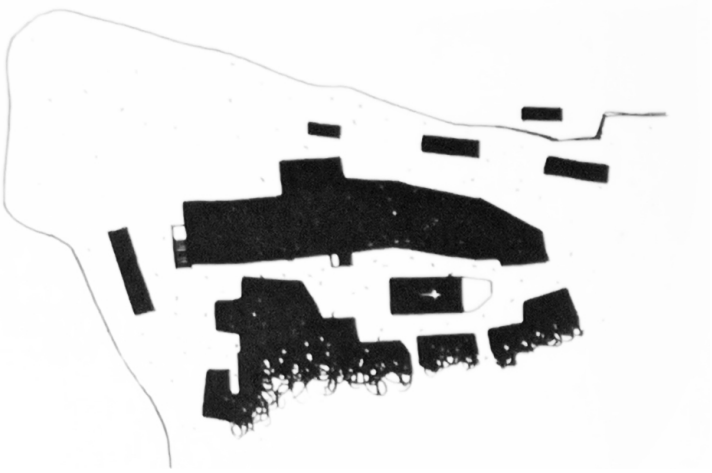


fig.4. Planta da povoação. Montes, Campeã.



fig.5. Fotografia que destaca a capela no meio da povoação. Montes, Campeã.

Conforme registado no Inquérito, à semelhança das povoações mais isoladas, naquele tempo a base da economia era o que a terra dava.

> *Os habitantes de Montes vivem da agricultura e do pastoreio. São modestos os seus meios de cultivo e modestas as suas ambições. Entre os velhos castanheiros, os retalhos de terra para o «milhão», uns palmos de hora para os feijões e a batata, nas pequenas baixas irrigadas, passam os cuidados do dia-a-dia. O milho, a batata, a castanha e o gado miúdo são os limites do quadro económico quase fechado desta pequena sociedade.*[7]

7. Ibidem, p. 121

Nestes contextos o sentido de comunidade predominava, chegando até a partilhar o trabalho.

> *O gado é guardado em comum e, por cada dez cabeças, cada casa dará o seu dia de guardado.*[8]

8. Ibidem, p. 121

No mesmo sentido, as casas partilhavam da ideia de conjunto, próximas umas das outras, de pequenas dimensões, com poucas aberturas e o seu interior organizava-se em função da localização da lareira. Porém, de um certo modo, cada qual espelhava a sua personalidade na forma como as coisas apareciam feitas, pousadas e utilizadas, pois eram feitas pelos mesmos que as habitavam, ou por apoio da comunidade, fator que permite serem portadoras de um grande carácter pessoal, simplicidade, e também de uma constante adaptação às necessidades e vontades de cada momento ao longo do tempo.

A nível construtivo as casas eram levantadas em alvenarias rudimentares de xisto, com pequenas aberturas, com uma estrutura de madeira na cobertura que suportava o revestimento em lousa. A madeira também aparece como elementos verticais, sobretudo, nas divisórias interiores e no soalho. Junto às janelas, embora estas sejam pequenas, numa grande parte encontram-se dois lugares para se sentar à janela – as namoradeiras.

> *Nesta região da Campeã era tudo muito rudimentar, muito pobre, muito tosco, mas tão calorosamente humano! Além de – repito – revelando um sagaz aproveitamento dos materiais e das condições locais para resolver os problemas, na procura de atender às necessidades existentes.*
>
> *Isto, não é só em Montes, evidentemente, mas também no Cotorinho e na generalidade das aldeias da zona.*[9]

9. DIAS, Carlos Carvalho - Memória de Trás-os-Montes e Alto-Douro: nos 55 anos do "Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa", p. 84

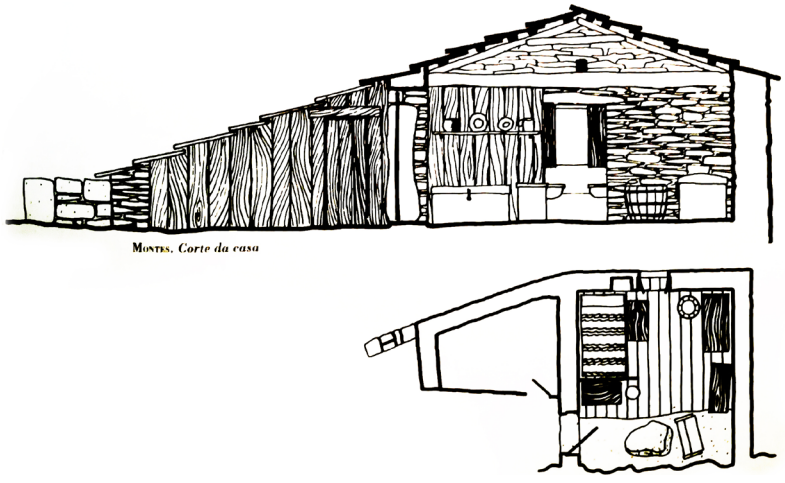


fig.6. Desenhos de uma casa local. Montes, Campeã.

As cidades e o interior do país: principais diferenças

As grandes desigualdades que se faziam sentir nos anos cinquenta em Portugal entre as grandes cidades, como Porto e Lisboa, e as zonas do interior, como certos locais de Trás-os-Montes e Alto Douro, levou a que os hábitos sociais, costumes, organização e dinamização local fossem realidades muito diferenciadas. A par da realidade apresentada na aldeia de Montes, existia um conjunto de núcleos urbanos, mais desenvolvidos, onde diversos trabalhos e meios económicos complementaram a ocupação da comunidade para além da agricultura e pastoreio.

> *As diferenças de rentabilidade do capital investido no campo ou na cidade são enormes e originaram a progressiva e acentuada «capitalização» nas duas cidades principais, Lisboa e Porto, onde as mais importantes estruturas económicas e financeiras do País se localizavam. Aí também se concentravam os serviços, as fábricas, o comércio, a construção civil – todas estas atividades geradoras de emprego principal.* [10]

10. CROFT, vasco – Arquitectura e Humanismo: O papel do arquitecto, hoje, em Portugal, p.61

Nas cidades, um conjunto edificado com métricas urbanas minimamente definidas, como a cidade do Porto caracterizava-se como uma cidade que vivia em torno da atividade portuária e comércio, e onde a casa era o reflexo dessa atividade.

> *(...) a casa estreita e alta, no Porto como em toda a parte em geral, constitui, na sua forma e sentido originários, um tipo híbrido funcional de residência urbana e estabelecimento comércio, simultaneamente, referidos à mesma família, estritamente utilitário, de acordo com as necessidades profissionais e a mentalidade da gente de que é própria, que tinha as suas lojas, armazéns ou oficinas (relacionadas ou não com o comércio marítimo), no rés-do-chão, junto à rua, abertas ao público, e habitava, sem qualquer aparato, os andares superiores, correndo assim os ferrolhos da casa, à noite, como gostavam de fazer todos aqueles a quem o dinheiro custa a ganhar, e dormindo sobre a sua mercadoria;*[11]

11. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando- Arquitectura Tradicional Portuguesa, p.298

O ambiente de comunidade e partilha não era tão comum nestes casos. A construção das casas era feita por mestres de obras e obedecia a elementos construtivos normalizados o que confere uma certa harmonia de conjunto.

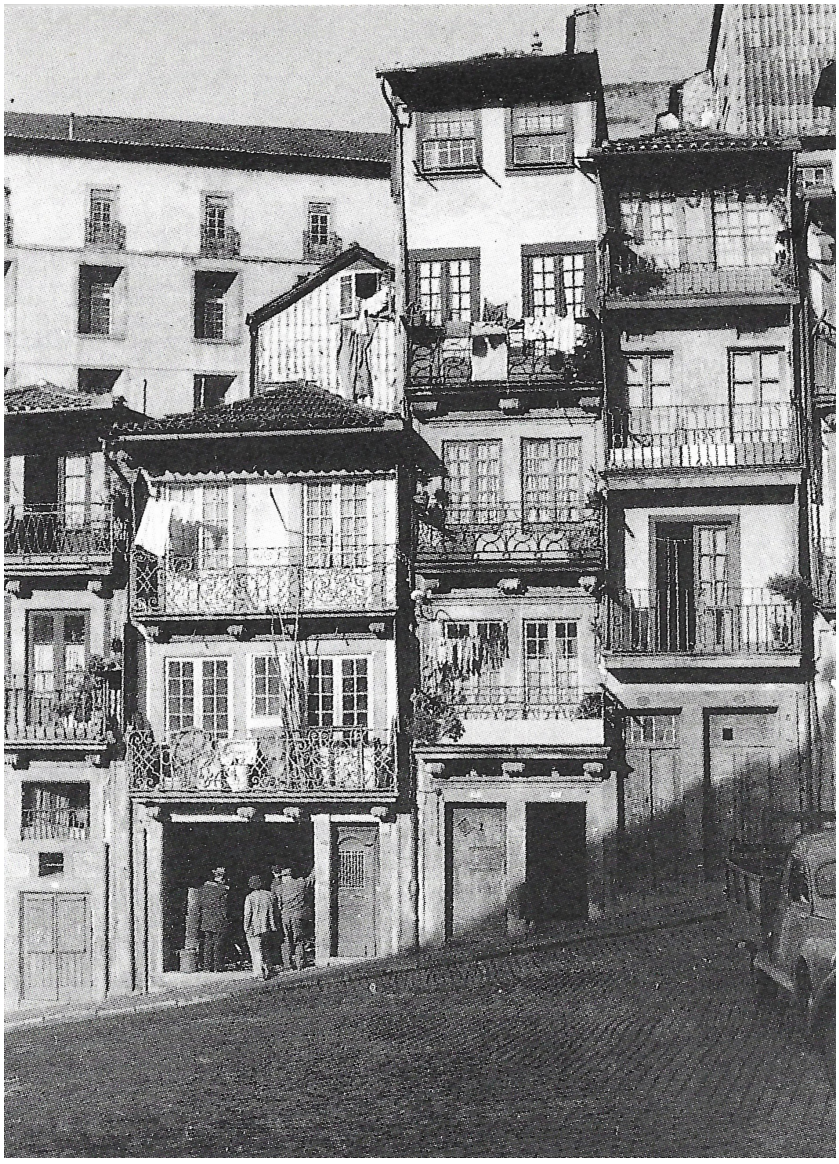


fig.7. Porto, bifurcação da Rua do Comércio do Porto com a Rua da Bolsa.

Os efeitos da industrialização

As construções não são elementos estáticos, estão em constante desenvolvimento ao longo do tempo consoante a ação humana. Desde o aparecimento dos primeiros aglomerados populacionais, a arquitetura evoluiu de modo mais ou menos constante em função das necessidades das populações. Tratou-se de uma linha evolutiva de conhecimento que passou de geração em geração, caracterizado por um sentido de pertença e sensibilidade local: ***"os recortes da paisagem ganham quase feição tão familiar como as casas, e nem se chega a saber bem se os montes foram feitos pelos homens, ou se o homem foi feito para a montanha."***[12]

12. TÁVORA, Fernando [et al.] – Arquitectura Popular em Portugal, p. 169

A Revolução Industrial, que ocorreu em meados do século XVIII, marcou o início de uma nova era caracterizada por profundas transformações devido à crescente demanda tecnológica, que resultou numa quebra com as tradições. Após a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, essa tendência acentuou-se, principalmente devido ao desenvolvimento tecnológico, avanços nos meios de transporte, reformulação das técnicas comerciais e publicitárias, bem como ao aumento da população. Na procura de melhorias no padrão de vida, as pessoas saíram das áreas rurais, o que levou a uma descaracterização do campo.

Esse movimento ganhou cada vez mais destaque devido aos resultados positivos, resultando numa ênfase crescente em políticas de industrialização e consumo.[13] Esta situação levou ao aparecimento de novos materiais e ao desenvolvimento tecnológico de outros, que acabaram por ganhar grande popularidade. A generalização do uso destes materiais industrializados igualou as distintas formas de construir, que anteriormente eram dependentes dos materiais disponíveis localmente.

13. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando - Arquitectura Tradicional Portuguesa, p. 367

Em Portugal, sobretudo nas zonas mais isoladas, a mudança foi mais tardia, mantendo-se por mais tempo a atmosfera tradicional. Com o êxodo rural e a emigração em massa da população rural para outros países mais industrializados, onde havia maior necessidade de mão de obra tudo se alterou. A população do campo, ao ir para os meios urbanos adquiriu hábitos dos meios urbanos e implantou esses mesmos na sua terra de origem.



fig.8. Construção de alta densidade com dois ou mais pisos numa pequena aldeia, onde é possível ver as construções de xisto de apenas um piso que existiram outrora. Cotorinho, Campeã, Vila Real.

"De facto, logo no início dos anos sessenta iniciou-se um ciclo de profundas e por vezes violentas transformações nesse mundo secular, podendo afirmar-se que no espaço, não de uma geração mas de uma década, se mudou em muitas regiões a face da terra. A emigração em massa para França dos homens válidos das aldeias do Norte e do Centro, a industrialização da economia portuguesa, a mecanização da agricultura, a expansão dos serviços e o início do turismo de massas em busca de sol e da praia – tudo isto provocou uma série de mutações em que sobressaía o aumento de rendimentos de uma parte significativa da população rural, a qual começou a libertar-se do peso de uma miséria ancestral e que se traduziu em pouco tempo em ruturas culturais que vieram alterar radicalmente o quadro espacial."[14]

14. PEREIRA, Nuno Teotónio - Reflexos Culturais do Inquérito à Arquitectura Regional. In Jornal de Arquitectos, p. 69

Estas mudanças estão presentes maioritariamente nas casas de gente rural que deixou de o ser, sobretudo nas dos emigrantes retornados, fruto de uma perspetiva de exibir os padrões mais civilizados que presenciaram e aderiram, onde se verificam alterações mais extravagantes, como varandas enormes, escadarias bizarras, misturas de cores, elementos decorativos aleatórios, totalmente descontextualizados.

"Acerca destas novas casas, porém, e seja qual for o seu nível, pode falar-se no seu total desajustamento. Sobretudo no que respeita às primeiras, nos telhados, fachadas, rasgos, escadas, perdeu-se totalmente a noção da linha e das proporções, afinada intuitivamente ao longo das gerações, e a construção é quase sem exceções falhada. Em destaque contra a singeleza das velhas casas tradicionais, que, para lá das suas deficiências e defeitos, se sintonizava tão perfeitamente na paisagem natural e humana em que se integravam, as novas casas, e em especial as mais ricas, acusam sobretudo o mau gosto de quem recusa a priori todos os valores de uma velha cultura de que se evadiu, julgando assim afirmar uma ordem que representa o progresso material e a promoção social."[15]

15. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando - Arquitectura Tradicional Portuguesa. p. 372

Este movimento tem um impulso em Portugal, após o 25 de abril de 1974, devido à incapacidade de resposta em relação à habitação, em grande parte devido ao regresso das pessoas ao país após o fim das guerras coloniais. Isto resultou num aumento significativo da construção clandestina. Dado que os materiais industrializados eram mais económicos e permitiam uma maior rapidez na construção, aliados à urgente necessidade de construir habitação, estes materiais começaram a dominar a construção, sobrepondo-se radicalmente aos tradicionais métodos de construção.

As alterações verificaram-se inicialmente apenas na substituição dos materiais de construção tradicionais por materiais de caráter industrial e pré-fabricados, e, posteriormente, fruto da introdução dos novos métodos construtivos e modos de viver, as casas surgem com novas formas, plantas e proporções. Para além das alterações verificadas na forma e materialidades utilizadas, a quantidade e a densidade das novas construções marca esta fase, isto é, são criados aglomerados de novas edificações nos vazios e na periferia das aldeias, com dimensões exageradas, onde terras de cultivo passam a ser terrenos de construção, resultando assim em aglomerados descontrolados, no que diz respeito à ocupação do solo.



fig.9. A construção em materiais industriais desmedida predomina na composição do aglomerado construído da aldeia. Cotorinho, Campeã, Vila Real.

Os novos materiais utilizados, sobretudo os tijolos furados, destacam-se pela sua aceitação generalizada, especialmente na zona norte e centro do país. Produzidos em solos argilosos de várias regiões, são posteriormente distribuídos por todo o país. De forma semelhante, o bloco de cimento com formato paralelepípedo, produzido em ambiente fabril, é outro material amplamente utilizado. Estes materiais tornaram-se populares devido ao seu custo reduzido e facilidade de utilização. Estes materiais estão a substituir gradualmente os tabiques e a pedra utilizada na construção exterior. No entanto, é importante notar que esta nova solução construtiva não consegue alcançar a resistência e a massa térmica da pedra. A introdução do betão armado reforçou ainda mais a popularidade destes materiais, ao criar um sistema construtivo em que o betão armado é utilizado para pilares, vigas e lajes de piso ou cobertura, que são completadas por painéis de tijolo furado no caso das paredes e abobadilhas no caso das lajes. Assim, estas práticas de construção marcam profundamente as novas construções por todo o território, uma vez que permitem uma construção rápida, sólida e versátil.



fig.10. Casa com uma combinação de cores- azul, verde, cor-de-rosa e castanho – que se destaca na povoação e em toda a unidade de paisagem a que pertence. Cotorinho, Campeã, Vila Real.

As construções provisórias e de menor importância, como por exemplo os anexos agrícolas e abrigos, construídos segundo sistemas que variavam de região para região, iniciam também a sua transformação. A chapa metálica simples substitui a telha, ganhando destaque e tornando-se comum tanto na cobertura como nas paredes, contribuindo para a descontextualização.

Assim, presencia-se um domínio por parte dos novos materiais, que resulta em construções com formas simplificadas implementando-se um ponto de vista meramente económico que deixa de parte os valores da tradição. Por toda a parte, gera-se um estilo que se despega do lugar, da sua geografia e cultura, de fraca qualidade e sem valores plásticos: construções em blocos pintados de cores chamativas – azul, verde, amarelo, vermelho ou cor-de-rosa – com madeiras de baixa qualidade; argamassas mal confecionadas; telhados em telha marselha com adornos nos cumes e divisões interiores sobredimensionadas[16].

Desprovidos por natureza de qualquer carácter regional, esses materiais são preparados apenas em certos lugares; e, exportados daí para as mais variadas partes, sem nenhuma relação com a sua origem, (...)[17]

Nesta região, a autoconstrução, aliada aos materiais industrializados, marca profundamente os costumes construtivos e sobretudo a sua qualidade. Em suma, pode-se dizer que o objetivo principal de quem constrói, e talvez único, passa por levantar estruturas de alvenarias leves, de modo a criar espaços a que chamam de casa. Estes desligados de preocupações relacionadas com o conforto térmico, espacial, o lugar, ou até mesmo a suposta durabilidade dos materiais.

16. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando - Arquitectura Tradicional Portuguesa, p. 371

17. Ibidem, p. 371



fig.11. Casa construída com uma parede de bloco ou tijolo com o acabamento em reboco simples, e apresenta uma volumetria com dimensões muito desproporcionais. Cotorinho, Campeã, Vila Real.



fig.12. Contraste de duas construçoes de tempos diferenes. Cotorinho, Campeã, Vila Real.

Estas alterações levaram à perda de pormenorização, do espelhar os ideais de cada um nas suas casas, interferiu na relação de uma casa ser feita à imagem de quem nela vive. Esta situação evidencia-se sobretudo na região em estudo, que devido às temperaturas frias de inverno, periodicamente as casas tornaram-se como o elemento principal de sustento e centro de toda a atenção, pois por exemplo, a casa acabava por ser o local onde permaneciam durante semanas, assim que a neve caí-se.

"A casa dessacralizou-se completamente, e é agora meramente um valor económico. O movimento da industrialização não se traduziu apenas no aparecimento de novos materiais de construção, determinando formas de casa desligadas da secular tradição local: ele acarretou sobretudo uma mutação profunda nos conceitos, padrões culturais e estruturas da sociedade rural; e essa mutação trazia consigo a morte do velho mundo patriarcal e da crença categórica no trabalho da terra, de que a casa era a imagem viva."[18]

18. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando- Arquitectura Tradicional Portuguesa, p. 373

O desenvolvimento e inovação é fundamental, mas nas últimas décadas em certa medida, como se demonstrou neste capítulo, caminhou num desapego pela natureza e tradição, tomou como principal objetivo a inovação, desenvolvimento e sobretudo o lucro monetário, esquecendo-se um pouco das bases da existência e das prospeções futuras. Porém, não descartando os caminhos e escolhas seguidos, é importante frisar que o desenvolvimento tenha também em conta tudo o que se fez para trás, neste caso a arquitetura tradicional.

"A arquitetura tradicional, fruto de uma longa e sábia experiência, apresenta soluções arquitetónicas e um vocabulário formal que podem adaptar-se com plena razão funcional e estética ao mundo de hoje. É necessário reinventar uma arquitetura que responda às necessidades funcionais e aos padrões de vida contemporâneos, mas que ao mesmo mantenha elos de ligação com o passado, não o rejeitando, e em que a continuidade de materiais, e formas e de proporções permita manter a harmonia da paisagem e assegurar o sentido de continuidade e de pertença a uma cultura de raízes locais."[19]

19. TEIXEIRA, Manuel C. – Novas arquiteturas e reabilitação da arquitetura tradicional, p.109

A persistência da autoconstrução

O hábito da autoconstrução mantém-se. Esta situação está relacionada com o facto das pessoas, que vivem nestas áreas, há cerca de 60 anos ainda construírem as suas próprias casas, fazendo-o por conta própria ou em colaboração com a família e a comunidade, pois era a forma habitual de procedimento. Neste contexto, encaixa-se o registo da autoconstrução na arquitetura tradicional, em que, como mencionado anteriormente, as casas eram construídas de acordo com as necessidades, costumes e materiais locais, sem a necessidade de cumprir legislações ou obter licenças. Este modo de fazer persistiu até aos anos 60 aquando ocorreu uma emigração abundante para países como França, Suíça e Luxemburgo.

> *"Portugal é o país europeu onde, nos últimos quarenta anos, as políticas de urbanismo e do habitat se mantiveram mais insignificantes – quer durante o regime autoritário do Estado Novo quer durante as duas últimas décadas de poder democrático."*[20]

A população do campo, mesmo indo para as cidades, manteve em certa medida os hábitos de autoconstrução, primeiro devido à falta de resposta por parte das entidades públicas e privadas à necessidade de habitação, o que resultou na fixação dessa população em bairros de lata ou loteamentos clandestinos. Por outro lado, também se junta o facto de um dos setores de atividade dominantes dos que emigram ser a construção civíl. Estes pontos permitiram a continuidade e desenvolvimento da tradição de autoconstrução, da entreajuda e transmissão do saber fazer nos novos locais onde se instalam.[21]

O regresso dos emigrantes às terras de origem, alimentado pela ambição da construção da casa, gera um movimento onde as pessoas constroem como podem, muitas vezes por intermédio de solidariedade local e familiar. Desta forma, implementam os novos conhecimentos que obtiveram do contacto com novos materiais e técnicas de construção no país para o qual emigraram, nas suas construções e os transmitem aos mais próximos.

20. PORTAS,Nuno – Prefácio. In VILLANOVA, Roselyne; LEITE, Carolina; RAPOSO, Isabel- Casas de sonhos: emigrantes construtores no Norte de Portugal.

21. VILLANOVA, Roselyne; LEITE, Carolina; RAPOSO, Isabel - Casas de sonhos: emigrantes construtores no Norte de Portugal, p. 19

"a casa constrói-se com a família, os vizinhos, os amigos e, só eventualmente para as tarefas mais especializadas ou que requerem equipamentos mais sofisticados, se faz apelo a um empreiteiro."[22]

22. Ibidem, p.74

Neste registo, existe um afastamento em relação aos técnicos qualificados na realização dos projetos. A escolha passava normalmente por alguém do círculo familiar ou conhecido, que por vezes não possuía qualquer competência académica, aliado a construtores locais. Esta situação deve-se, por um lado, ao desconhecimento dos custos reais de um técnico qualificado - a ideia de que são muito mais caros - e, por outro lado, à comodidade que os meios familiares ou conhecidos permitiam no que diz respeito às práticas de autoconstrução e à implementação das novas técnicas e ideias trazidas do estrangeiro.

Desta forma, é gerado um modo de construir marcado por uma rutura com a tradição na procura de demonstração de riqueza e inovação, contornando a legislação – esta com incapacidade de resposta - em prol de opções individuais influenciadas pela experiência estrangeira, e que é adotado pela maioria da população que emigra e também pela que permanece no país. Todas estas alterações que foram analisadas em relação à casa, a habitação principal, tiveram uma repercussão ainda maior nas construções de menor importância como serve de exemplos os edifícios de apoio à agricultura.

"É preciso dizer que, no meio das extensões urbanas portuguesas do último quarto de século, é difícil distinguir à primeira vista quais são as casas dos emigrantes e quais são aquelas da pequena burguesia ou mesmo de certas camadas populares que não emigraram, de tal modo são fortes as semelhanças de tipologia e até de sinais exteriores de "riqueza" e, conforme as zonas onde aparecem, a distância que evidenciam em relação às tradições locais."[23]

23. PORTAS,Nuno – Prefácio. In VILLANOVA, Roselyne; LEITE, Carolina; RAPOSO, Isabel- Casas de sonhos: emigrantes construtores no Norte de Portugal.

Nos dias de hoje, embora o cenário seja bastante diferente no que diz respeito às regras de construção, que estão cada vez mais rigorosas, o costume da autoconstrução ainda persiste. Isto deve-se

em grande parte ao que foi mencionado, destacando-se a relação duradoura com os hábitos antigos. Inclusive, algumas pessoas ainda viveram nessa época e contribuem para a continuação desse costume. Além disso, há lacunas nas políticas territoriais que também permitem a autoconstrução. No entanto, as construções nos moldes atuais, como discutido anteriormente, trazem consigo vários novos problemas.

No país, existem construções que foram feitas pelas pessoas ao longo do tempo e que não interferiam na paisagem, devido aos materiais locais e dimensões reduzidas. No entanto, neste momento, com a utilização de novos materiais e técnicas construtivas, as pessoas tendem a construir estruturas maiores, que por vezes interferem significativamente na rede viária e têm uma presença muito mais notória.

Deste modo, podemos falar em desencontro, em que, por um lado, há simpatia pela prática da autoconstrução até aos dias de hoje, mas, por outro lado, existe a necessidade de impor certos limites para evitar os abusos que ocorrem em muitas situações.



fig.13. A integração na envolvente de uma construção tradicional perante uma recente.

II OBJETO

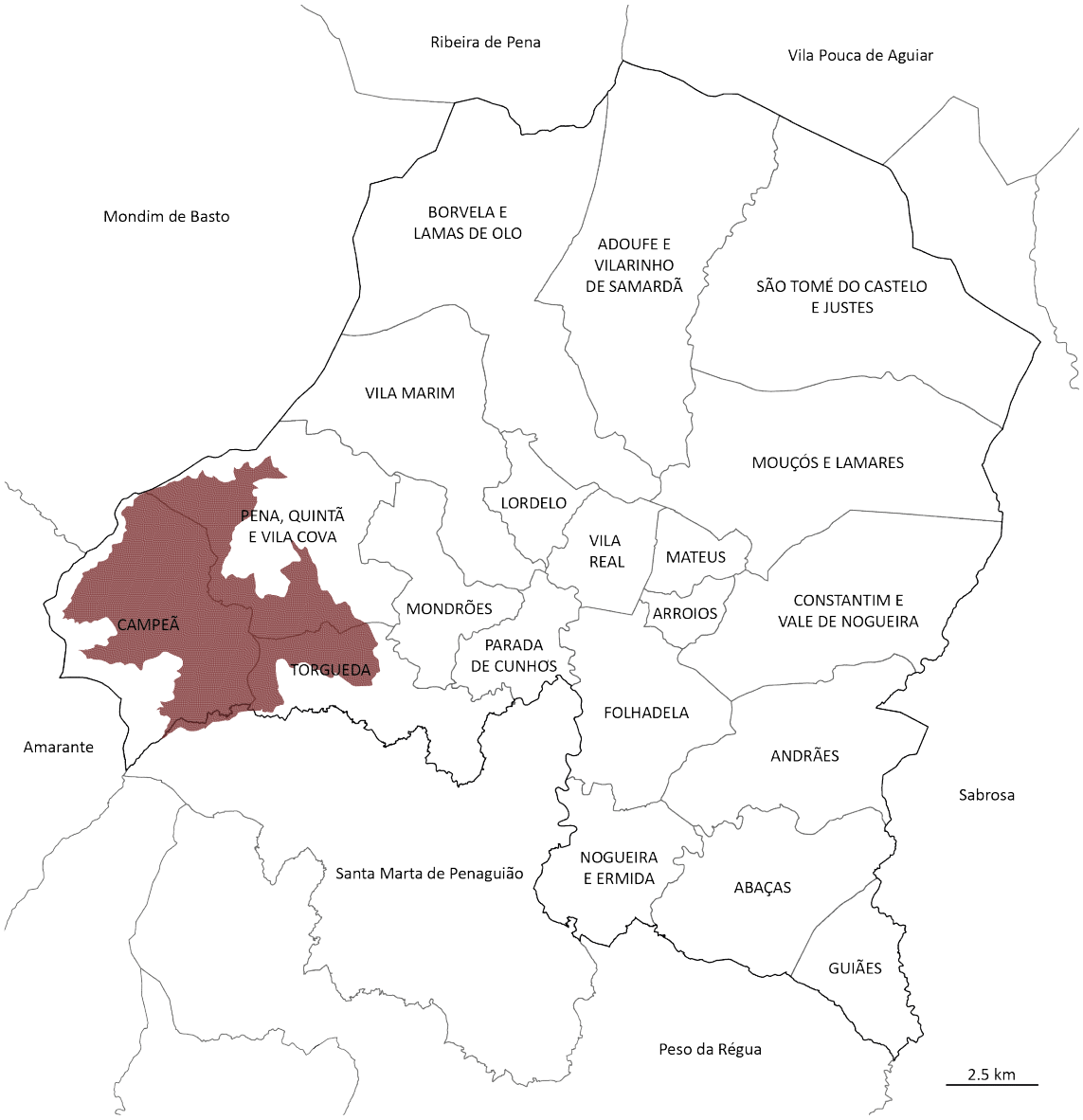


fig.14. Delimitação da área de estudo sobre o mapa do concelho de Vila Real.

Caracterização da Veiga

A cerca de 740 metros de altitude, no concelho de Vila Real, na sub-região do Douro- antiga província de Trás-os-Montes e Alto Douro, encontra-se o objeto de estudo deste trabalho, destacado a vermelho na figura 14. Este está circundado pelos concelhos de Santa Marta de Penaguião a sul e, a noroeste, pelos concelhos de Amarante e Mondim de Basto. Ladeado pela montanha do Marão a norte e pelo Alvão a sul, trata-se de um fértil e extenso planalto denominado por Dionísio Sant'Anna como Veiga Planáltica da Campeã.

> *"É um destes recôncavos de meia altitude, fertilíssimos, que a província de Trás-os-Montes reserva a quem a percorre, para repouso dos olhos, cansados e deslumbrados de tanta paisagem ampla mas pedregosa. Em terras de Barroso, são as veigas de Boticas e de Montalegre; no Alto-Tâmega, é a veiga de Chaves; nas faldas da serra da Padrela, é a veiga de Vila Pouca; no Riba-Tua são as searas e os olivais de Mirandela; na foz do sabor, é o decanto Vale de Vilariça; aqui, ao abrigo das serras do Marão e Alvão, é a veiga planáltica da Campeã, um molheiro de hectares de folhas de cultivo e de pastagens, com meia dúzia de aldeias dispersas, onde vive uma gente mais remediada que pobre, que se sustenta modestamente dos seus batatais, centeios, alguns velhos soutos e da criação do seu típico gado maronês."*[24]

24. DIONÍSIO, Sant'Anna; Guia de Portugal: tomo I: Trás-os--Montes e Alto Douro: Vila Real, Chaves e Barroso. – p. 250 e 251.

Este local é caracterizado pela presença da cor verde durante quase todo o ano, sendo coberto por uma vegetação composta principalmente por carvalhos, pinheiros, freixos, azevinhos e castanheiros numa das partes, e por terrenos de cultivo que sustentam a atividade agropecuária na outra parte. Tudo isso é complementado pela abundância de água gerada pelo encontro de vários ribeiros que correm das montanhas, criando pequenos lagos e represas.

O terreno é constituído essencialmente por ardósia e xisto, materiais que, embora cada vez menos utilizados, aparecem nas edificações atribuindo tons negros às aldeias.



fig.15. Imagem satélite da delimitação da área de estudo.

Longe do mar e protegido das suas influências pelas montanhas do Alvão e Marão, é uma zona com grande contraste climático devido à sua geografia planáltica e montanhosa, cruzada por vales profundos, que resulta num longo inverno frio e num verão curto e quente – *nove meses de Inverno e três de Inferno*.[25]

Todas essas características tornam este local riquíssimo em termos naturais e paisagísticos. Como Joaquim Ribeiro Aires refere ao descrever uma freguesia da Veiga: *(…)"é uma fonte inesgotável de espaços verdes, onde se pode gozar de paisagens naturais que a mão do Homem ainda não corrompeu,"(...)* [26]

Assim, a delimitação da área de estudo é baseada na Veiga Planáltica da Campeã e segue a linha de transição da zona de cultivo, onde ocorre intervenção humana, para a zona de floresta, onde o estado natural é preservado. Isto permite abranger as diversas dinâmicas do quotidiano e as construções associadas. Esta área foi escolhida devido ao número considerável de construções de interesse para este estudo, que têm a capacidade de refletir uma boa parte da totalidade dos exemplos desta região.

25. TABORDA, Virgílio – Clima e ocupações. In DIONÍSIO, Sant'Anna; Guia de Portugal: tomo I: Trás-os-Montes e Alto Douro: Vila Real, Chaves e Barroso, p. 32

26. AIRES, Joaquim Ribeiro – Histórias das Freguesias do Concelho de Vila Real, p. 142

Método de identificação

Para melhor compreender e dar suporte às questões levantadas neste estudo, opta-se pela seleção de uma amostra específica de edificações que demonstram uma maior diversidade de casos no âmbito pretendido.

O critério para identificar as construções para a base de estudo deste trabalho, além da facilidade de acesso, foi sobretudo baseado na localização e uso. Nesse sentido, a escolha recai sobre tipologias associadas à agricultura, criação de animais, armazenamento e abrigos.

Deste modo, opta-se por edificações que estão, na sua maioria, localizadas em terrenos agrícolas e florestais, fora das áreas residenciais. Embora o tema da informalidade possa estar presente na habitação, indústria e serviços, o estudo concentra-se nas construções onde a legalidade não se aplica ou é reduzida, prevalecendo a autoconstrução e o saber fazer.

Relação com lugar

A primeira parte a analisar é o modo como surgem este tipo de construções no território. Embora se trate de construções dentro da mesma categoria e muitas delas com o mesmo programa, estas variam em inúmeros aspetos de umas para as outras, não existindo uma leitura homogénea. Apresentam uma enorme variedade no que toca à composição das peças, desde a implantação, dimensionamento e relação com o contexto.

Dado que as diferenças podem influenciar o modo como surgem as construções, procura-se identificar tipologias que descrevam como estas peças se relacionam com o território, utilizando a análise cartográfica, o mapa satélite e a informação recolhida no levantamento e estudo em campo. Começa-se, assim, por definir quatro modos diferentes, com nomenclaturas que procuram descrever o modo como as peças se relacionam com o terreno: "encostado," "inserido," "extremo" e "pousado." Cada um destes modos é individualmente descrito de seguida. É importante mencionar que, devido à diversidade, alguns casos podem apresentar características válidas para duas ou mais categorias, optando-se nesses casos por considerar a que revela ser a principal da intervenção.

Objeto Encostado

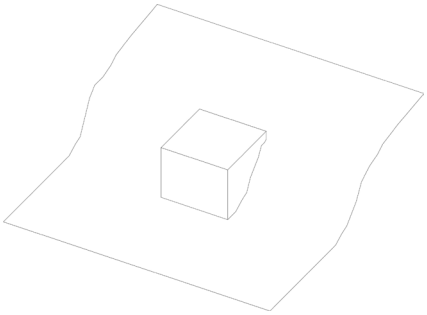


fig.16. Axonometria que retrata objeto encostado.

O modo "objeto encostado" é caracterizado pelo posicionamento da construção junto a uma parte inclinada e natural do terreno. Observa-se uma preferência por situar a construção próxima de uma zona inclinada ou de uma escarpa, a fim de aproveitar essa inclinação como parte da parede da edificação. Geralmente, essas construções são encontradas na transição entre áreas mais planas e encostas, fora das zonas de cultivo.

Uma das características mais importantes deste modo é a forma como utiliza as características naturais do terreno para favorecer a construção, sem que isso altere significativamente a paisagem onde está inserida.



fig.17. Edifício totalmente encostado a um plano inclinado, fazendo uso do mesmo como parte da sua composição.

Objeto Inserido

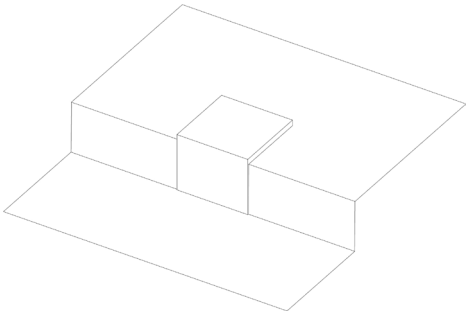


fig.18. Axonometria que retrata objeto inserido.

O "objeto inserido" é um processo baseado na incorporação da construção diretamente no solo, geralmente em terrenos modelados em patamares ou socalcos. Esta abordagem envolve a modificação da paisagem, a construção de muros e a integração em patamares construídos. Devido às suas características, é comum surgir em zonas com declives, onde se utilizam patamares, calços e até mesmo as próprias construções para nivelar o terreno.

Neste tipo de intervenção, semelhante ao anterior, enfatiza-se a ideia de aproveitar as características naturais do terreno. Durante o processo de modelação do terreno, a construção é utilizada para criar o patamar, e vice-versa.



fig.19. Construção totalmente inserida no patamar.

Objeto Extremo

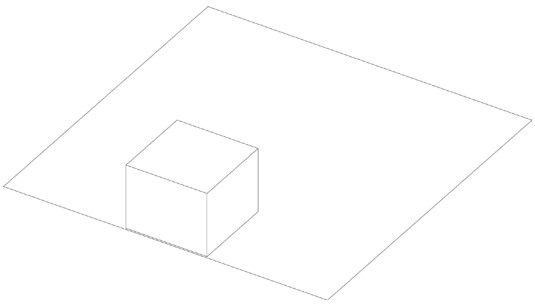


fig.20. Axonometria que retrata objeto extremo.

No terceiro modo, chamado de "objeto extremo," que é o mais comum entre as construções identificadas neste estudo, consiste na colocação do edifício junto a um dos limites da parcela. Estas construções são encontradas em várias áreas distintas, geralmente localizadas ao longo dos limites próximos às vias de circulação.

A ideia de aproveitar as características naturais do local não está muito presente neste modo, e a abordagem baseia-se simplesmente em utilizar as extremidades do terreno para edificar, interferindo o mínimo possível na zona de cultivo. Em alguns casos, destaca-se o uso dos muros que delimitam os terrenos como suporte ou parte integrante da estrutura do edifício.



fig.21. Construção apoiada no muro que delimita o terreno.

Objeto Pousado

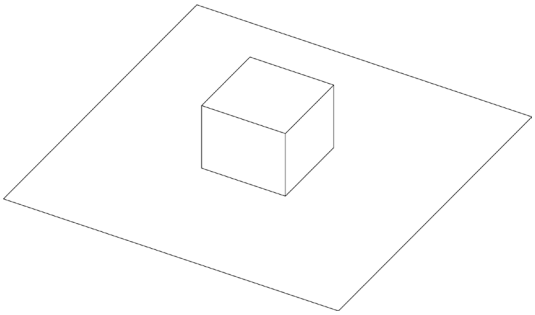


fig.22. Axonometria que retrata objeto pousado.

"Objeto pousado" é a denominação escolhida para as construções que se encontram dispostas de várias maneiras dentro da parcela. Estas construções não apresentam um critério específico em relação à sua localização e são mais comuns em áreas planas.

Trata-se de um método simples, como o próprio nome sugere. As construções são colocadas no solo sem grandes adaptações por ambas as partes, e, por vezes, ocupam áreas de cultivo.



fig.23. Construção pousada no terreno.

Usos

Na análise da localização das construções, procurou-se caracterizar a relação que existe entre o local e a forma. Agora, segue-se uma análise com o objetivo de identificar os diferentes usos dos edifícios presentes na área de estudo.

Assim, identificam-se os diferentes usos de acordo com as informações locais obtidas durante o estudo em campo. Foram identificados os seguintes usos: produção de energia, apoio agrícola, criação e abrigo de animais, arrumos diversos e abrigos.

Da mesma forma como na análise anterior, devido à diversidade de soluções, alguns casos podem incorporar mais do que uma das tipologias identificadas. Nestes casos, consideraram-se ambos os usos.



fig.24. Um pequeno abrigo de animais. Campeã.

Proveito de energia- Moinhos



fig.25. Localização dos exemplares de proveito de energia na área de estudo.

Perante as várias tipologias encontradas, os edifícios associados ao aproveitamento de energia, neste caso, os moinhos de água utilizados para moer milho, trigo e centeio, são os que se encontram em maior quantidade no seu estado original. No entanto, alguns deles já estão num estado avançado de degradação. Além disso, estes edifícios apresentam uma maior homogeneização entre si.

Dos exemplos encontrados, apenas um estava a ser utilizado no momento da análise. No entanto, estas construções tiveram uma grande importância no dia a dia das comunidades locais, pois a farinha produzida nos moinhos era utilizada para fazer pão. É importante ressaltar que existem mais exemplares de moinhos na área de estudo, mas apenas foram identificados aqueles que estavam mais diretamente relacionados com os terrenos agrícolas.

Todos os moinhos apresentavam características fundamentais como sistemas de condução das águas até aos edifícios, mesmo quando não existe percursos de água perto, e também diversos engenhos para aproveitar a energia da movimentação da água.



fig.26. Moinho em ruína. Pêpe, Campeã.



fig.27. Moinho que não está a funcionar, mas está minimamente preservado. Pêpe, Campeã.



fig.28. Moinho em ruína. Pêpe, Campeã.

Apoio agrícola

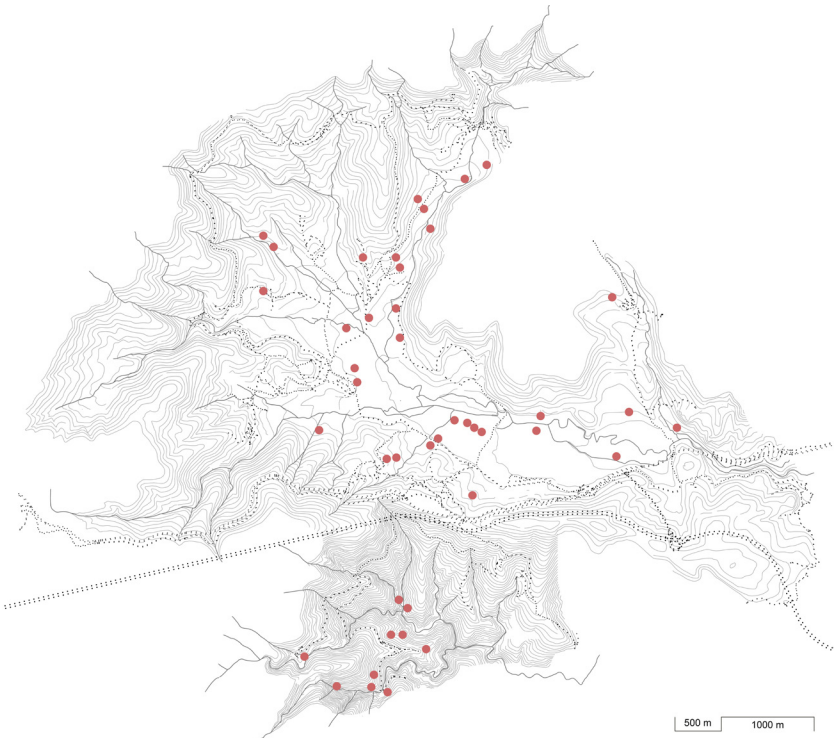


fig.29. Localização dos exemplares de apoios agrícolas na área de estudo.

As edificações associadas ao apoio à atividade agrícola são as que estão presentes em maior número. Trata-se de peças das mais variadas formas, geralmente associadas a terrenos agrícolas, cuja função consiste em arrumar, guardar ou armazenar os mais diversos objetos, produtos e utensílios relacionados com a agricultura. Esta tipologia é de grande importância, uma vez que, como mencionado anteriormente, a área de estudo é fortemente caracterizada pela agricultura, seja de grande escala ou pequenas hortas.

Nesta categoria, encontram-se construções desde as mais antigas até as mais recentes, que apresentam uma enorme variedade de materiais e formas. Isto leva à ausência de características gerais associadas a estas edificações, exceto pelo simples objetivo de criar um espaço para guardar o que for necessário para apoiar a atividade agrícola.



fig.30. Apoio agrícola em uso. Vila Cova.



fig.31. Apoio agrícola aparentemente sem uso. Aveçãozinho, Campeã.



fig.32. Apoio agrícola em uso. Viariz, Campeã.

Criação e abrigo de animais

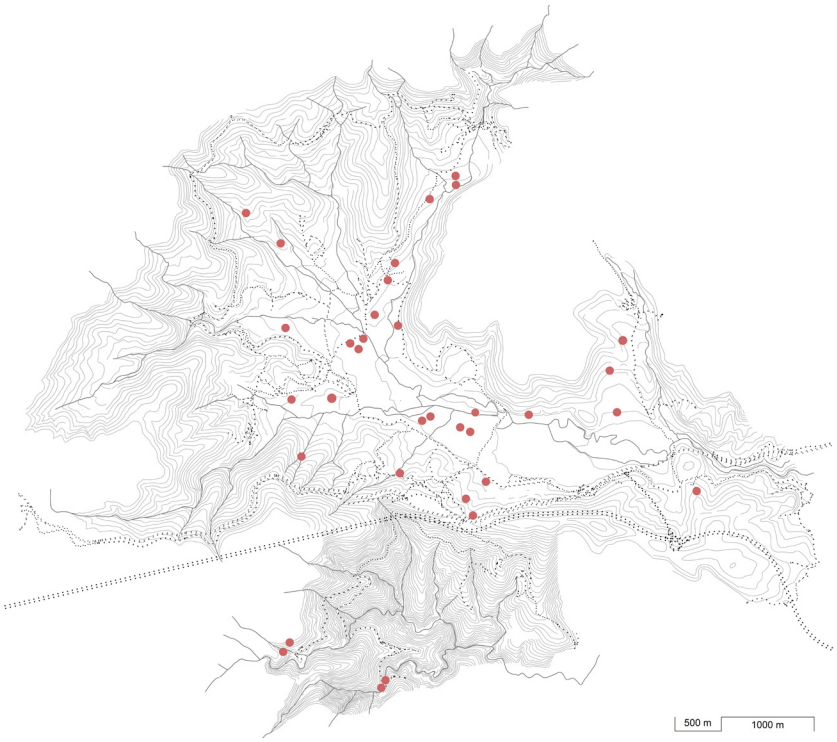


fig.33. Localização dos exemplares de criação e abrigo de animais na área de estudo.

À semelhança da tipologia anterior, as construções relacionadas com a criação e abrigo de animais apresentam-se nas mais variadas formas e materiais. A sua função consiste em abrigar ou guardar os animais, principalmente durante a noite, e geralmente estão localizadas junto a terrenos de pasto ou perto da habitação dos proprietários.

Esta tipologia mantém, até à data deste estudo, uma grande quantidade de exemplares em utilização, sendo ainda um elemento de apoio importante nos dias de hoje.

Similarmente, nesta tipologia encontram-se exemplos tanto recentes como antigos, o que torna difícil definir características gerais em termos de forma e material.



fig.34. Duas construções de abrigo e criação de animais. Pêpe, Campeã.



fig.35. Peça de abrigo e criação de animais, neste caso ovelhas. Pêpe, Campeã.



fig.36. Peça de abrigo e criação de animais, neste caso ovelhas. Quintã.

Arrumos diversos

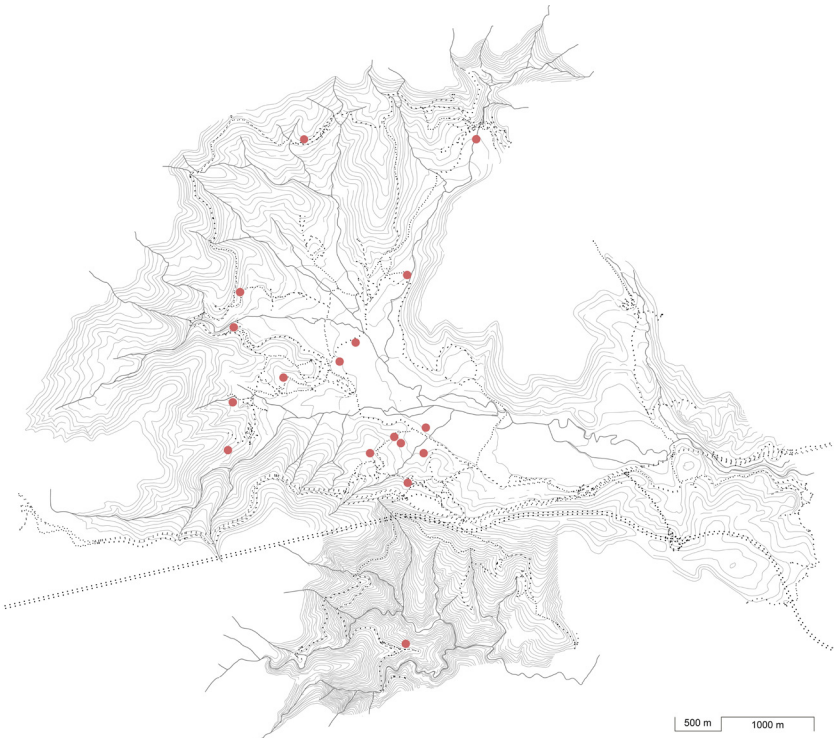


fig.37. Localização dos exemplares de arrumos diversos na área de estudo.

Os arrumos diversos são uma tipologia mais recente que atende às necessidades atuais, surgindo como espaços para armazenar uma variedade de itens. Embora na sua maioria estejam localizados em áreas agrícolas ou florestais, geralmente estão associados como espaços complementares às habitações, situados nos logradouros ou terrenos próximos.

Os exemplares encontrados desta tipologia são relativamente recentes, facto identificado devido à materialidade dominante, a chapa metálica.



fig.38. Peça para arrumo de lenha junto a uma estrada nacional. Aveção do Cabo, Campeã.



fig.39. Peça para arrumos de veículos. Viariz, Campeã.



fig.40. Peça para arrumos de veículos associada a uma habitação. Vendas, Campeã.

Abrigos

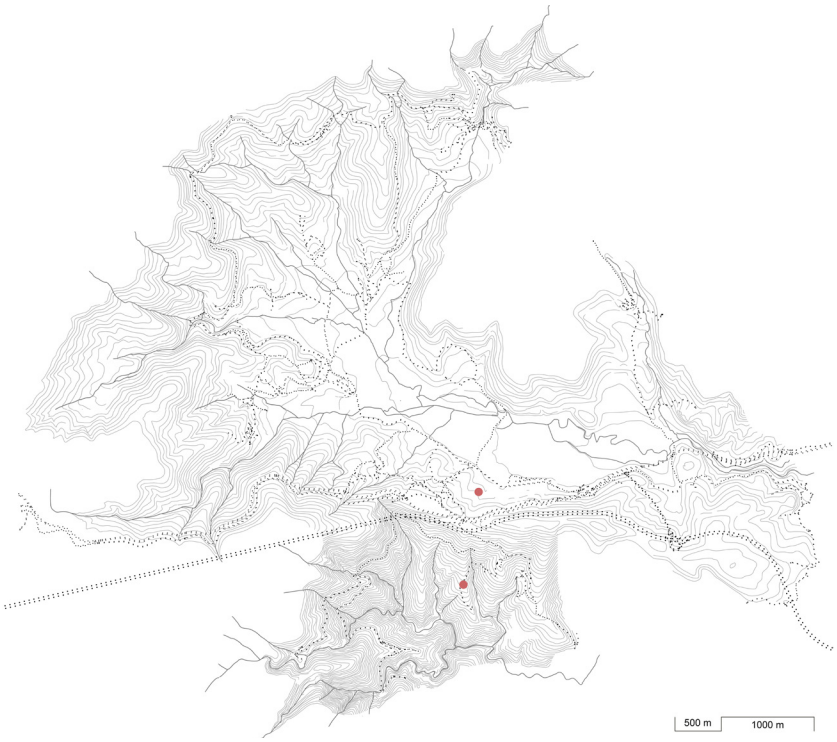


fig.41. Localização dos exemplares de abrigos na área de estudo.

Embora tenham sido encontrados poucos exemplares, houve a necessidade de criar a tipologia do abrigo, pois os abrigos de apoio ao pastoreio foram, em tempos, peças muito vulgares e úteis, mas que atualmente entraram em desuso. Devido às suas materialidades e localizações estratégicas, normalmente situados em zonas de pasto, tornam-se difíceis de encontrar. Contudo, os exemplos encontrados apresentam-se em bom estado de conservação e expressam a sua simples função.



fig.42. Abrigo de pastores enquadrado no muro. Viariz, Campeã.



fig.43. O abrigo visto de frente, onde se facilmente a sua organização. Viariz, Campeã.



fig.44. Abrigo no meio de campos agrícolas semi-entrerrado. Vendas, Campeã.

Materialidade e forma

Casos de estudo

No decorrer do trabalho, para aprofundar melhor a análise das construções mencionadas ao longo deste estudo, principalmente no que diz respeito à materialidade e forma, optou-se por selecionar um número restrito de construções que serão analisadas mais detalhadamente.

O critério de seleção dos casos para o estudo mais detalhado foi identificado logo a partir de uma primeira análise, aquando do levantamento. Baseou-se na distinção no que diz respeito à materialidade, o que acabou por se tornar o molde orientador do estudo no terreno. Estabeleceram-se categorias definidas de acordo com os materiais utilizados, numa combinação da materialidade das paredes com a materialidade das coberturas. Surgiram assim seis combinações de materialidades, organizadas de acordo com a parede-cobertura: **pedra-lousa**[27]; **pedra-chapa**[28]; **tijolo/bloco-telha**; t**ijolo/bloco-chapa**; **chapa-chapa**; **madeira-chapa**.

Do conjunto de construções estudadas, foram selecionados exemplos que, de um modo geral, expressam melhor as características principais de cada categoria. Importa referir que a diversidade é uma constante muito presente neste trabalho. Como tal, todas as peças encontradas apresentam características diferentes umas das outras. Portanto, o objetivo não é apresentar modelos de cada categoria, mas sim os diferentes exemplos que demonstram o máximo possível da variedade que existe dentro de cada categoria de materiais definida.

Acrescenta-se também que o levantamento não tomou o caminho da precisão e rigor, mas sim uma percepção da maneira como foram empregues e utilizados os materiais, assim como as suas formas associadas.

27. Embora se trate de pedra, optou-se por destacar devido á sua forma específica e utilização na cobertura.

28. A denominação chapa surge para abranger todos os tipos de materiais em formato chapa, desde metal, fibra e outros.









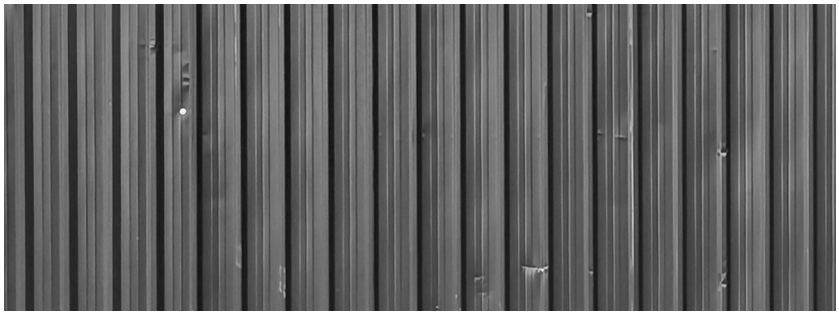


fig.45. Registo de textura das materialidades.

Pedra-Lousa

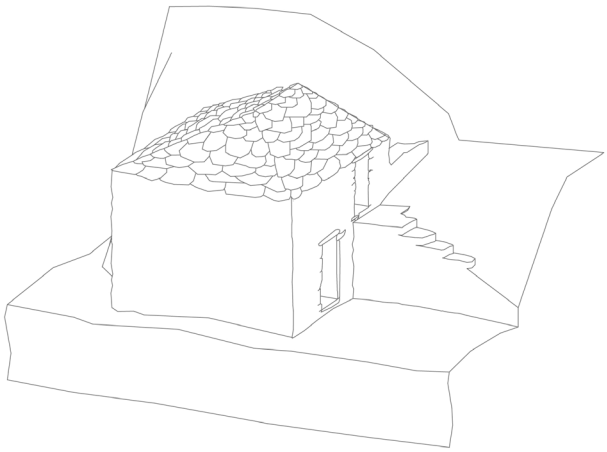


fig.46. Axonometria de Buraco_I. Construção em parede de pedra e cobertura de lousa.

O levantamento no terreno seguiu uma organização assente nos materiais utilizados, e como tal os primeiros exemplos que se apresentam correspondem à combinação de materiais pedra-lousa. Esta categoria consiste nas construções em materiais no seu estado mais natural possível e trabalhados manualmente, os materiais tradicionais .

À data deste trabalho, a grande maioria dos exemplos encontrados deste tipo de construção encontram-se em estado de degradação e abandono, em grande parte devido à sua função associada, como, por exemplo, a agricultura e a produção de animais para autossustento, que têm cada vez menos adesão.

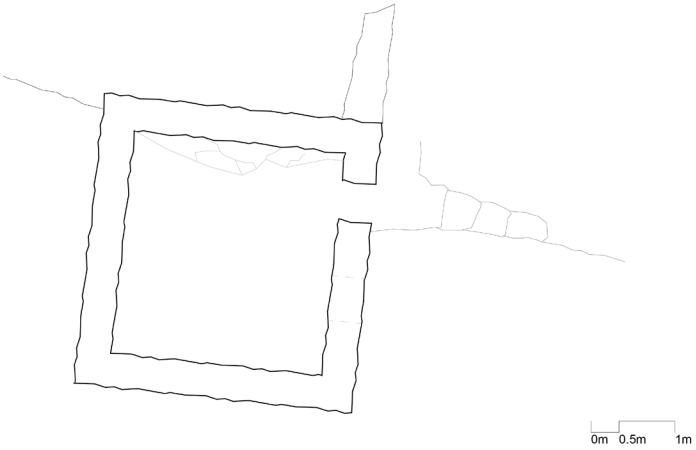


fig.47. Planta da peça Buraco_I.

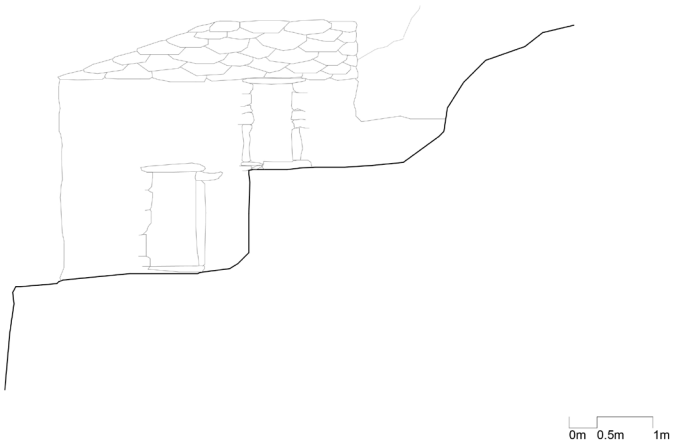


fig.48. Alçado da peça Buraco_I.



fig.49. Enquadramento da peça Buraco_I.

No que diz respeito à forma, esta categoria apresenta exemplares muito variados. O que os interliga é o facto de estarem dentro da mesma família de materiais e métodos construtivos. No entanto, identificaram-se pontos que caracterizam a forma destas construções de forma geral: a sua estrutura é composta por paredes em alvenaria de xisto irregular, geralmente com duas faces com cal ou terra no interior, com vigas de madeira tanto na laje de piso, onde suportam o soalho, como na cobertura para suportar o revestimento. Os revestimentos são maioritariamente em pedra, sob a forma de lousa (lâminas finas de xisto) para a cobertura, e pedra talhada para a formação das paredes e respetivos vãos. Pontualmente encontra-se a madeira como revestimento exterior de paredes e nas padieiras dos vãos.

No que diz respeito à geometria, esta categoria apresenta uma planta irregular, próxima da quadrangular ou retangular, constituída por dois pisos com alturas reduzidas. As aberturas são de pequenas dimensões, incluindo pelo menos uma porta para cada piso e uma janela no piso superior. As coberturas são compostas por três ou mais águas, de modo a tirar o maior proveito do piso superior e subir o menos possível as paredes. Estas construções são volumetricamente marcadas pela espessura das paredes com vãos profundos e um espaço interior reduzido em relação à volumetria. A cobertura possui um beirado em todo o perímetro para proteger as paredes da água.

Nesta categoria, embora exista uma variedade de proporções e dimensões, é possível identificar uma uniformidade na organização dos materiais e na composição das aberturas.



fig.50. Enquadramento da peça Cotorinho_I.



fig.51. Enquadramento da peça Cotorinho_IV.



fig.52. Enquadramento da peça Pêpe_I.

Pedra-Chapa

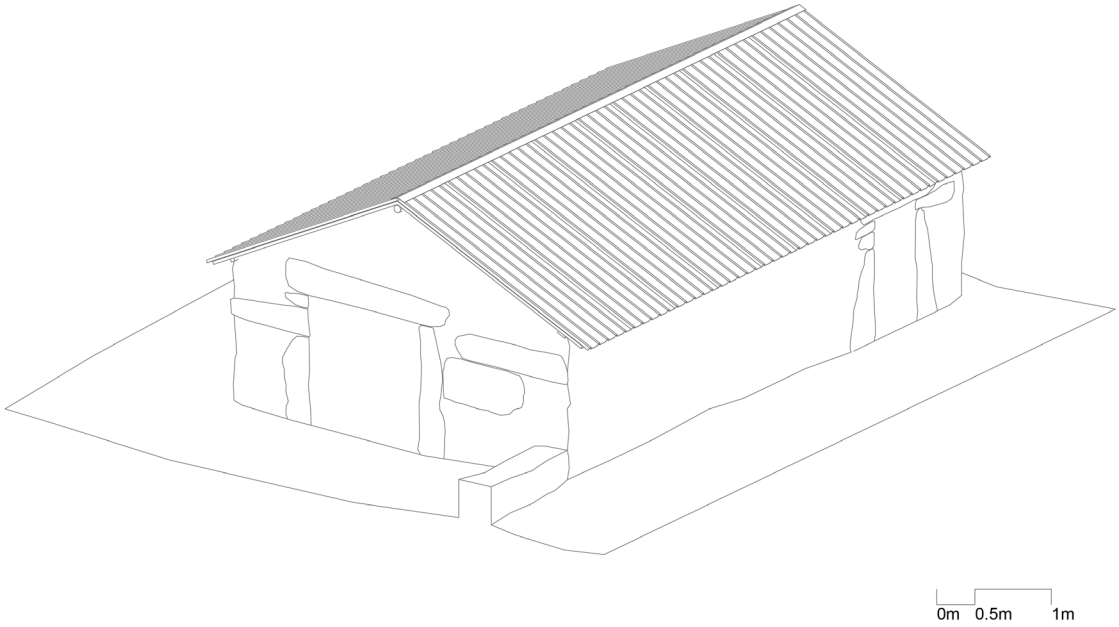


fig.53. Axonometria de Gontães_I. Construção em parede de pedra e cobertura de chapa.

As construções que se seguem, em tempos pertenceram à primeira tipologia apresentada, mas que por força do tempo foram intervencionadas no âmbito da reconstrução e alteração, ou seja, sofreram alterações significativas da sua forma e materialidade original. Desta forma, enquadram-se nesta categoria as construções que têm como base materiais naturais como a pedra, conjuntamente com materiais de caráter industrial, neste caso, a chapa. Os exemplos aqui apresentados tendem a ser peças ligadas à agricultura e criação de animais, que ao longo do tempo se foram adaptando às variadas necessidades a que foram sujeitas.

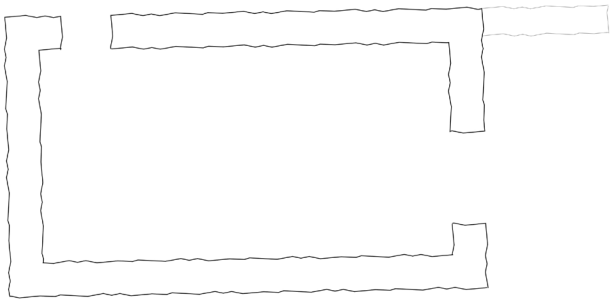


fig.54. Planta da peça Gontães_I.



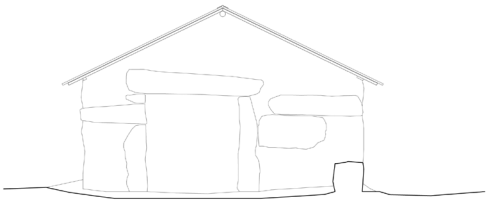


fig.55. Alçado da peça Gontães_I.





fig.56. Enquadramento da peça Gontães_I.

No que diz respeito à forma, esta tipologia divide-se em dois tipos de intervenção, uma que apenas altera a materialidade de certas partes; na maioria dos exemplos, substituem a cobertura; e outra em que é acrescentada mais volumetria à existente. Definem-se assim as características gerais de ambas: a estrutura tem como base paredes de alvenaria de pedra, e quando é acrescentado um piso, aparecem paredes em alvenarias leves. Na cobertura, as vigas são metálicas ou de madeira. Como revestimentos, apresentam nas paredes a pedra à vista e o reboco nas alvenarias leves; na cobertura, temos a chapa metálica.

No que diz respeito à volumetria, nos casos em que apenas se altera a materialidade, não existem muitas diferenças das construções apresentadas na primeira tipologia, introduz-se um material novo sem alterar a forma. Nos casos em que acrescentam volumetria, já apresentam características distintas. Embora a planta mantenha os mesmos moldes, estas construções apresentam proporções diferentes, ou seja, são peças mais altas e esguias, pois é acrescentado um piso ao existente. Nestes casos em que é acrescentado um piso, os vãos são maiores e as coberturas são simplificadas para duas ou até uma água.

Esta tipologia é a transição dos exemplos mais antigos para os exemplos mais recentes, tem na sua composição algumas características de ambos os momentos.



fig.57. Enquadramento da peça Cotorinho_II.



fig.58. Enquadramento da peça Estalagem_IV.



fig.59. Enquadramento da peça Vila Cova_II.

Tijolo/Bloco-Telha

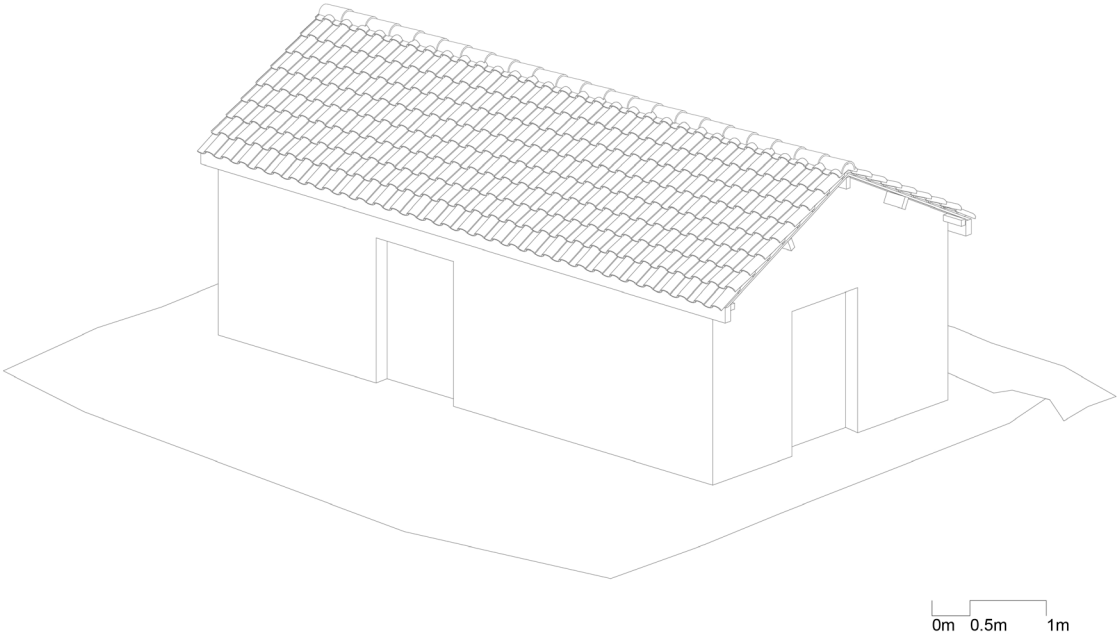


fig.60. Axonometria de Sardoeira_I. Construção em parede de bloco e cobertura de telha.

Segue-se a categoria dos materiais de produção industrial, com a combinação de tijolo ou bloco na composição da parede e telha como revestimento da cobertura. Esta categoria corresponde aos primeiros exemplares na transição dos materiais tradicionais para os modernos, mantendo, de certo modo, as características das construções mais antigas e apenas alterando os materiais.

Estas construções apresentam uma grande variedade de usos e estados de conservação, ou seja, encontram-se tanto peças em estado de ruína como construídas recentemente.

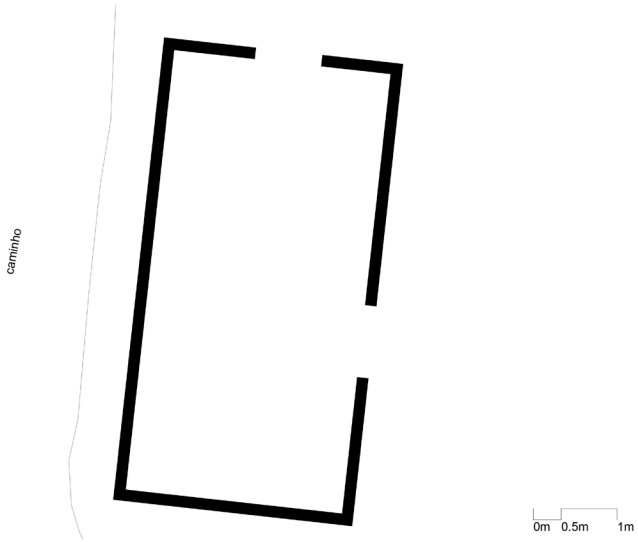


fig.61. Planta da peça Sardoeira_I.

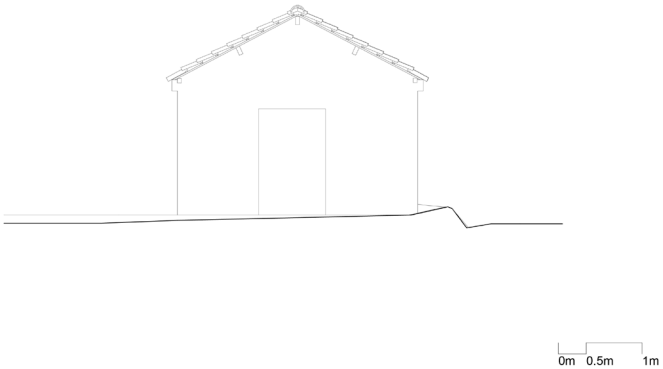


fig.62. Alçado da peça Sardoeira_I.



fig.63. Enquadramento da peça Sardoeira_I.

Em relação à forma, esta categoria, na maioria dos casos, possui uma volumetria com planta retangular e uma cobertura de duas águas. A sua organização é baseada em apenas um piso com duas ou mais aberturas. A estrutura é composta por paredes de alvenarias leves (bloco de betão ou tijolo), com vigas de betão ou de madeira; as paredes podem ser rebocadas ou apresentar a alvenaria à vista. Quanto à cobertura, utiliza-se telha cerâmica ou de cimento.

Esta categoria é a que se apresenta em menor número, embora seja utilizada na agricultura, abrigo e criação de animais, também tende a ser utilizada como arrumos.



fig.64. Enquadramento da peça Quintã_II.



fig.65. Enquadramento da peça Estalagem_IV.

Tijolo/Bloco- Chapa

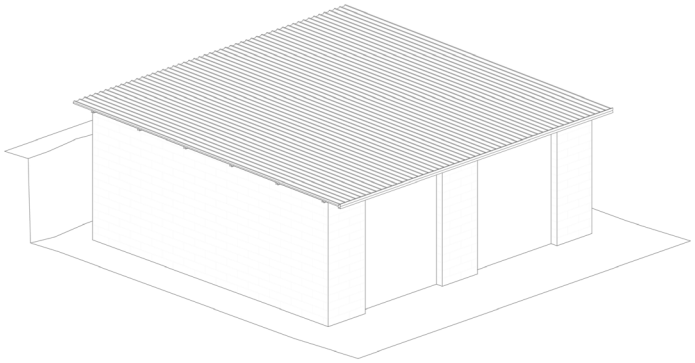




fig.66. Axonometria de Pêpe_V. Construção em parede de bloco e cobertura de chapa.

Semelhante à apresentada anteriormente, mostra-se a categoria dos materiais de produção industrial na combinação de tijolo ou bloco para a composição das paredes e a chapa como revestimento da cobertura. Este tipo de construções são as que se apresentam em maior número e com uma grande variedade de usos.

Relativamente à forma, esta categoria apresenta a maior diversidade, sendo o que as interliga os materiais e os métodos construtivos utilizados. Contudo, é possível apontar aspetos que caracterizam a forma deste conjunto de construções: a estrutura é composta por paredes de alvenarias leves (bloco de betão ou tijolo), rebocadas ou com a alvenaria à vista; na cobertura, são

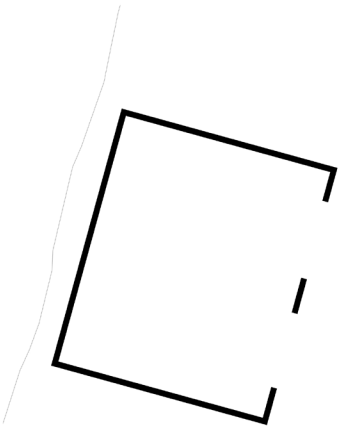


fig.67. Planta da peça Pêpe_V.

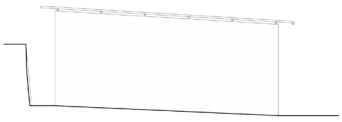


fig.68. Alçado da Pêpe_V.



fig.69. Enquadramento da peça Pêpe_V.

utilizadas vigas de betão, metal ou de madeira, e como revestimento aparece a chapa metálica ou o fibrocimento.

No que toca à volumetria, estas construções apresentam-se também numa planta retangular, sendo que as dimensões aqui variam bastante. No que toca à implantação, surgem peças que vão desde os 2 m² aos 110 m², e em altura de 1,8 m até aos 5,9 m. A sua organização é apenas num piso e com poucas aberturas, em muitos casos apresentam apenas uma. Relativamente à forma da cobertura, esta categoria apresenta coberturas de uma água e duas águas.

Esta tipologia é a que mais pontua o território, devido à sua quantidade de exemplares, e sobretudo à desigualdade que apresentam de umas peças para as outras. Este tipo de construções é utilizada na agricultura, abrigo e criação de animais, mas também tende a ser utilizada como arrumos.



fig.70. Enquadramento da peça Cotorinho_V.



fig.71. Enquadramento da peça Pêpe_VI.

Chapa- Chapa

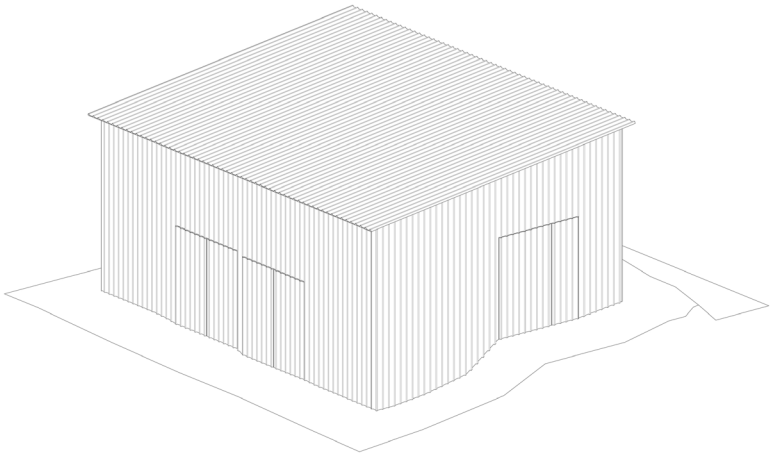


fig.72. Axonometria de Vendas_I. Construção em parede revestida a chapa e cobertura de chapa.

Apresenta-se a categoria com exemplares mais recentes, que consiste na utilização de chapa metálica tanto como revestimento de parede como de cobertura.

Quanto ao seu uso, estas construções atendem às necessidades mais atuais, com alguns casos ligados à criação e abrigo de animais, mas na maioria das vezes relacionados à agricultura e, sobretudo, como espaços de arrumos diversos. Por este motivo, estas construções tendem a estar localizadas mais próximas das habitações, em algumas situações, funcionando como complementos.

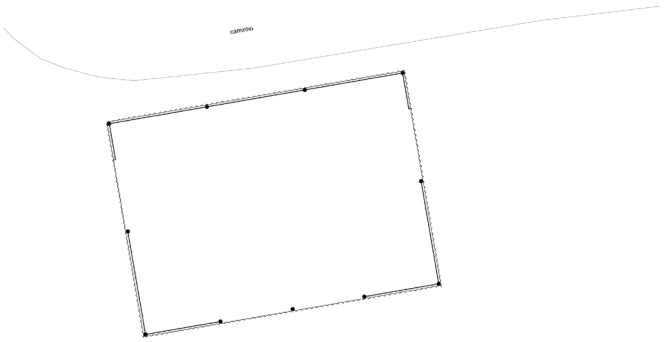


fig.73. Planta da peça Vendas_I.

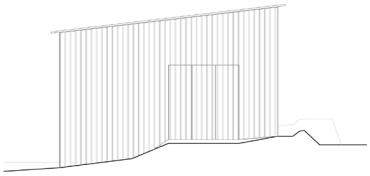


fig.74. Alçado da Vendas_I.



fig.75. Enquadramento da peça Vendas_I.

Das várias construções estudadas, as que se enquadram nesta categoria são as que apresentam maior conformidade em relação à sua forma. Embora haja variações na materialidade da estrutura, que pode ser de madeira, metal ou uma combinação de ambos, no que diz respeito ao revestimento, é utilizada chapa metálica tanto nas paredes como na cobertura. Assim, geralmente apresentam uma volumetria com uma planta retangular e uma cobertura de uma água. As aberturas podem variar, mas é digno de notar que pelo menos uma delas possui dimensões suficientes para permitir o acesso de um veículo.

Uma característica adicional a ser considerada nesta categoria é a cor dos revestimentos. Nos exemplos encontrados, a cor destaca-se à primeira vista, mesmo à distância. Predominam dois tons: o vermelho-escuro e o verde, também escuro. Em alguns casos, essas cores são usadas em conjunto, com a cobertura em vermelho e as paredes em verde, mas também existem casos em que apenas uma dessas cores é usada para revestir os edifícios por completo. Alguns exemplares apresentam chapas de cor cinza, mas são menos comuns.



fig.76. Enquadramento da peça Estalagem_IX.



fig.77. Enquadramento da peça Chão Grande_I.



fig.78. Enquadramento da peça Vila Cova_I.

Madeira- Chapa

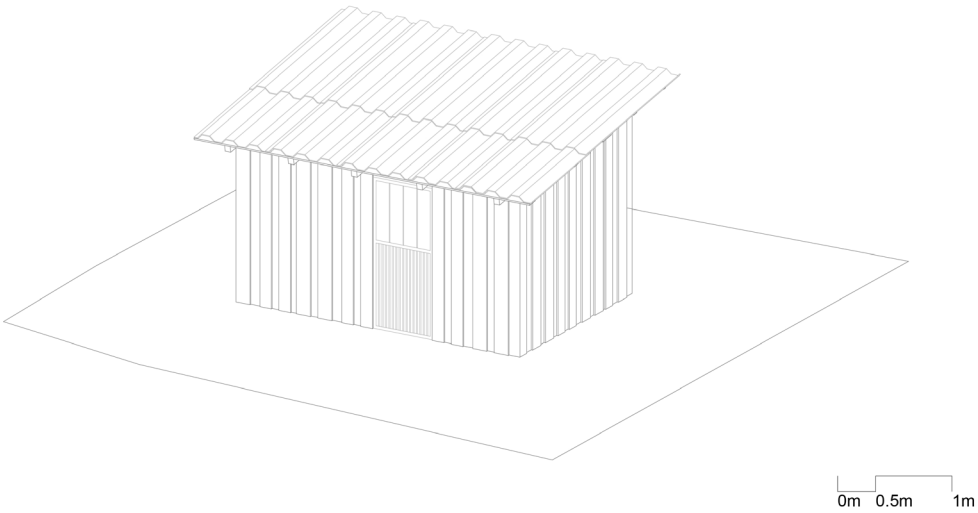


fig.79. Axonometria de Balsa_I. Construção em parede revestida a madeira e cobertura de chapa.

Por último, a sexta categoria é definida pela utilização de madeira na parede e chapa na cobertura. Contém apenas três exemplares com usos distintos: um abrigo de animais, um apoio agrícola e um arrumo.

No que diz respeito à forma, à semelhança da categoria anterior, também apresenta uniformidade. A estrutura é em madeira e possui uma planta retangular, com um único piso e cobertura de uma água.

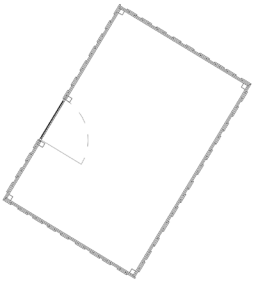




fig.80. Planta da peça Balsa_I.

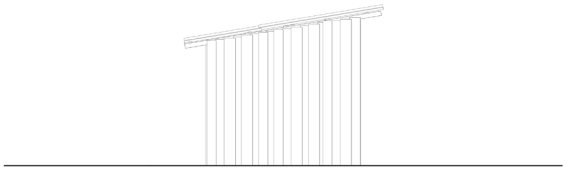




fig.81. Alçado da peça Balsa_I.



fig.82. Enquadramento da peça Balsa_I

Os vãos são elementos que se destacam na composição destas construções, uma vez que, em alguns casos, são apenas vazios nas paredes, não tendo qualquer fechamento para o vão. A madeira é utilizada como revestimento das paredes, enquanto na cobertura é aplicada chapa metálica ou fibrocimento.

Nestas construções, destaca-se o uso da madeira como material predominante e também a integração dessas construções no contexto local.



fig.83. Enquadramento da peça Vidoal_I.



fig.84. Enquadramento da peça Montes_III.

	Uso	Data Construção	Forma	
			Pisos	Cobertura
Buraco I	apoio agrícola	indeterminado	2	3 águas
Cotorinho I	apoio agrícola	indeterminado	2	3 águas
Cotorinho III	apoio agrícola, criação e abrigo de animais	indeterminado	2	2 águas
Cotorinho IV	apoio agrícola	indeterminado	1	2 águas
Cotorinho VI	apoio agrícola, criação e abrigo de animais	indeterminado	2	1 água
Lagoa I	proveito de energia	indeterminado	1	2 águas
Montes II	criação e abrigo de animais	indeterminado	2	3 águas
Pêpe I	proveito de energia	indeterminado	1	4 águas
Quintã I	proveito de energia	indeterminado	1	2 águas
Vendas II	abrigo	indeterminado	1	1 água
Viariz da Santa I	abrigo	indeterminado	1	2 águas
Sardoeira I	apoio agrícola	indeterminado	1	2 águas
Estalagem II	apoio agrícola	indeterminado	1	1 água
Estalagem IV	apoio agrícola, criação e abrigo de animais	indeterminado	2	2 águas
Quintã II	apoio agrícola	indeterminado	1	2 águas
Estalagem VI	apoio agrícola, criação e abrigo de animais	ind. / alt. 2002-2006	2	2 águas
Pêpe VI	apoio agrícola	entre 2002-2006	1	1 água
Estalagem VII	apoio agrícola	entre 2006-2010	1	1 água
Pêpe II	apoio agrícola, criação e abrigo de animais	entre 2006-2010	2	2 águas
Pêpe III	criação e abrigo de animais	entre 2006-2010	1	1 água
Vila Cova II	criação e abrigo de animais	entre 2006-2010	1	2 águas
Vendas I	criação e abrigo de animais	entre 2010-2013	1	1 água
Cotorinho V	apoio agrícola	ind. / alt. 2013-2015	1	2 águas
Gontães I	apoio agrícola	ind. / alt. 2015-2019	1	2 águas
Balsa I	apoio agrícola	entre 2015-2019	1	1 água
Pêpe V	apoio agrícola	entre 2015-2019	1	1 água
Chão Grande I	criação e abrigo de animais	entre 2015-2019	1	1 água
Montes III	abrigo de animais	entre 2015-2019	1	1 água
Pêpe IV	apoio agrícola	entre 2015-2019	1	1 água
Cotorinho II	apoio agrícola	ind. / alt. 2020-2021	2	3 águas
Estalagem IX	criação e abrigo de animais	entre 2020-2021	1	1 água
Vila Cova I	criação e abrigo de animais	entre 2020-2021	1	1 água
Vidoal I	arrumos diversos	entre 2021-2022	1	1 água

Dimensão		Relação com Lugar	Materialidade	
Implantação	Cércea		Parede	Cobertura
27 m2	4.5	objeto encostado	pedra	lousa
34 m2	5	objeto encostado	pedra	lousa
23 m2	4.3	objeto encostado	pedra	lousa
aprox. 10.8 m2	2	objeto inserido	pedra	lousa
18 m2	3.3	objeto encostado	pedra	lousa
aprox. 41 m2	2.3	objeto extremo	pedra	lousa
28 m2	5.2	objeto inserido	pedra	lousa
aprox. 23 m2	2.9	objeto extremo	pedra	lousa
aprox. 20 m2	2.85	objeto extremo	pedra	lousa
aprox. 7.6 m2	1.8	objeto inserido	pedra	lousa
aprox. 8.9 m2	2.2	objeto encostado	pedra	lousa
28 m2	3.75	objeto extremo	bloco	telha
4 m2	1.85	objeto pousado	bloco	betão
29 m2	7	objeto extremo	bloco	telha
70 m2	4.67	objeto extremo	bloco	telha
28 m2	5.3	objeto extremo	pedra/bloco	chapa
11 m2	2.2	objeto extremo	bloco	chapa
1.65 m2	1.64	objeto extremo	bloco	betão
110 m2	5.9	objeto extremo	bloco	chapa
14.5 m2	2.7	objeto extremo	Chapa	telha
aprox. 118 m2	3	objeto extremo	pedra/bloco	chapa
84 m2	5.8	objeto extremo	chapa	chapa
13.8 m2	2.8	objeto encostado	tijolo	chapa
42.5 m2	3.3	objeto extremo	pedra	chapa
11 m2	2.6	objeto extremo	madeira	chapa
76 m2	3.8	objeto extremo	bloco	chapa
31 m2	3.48	objeto extremo	chapa	chapa
12 m2	2.6	objeto extremo	madeira	plástico
41 m2	3.15	objeto pousado	chapa	chapa
28 m2	5	objeto encostado	pedra	chapa
10 m2	2.57	objeto pousado	chapa	chapa
53.7 m2	3.7	objeto pousado	chapa	chapa
28.5 m2	2.8	objeto extremo	madeira	chapa

Formalização da diversidade

Após a análise com base na tabela apresentada, que mostra o resultado da combinação dos parâmetros analisados, consegue-se estabelecer certos pontos sobre a relação dessas construções com o território, seus usos, formas e materiais.

As construções estudadas estão principalmente ligadas a duas áreas de atividade: agricultura e criação de animais. No entanto, o apoio à atividade agrícola destaca-se como o programa mais comum nesta área de estudo.

A esmagadora maioria dos exemplos estudados tende a situar-se em terrenos associados à própria atividade, na procura das melhores condições para o efeito. Embora muitas das construções levantadas estejam atualmente em desuso ou com uso ocasional, nas construções mais antigas, observa-se uma tentativa de aproveitar ao máximo o local por meio de uma boa localização e integração no terreno. Por outro lado, nas construções mais recentes, devido à diversificação de usos em comparação com as mais antigas, como armazenamento diverso, às vezes estão localizadas em terrenos diferentes da sua função original, cruzando em alguns casos a atividade agrícola com a habitação.

Quanto à forma, estas construções são o resultado de uma resposta às necessidades do programa em que estão inseridas. Elas apresentam características essenciais para o seu funcionamento, mas variaram ao longo do tempo em termos de materiais utilizados e volumetrias, como foi sintetizado nos exemplos apresentados. Portanto, é difícil estabelecer uma forma generalizada para cada programa ou materialidade. Destaca-se, em relação à volumetria, a identificação de uma forma geral nos últimos exemplos apresentados.

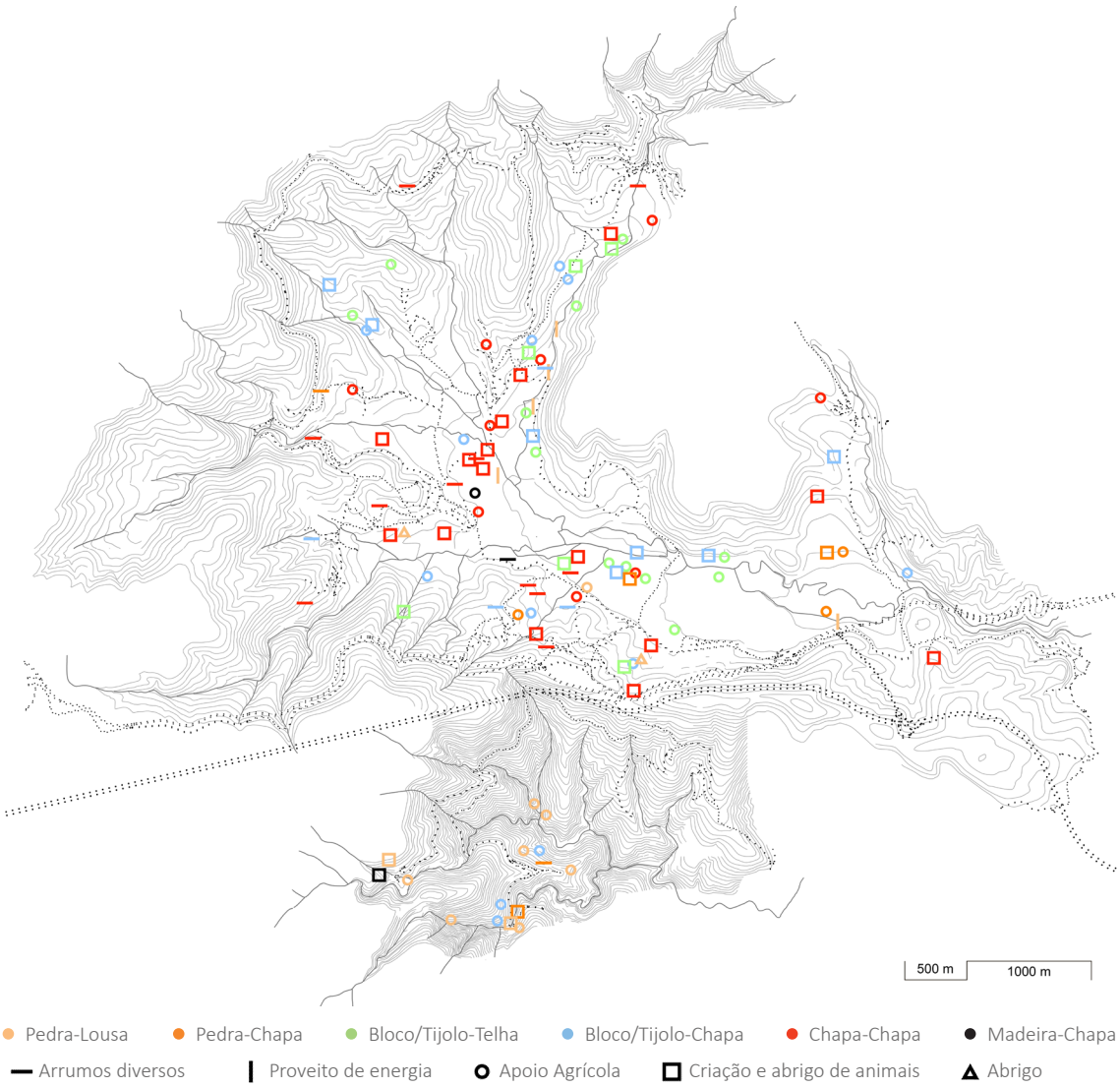


fig.85. Planta com a localização das construções consoante as suas materialidades e usos.

III DESENVOLVIMENTO

Afeto

A evolução da "casa" ao longo do período considerado passou por várias alterações, essencialmente marcadas por mudanças significativas nos hábitos e, no caso das construções abordadas neste estudo, essa evolução é ainda mais evidente. A análise realizada levantou uma questão fundamental relacionada com o afeto transmitido pelas construções, ou seja, como a percepção desse sentimento mudou ao longo do tempo.

A palavra "afeto" neste contexto está associada à relação das pessoas com o que constroem, aos laços existentes, ao empenho e ao desejo de fazer bem, a ideia de que as construções refletem a imagem de quem as criou, o que se torna visível nos detalhes finais.

Esta questão levantou-se sobretudo pela discrepância desse sentimento que se verifica no passar do tempo. As construções mais antigas são caracterizadas por um cuidado especial em determinados aspetos que lhes conferem autenticidade, desde o sentido de pertença e conexão com o lugar até à sua conceção. Essas construções alcançaram um nível de relação única e singular com a natureza.

> *"A arquitetura pré-industrial, como qualquer outra forma de artesanato, alcançou as suas formas através de um longo processo de purificação dos seus componentes para que tudo nela fosse resultado de um processo de seleção de soluções adequadas de uso, recursos e possibilidades em uma situação harmoniosa entre os diferentes tipos de solicitações que o edifício teve de cumprir."*[29]

No entanto, ao longo do tempo, esse cuidado e conexão com o lugar foram diminuindo, especialmente com o início da industrialização[30]. Os casos de estudo desta dissertação demonstram essa evolução ao longo do tempo, permitindo-nos analisar várias mudanças e transformações.

29. SOLA-MORALES, Ignasi – La posibilidad de la arquitectura popular, p. 6

30. "A revolução industrial significou a destruição de um certo equilíbrio na produção de objetos arquitetônicos de culto e populares." – SOLA-MORALES, Ignasi – La posibilidad de la arquitectura popular, p. 6

Por meio deste estudo, podemos identificar algumas mudanças mais evidentes que estão relacionadas com a questão levantada. Começando pela relação dessas construções com o ambiente, notamos uma mudança nas práticas. As construções mais antigas eram integradas no terreno de maneiras específicas, usando métodos como encostado, inserido e extremo, que demonstram um alto grau de rigor e detalhe. Por outro lado, as construções mais recentes tendem a usar métodos como extremo e, principalmente, pousado, que é exclusivo desses exemplos mais recentes.

Isto significa que houve uma diminuição na preocupação com a forma de integrar essas estruturas no terreno. As construções mais antigas procuravam tirar proveito das características do terreno, protegendo-as dos ventos e intempéries, além de ocupar o mínimo possível de áreas de cultivo ou pastagem. Em contraste, a maioria das construções mais recentes está localizada no limite das parcelas, ocupando áreas férteis ou, em alguns casos, no meio do terreno.

Quanto à forma das construções, também há mudanças significativas. As construções mais antigas apresentam uma diversidade de formas, mantendo os mesmos princípios, mas com variações devido às condições do terreno. Por outro lado, as construções mais recentes tendem a adotar uma forma geométrica específica,



fig.86. Construção pousada no meio dos terrenos. Campeã.

independentemente de serem abrigos para animais, apoios agrícolas ou arrumos. Embora as finalidades sejam diferentes, as formas são idênticas.

Além disso, as dimensões das construções também mudaram ao longo do tempo. As construções mais antigas geralmente mantêm dimensões consistentes, com alturas que variam de 2 m a 5,2 m e áreas de implantação que variam de 8 m2 a 40 m2. Essas construções otimizam o espaço, especialmente porque a área interna é menor do que a volumetria externa devido às paredes de alvenaria de pedra espessa.



fig.87. Abrigo de animais, de dois pisos com uma cobertura de duas águas. Campeã.



fig.88. Apoio agrícola, de dois pisos com uma cobertura de três águas. Campeã.



fig.89. Apoio agrícola, de um piso com uma cobertura de uma água. Campeã.



fig.90. Arrumos diversos, de um piso com uma cobertura de uma água. Vila Cova.

Consoante se avança para os exemplos mais atuais, surgem discrepâncias, onde as dimensões em termos de altura variam de 1,65 m até aos 7 m e a área de implantação dos 2 m2 aos 110 m2. Apresentam proporções consideravelmente maiores em comparação com as anteriores, sendo mais evidente na área de implantação, pois não só as medidas do perímetro exterior são maiores, mas também conseguem ter um maior proveito da área interior devido aos métodos construtivos com paredes de menor espessura.

Outra grande mudança está relacionada com materiais e métodos de construção. Nas construções mais antigas, havia um equilíbrio entre materiais como pedra e madeira, com detalhes construtivos

cuidadosos, como o alinhamento de aberturas e a presença de pelo menos uma janela além da porta, e o cuidado que requer a execução das alvenarias de xisto. Esses detalhes contribuíam para uma identidade única.

Nas construções mais recentes, os métodos de construção e materiais são mais simplificados, com menos detalhes construtivos. Muitas vezes, o mesmo material é usado para paredes e cobertura, com apenas um telhado inclinado de uma água. As aberturas dos vãos nem sempre são alinhadas, e em alguns casos, são simples cortes nas chapas que revestem as paredes.

Além disso, as cores associadas aos materiais, principalmente à chapa metálica presente nas construções mais recentes, resulta em diferentes combinações de cores, como verde, vermelho e cinza.

Num olhar mais alargado surge uma questão importante relacionada com a paisagem, mais em concreto a coerência destas peças no território, e aqui as alterações são rapidamente percetíveis, pois passamos de um caso onde existe familiaridade, para um caso de total diversidade.

As construções antigas geralmente compartilham materiais e proporções semelhantes, criando uma identidade vinculada ao local. Em contraste, as construções mais recentes são diversas em termos de formas e materiais, com destaque para as cores. Essa diversidade contribui, de certa forma, para a perda da identidade do local, um fenómeno observado em muitos lugares.

Perante todos estes pontos analisados, depara-se que nos tempos mais antigos existia uma arquitetura que continha um modo de agir dotado de uma conexão entre o edifício e o lugar, que no seu todo consegue transmitir afeto de quem construiu para com o resultado da sua criação.

"(...) a casa é acima de tudo um produto do Homem, um facto de cultura, e será no próprio Homem e nas leis da sua criação cultural que se devem procurar a razão de ser e a explicação decisivas da casa que é a sua obra."[31]

31. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando- Arquitectura Tradicional Portuguesa, p.14

Nos tempos mais antigos, as pessoas viviam e trabalhavam no local e pensavam de uma maneira mais eficaz no que diz respeito ao aproveitamento dos recursos e relação com o lugar. Assim, havia uma leitura mais próxima e mais afetiva, isto na perspetiva em que quando se está mais próximo nutre mais afeto pelas coisas, e, portanto, existe mais cuidado.



fig.91. Moinho feito em alvenaria de xisto com os remates dos vãos das aberturas em pedras de granito, dos quais apresenta uma porta e uma janela. Campeã.



fig.92. Contraste de cores utilizadas na chapa. Campeã.

À medida que se avança no tempo, é visível uma perda de certos detalhes e rigor, este fenómeno está muito associado a questões económicas, disponibilidade de material, mão de obra, mas sobretudo, ao afastamento que se presencia das pessoas para com os setores de trabalho a que pertencem estas construções, como a agricultura, e consequentemente das próprias zonas em si. Tendo como um dos motivos a procura de emprego, as pessoas vão para os centros urbanos, e com isto as zonas como é o caso da zona de estudo, acabam por ser usadas para pernoitar ou então refúgio de fim de semana. Com isto as pessoas distanciam-se do campo[32], e quando estão a intervir já têm uma outra perspetiva e já não lhe dão o devido valor. Consequentemente, a construção é algo mais desleixado e desligado do local focando-se na necessidade, rapidez de execução e menor esforço.

32. DOMINGUES, Álvaro – A Vida no Campo, p. 15

> *"As marcas e as memórias do Portugal profundo vão-se decompondo com a desruralização e o seu rasto de efeitos colaterais: o despovoamento, o envelhecimento, o abandono na produção agrícola e dos campos, o desaparecimento de certos estilos de vida, saberes e práticas culturais – o interior, no dizer mais frequente sobre estas coisas."*[33]

33. Ibidem, p. 23

Atualmente, vemos o uso cada vez mais frequente da chapa metálica em novas construções, refletindo a procura por eficiência e rapidez, mas frequentemente resultando em estruturas desproporcionais e com menos detalhes construtivos. No entanto, é fundamental considerar a importância do afeto neste tipo de arquitetura e a procura de o reintroduzir, onde o cruzamento dos ensinamentos do passado com as demandas atuais pode ser uma mais valia.

"(...) os ventos eufóricos da mudança e do progresso, dominados por uma lógica individualista e desordenada, varreram a terra portuguesa, num afã de apagar as marcas de um passado que era preciso sepultar para sempre. A ignorância e uma noção deturpada dos valores patrimoniais (...) dera livre curso à descaracterização e à destruição de um espaço edificado longamente sedimentado no seio de sociedades estáticas e fechadas."[34]

34. PEREIRA, Nuno Teotónio [et al.]- Prefácio da 3ª Ed. Inquérito à Arquitectura Portuguesa. In Arquitectura Popular em Portugal.

Absorção dos materiais que constroem as edificações

Durante a análise mais detalhada deste estudo, identificaram-se determinados vínculos que vêm a dominar os modos de construir informalmente, dos quais se destaca a preferência por materiais industrializados, não só mas, sobre influência da ideia de durarem o mais tempo possível e terem o mínimo de manutenção. Este ponto leva a questionar o que acontecerá a longo prazo às construções feitas nos dias de hoje, isto numa perspetiva, que toma como referência o conceito do berço ao berço[35], onde tudo o que se constrói vindo da natureza deve procurar ser devolvido.

35. Conceito estudado no trabalho de McCdonough & Braungart no livro "Cradle to Cradle"

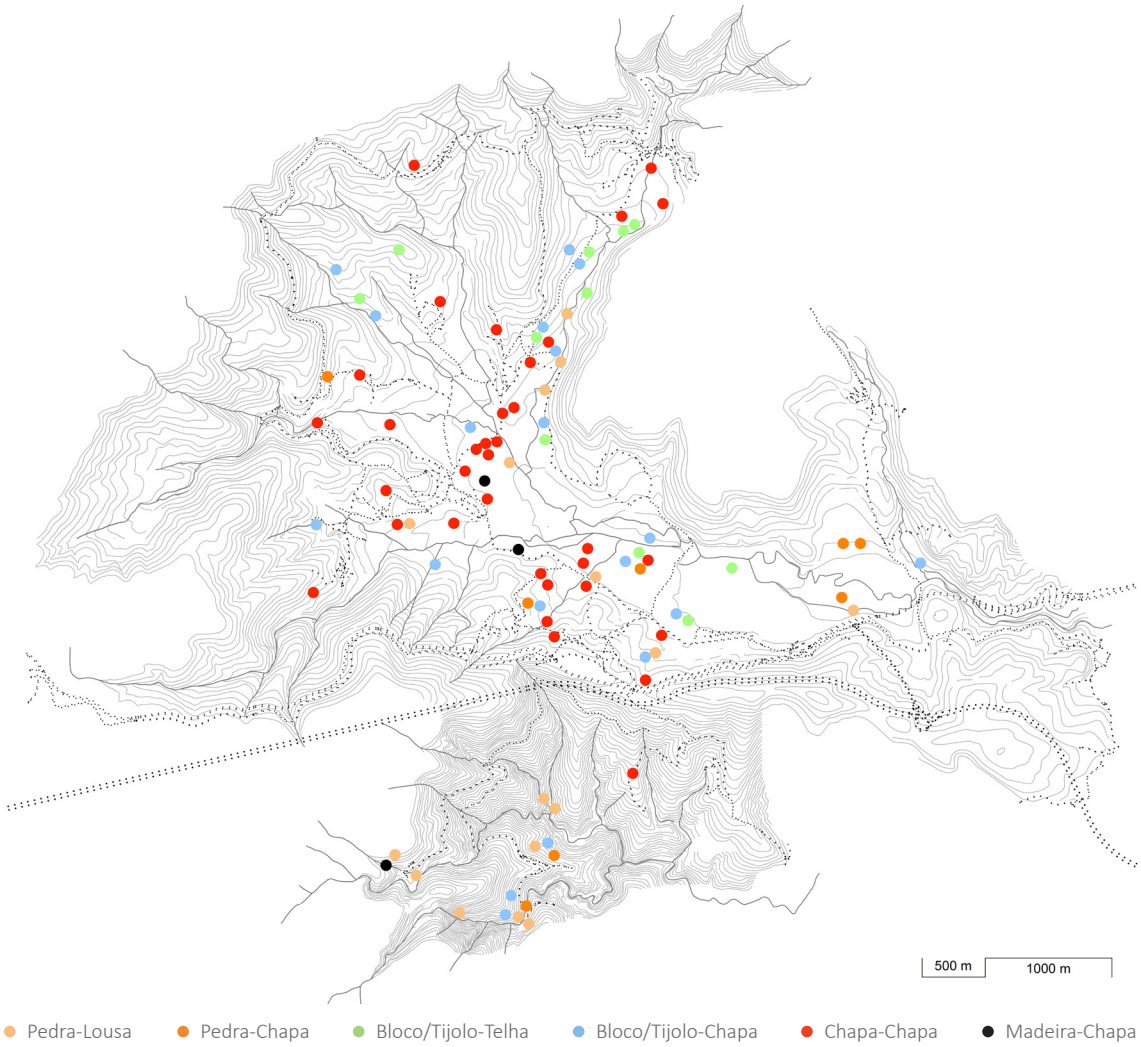


fig.93. Planta com a localização das construções consoante as suas materialidades.

Conforme se consta na figura 93, estas construções pautam o território, e algumas, devido às suas materialidades cujas cores associadas, como o cor de laranja das telhas e principalmente o vermelho das chapas metálicas, têm bastante presença na unidade de paisagem da área de estudo.

Ao percorrer a Veiga rapidamente se verifica como estas peças se destacam e surgem como elementos dissonantes no meio de um contexto caracterizado pelos esverdeados dos campos, das florestas e das montanhas.



fig.94. Na imagem está presente edifício de apoio agrícola que acaba por ter mais presença que as própria povoação. Campeã.



fig.95. Contraste das cores da peça, neste caso em tijolo e chapa, com todas as cores da envolvente. Campeã.

Num olhar mais atento, verifica-se também, que a esmagadora maioria das construções que foram estudadas, não estão a ser utilizadas ou estão ao abandono. Isto acontece tanto em peças de materiais naturais, as mais antigas, como também em peças de materiais industrializados, das mais recentes. Esta situação deve--se sobretudo ao facto de se tratar de pequenas construções que dependem muito da atividade desenvolvida, e das pessoas que as utilizam. Além disso, estas construções estão cada vez menos associadas à principal fonte de rendimento das pessoas, isto é, a grande maioria dos exemplos estudados estão ligados a setores de segundo rendimento ou passatempo, como por exemplo hortas, o que torna o seu tempo de utilização muito imprevisível e inconstante. Tudo isto resulta num tempo de utilização de uma boa parte deste tipo de construção diminuto, por exemplo encontra-se na área de estudo exemplos ao abandono construídos há pouco mais de 15 anos.

Desta forma, surge a necessidade de questionar a escolha dos materiais consoante o modo como estes se integram no meio ambiente. Pois uma vez que se verifica um tempo de uso das construções inconstante e reduzido, cujo resultado passa pelo abandono e muito dificilmente estão sujeitas a ações de demolição ou reutilização, os materiais em que são feitas tornam-se um fator fundamental no sentido da sua reintegração na natureza.



fig.96. Exemplo de uma construção em materiais industrializados abandonada. Campeã.

O deixar as construções ao abandono faz parte de uma certa normalização que vem dos tempos antigos, o legado de construções deixado pelas gerações anteriores acaba por se reintegrar na natureza facilmente e sem causar grandes transtornos. Este feito era possível pois construíam com materiais naturais, como a pedra e a madeira, que embora tenham uma durabilidade indefinida, como a própria denominação expressa, são materiais que se encontram no estado natural e que apenas foram moldados para formar as construções, muitas vezes extraídos no próprio local da construção, e por isso são naturalmente integrados na natureza[36].

Este facto espelha-se nos exemplos encontrados, onde vemos construções em materiais naturais abandonados, mas integrados no local, enquadrados e pouco percetíveis.

> *"Quase sempre enquadrada por uma sociedade rural e tradicional, a Geografia das Paisagens devolvia-nos a segurança e um saber estável, coerente, reconhecível em equilíbrios engenhosos, duradouros e saberes ancestrais."*[37]

Porém, o mesmo não se aplica à construções com materiais industriais, embora o abandono também se verifique, a sua integração na natureza é muito mais penosa, devido à origem dos seus materiais.

> *"Portugal, o último país rural da Europa, conheceu transformações*



fig.97. Exemplo de uma construção em materiais naturais abandonada mas enquadrada na paisagem. Campeã.

36. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando- Arquitectura Tradicional Portuguesa, p.361

37. DOMINGUES, Álvaro- A Paisagem Revisitada, p.56

profundas e radicais: uma sociedade que se urbaniza, vastos territórios em tensão (des)povoados, ainda vividos pelos últimos guardiões de culturas rurais tradicionais, envelhecidos; regiões esvaziadas, ruínas, abandono, mas também novas construções, novos modos de vida, auto-estradas, casas novas, novos sinais dissonantes na harmonia das paisagens de outrora."[38]

38. DOMINGUES, Álvaro- A Paisagem Revisitada, p.56

Os materiais industrializados são o resultado de várias alterações e conjugações, que lhes atribui características diferentes das do estado natural. Com isto, estes materiais tornam-se em muitos casos discordantes com a natureza, e muitos deles, como por exemplo o metal, têm uma durabilidade muito superior à esperança média de vida do ser humano, o que significa, se uma pessoa fizer uma construção com estes materiais e depois a deixar ao abandono, a sua presença vai interferir consideravelmente no meio onde se encontra e por um período de tempo extremamente longo que afetará até as gerações futuras.

Esta diferença, verifica-se em exemplos de construções em materiais industrializados num estado também de abandono, mas que se mantêm bastante destacados, devido aos seus materiais manterem as suas características durante um período de tempo mais longo, e sobretudo as cores.

" (...) esta desconstrução arrasta consigo uma mudança do paradigma (a paisagem tradicional era avaliada como uma situação de equilíbrio, de harmonia e de durabilidade entre as condições do meio físico e a sua apropriação por um determinado modo de vida a que estavam associados técnicas específicas, valores práticas, simbologias, etc.), a violência da mudança pode traduzir-se numa «crise da paisagem», como património ameaçado, como referencial de identidade perdida, ou como empobrecimento cultural."[39]

39. Ibidem, p. 59 a 60

Desta forma, chega-se a uma situação em que se tem construções de caráter provisório com uma estimativa de tempo de serviço reduzido, mas que são feitos em materiais que duram demasiado tempo. Dado que tudo o que se constrói tem um fim, e que cada vez mais as coisas são renovadas com mais frequência, leva a direcionar

o pensamento para o futuro destas construções no que diz respeito à materialidade. Atualmente estão-se a criar peças que depois do seu tempo de uso vão-se tornar ao longo do tempo elementos dissonantes da paisagem para as gerações futuras, como Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano denominam de "ruina sem dignidade"[40], por exemplo, o metal e o betão não são absorvidos pela natureza do mesmo modo que a madeira ou mesmo a pedra.

40. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando - Arquitectura Tradicional Portuguesa, p. 371



fig.98. Construção abandonada mas que devido à cor dos material tem muita presença na paisagem . Campeã.

A procura do essencial e equilíbrio

Ao longo desta investigação observa-se as variações que se foram realizando nas edificações informais, e percebe-se que atualmente existem certos domínios de modos de construir e fazer. Estas alterações têm sobretudo na sua origem a introdução de novos materiais, o que não é totalmente agradável do ponto de vista de enquadramento, bem como levanta muitas dúvidas acerca do que acontecerá depois do seu abandono. São um conjunto de problemáticas que se sobressaíram com a evolução, mas que no passado eram resolvidas com uma simplicidade e equilíbrio inigualável.

> *"A arquitetura primitiva das construções de cabanas, tendas, abrigos, abrigos de madeira, terra, lona, canas, resíduos ou restos da produção de outros objetos, combina com a sua condição de arquitetura anônima e essencial a de ser uma edificação extraordinariamente sintética em todos os seus aspetos morfológicos, construtivos e de uso."*[41]

41. SOLA-MORALES, Ignasi – La posibilidad de la arquitectura popular, p. 7

Perante a necessidade de rentabilizar e economizar os meios, esta arquitetura mais antiga demonstrava humildade em relação àquilo a que dava resposta, bem como aos recursos que tinha para atuar. Continha uma metodologia de construção assente numa noção objetiva e pragmática, que determinou um conjunto de especificidades construtivas de um carácter autêntico, com uma destreza em simplificar e reduzir a intervenção ao que era essencial.[42] Isto acaba por ser facilmente percetível na atmosfera e composição desta arquitetura, e é esta essencialidade um dos fatores responsáveis pelo seu equilíbrio e coerência.

42. Ibidem, p. 5 a 9

> *"Portugal é dotado de belíssimos sítios naturais e os nossos passados deixaram-nos excelentes lições quanto ao equilíbrio sítio-edifício, mas face dos crimes que vemos cometerem-se aqui e ali contra a nossa paisagem, não será difícil concluir que tal sentimento de equilíbrio abandonou os nossos contemporâneos pois que, de um modo quase geral, quando um edifício de hoje se instala num sítio, perdem-se um e outro por ausência de relações corretas entre ambos."*[43]

43. TÁVORA, Fernando – Da Organização Do Espaço, p. 59

É importante notar que, nesse período, a essência da arquitetura era desprovida de preocupações com fatores externos que não contribuíssem para a coerência dos meios e materiais. Atualmente, existem considerações como o modelo de negócios do setor imobiliário[44], a disponibilidade e diversidade de materiais, bem como requisitos rigorosos de conforto e regulamentações, que não existiam nesse contexto.

No entanto, a simplicidade presente em vários elementos dessa arquitetura, desde a estratégia de integração no ambiente circundante até aos modelos adaptativos de construção, que foram analisados ao longo deste estudo, possui uma natureza atemporal. Acredita-se que essa essência e equilíbrio são ensinamentos fundamentais e que se deve procurar incorporá-los em abordagens atuais, utilizando o conhecimento adquirido no passado para reinventar soluções com potencial para o futuro.

> *"Por outras palavras: conhecer estruturalmente a nossa própria tradição é o primeiro passo para o conhecimento racional de uma parte da realidade do território construído e por isso da condição da possibilidade de construir um discurso consciente sobre o que aconteceu e do que pode ainda acontecer."*[45]

44. "A lógica do bom funcionamento da casa para o seu utilizador entrava em conflito com a racionalidade económica do especulador que fazia da produção de casas um negócio." - SOLA-MORALES, Ignasi – La posibilidad de la arquitectura popular, p. 2

45. SOLA-MORALES, Ignasi – La posibilidad de la arquitectura popular, p. 9

A Importância do saber coletivo

No texto anterior apontou-se diretrizes que se acredita serem fundamentais reintroduzir à abordagem arquitetónica atual e futura no sentido de combater as transformações que nas últimas décadas se vêm a sentir na paisagem rural a nível mofológico porem, estas alterações também se verificaram no carácter e organização sociocultural em comunidade.

A situação de desarmonia que atualmente se presencia em áreas como a que faz parte deste estudo, atingiu proporções indesejadas. Para além das já mencionadas, também se verifica grandes alterações socioculturais, mais especificamente o interesse coletivo na discussão e desenvolvimento. Nesse sentido, pretende-se focar nesta questão, a fim de compreender a importância deste modo de fazer que se desvaneceu.

> *"Ao conhecimento documental do passado adiciona-se a consciência crítica do presente de modo que o interesse na arquitetura popular não seja só uma necessidade científica de conhecimento, mas também uma exigência política de equilíbrio para o ambiente do nosso presente e futuro"*[46]

46. SOLA-MORALES, Ignasi – La posibilidad de la arquitectura popular, p. 7

Fala-se de uma arquitetura que se desenvolve de geração em geração, de um anónimo modo de saber fazer onde um conjunto de pessoas independentes contribuíram para um gesto comum, que possibilitava até mesmo os próprios usuários pensarem e construírem os espaços. Aqui a partilha de conhecimento e experiências sobrepunha-se ao destaque individual do artesão, anulavam a autoria em prol de um desenvolvimento comum[47], o que exprime a simplicidade e eficiência na resposta às necessidades que se dispunham a resolver.

47. "Na história ortodoxa da arquitetura, a ênfase está no trabalho do arquiteto, considerado individualmente; Aqui, porém, a ênfase está no empreendimento comunitário." - RUDOFSKY, Bernard- Arquitectura sin arquitectos, p. 4

Por outro lado, a economia era mais local e, com isso, os serviços tornavam-se mais próximos. Existiam artesões locais, o que permitia gerar laços com a comunidade. Essa proximidade, que por vezes era até familiar, promovia uma discussão e desenvolvimento

das dificuldades mesmo fora do âmbito de trabalho. Deste modo, acredita-se que o facto das pessoas especializadas nas várias áreas, como por exemplo marceneiro, ferreiros ou carpinteiros, ao serem mais próximas da comunidade contribuía fundamentalmente para que o desenvolvimento do fazer popular se tornasse equilibrado e eficaz.

No entanto, todo este enquadramento, com o processo de industrialização e seguido êxodo rural tem vindo a desaparecer. O modo de vida das pessoas destes lugares ligado à agricultura quase que desaparece, e com ela, respetivamente toda a sua lógica de funcionamento e equilíbrio. Surge uma interseção da vida do campo com a da cidade, onde o meio rural entra em colapso devido às rápidas alterações e à sua difícil compreensão e assimilação.

> *"(...) a relação histórica e equilibrada (do rural) estabelecida com a cidade, onde ambos tinham bem definidos o que desempenhar, foi substituído por uma fartura estabelecida entre o rural e o urbano com a invasão das gramáticas operativas urbanas em espaços rurais, estabelecendo 'uma maior proximidade do mundo rural ao moderno ao espaço cidade' e afastando 'quase por completo o mundo rural tradicional, colocando-o numa posição de interesse."*[48]

48. Gonçalo Furtado e Rosa Macedo, "Rural e urbano – Da urbanização do Rural à Ruralização do Urbano", in ArqA 101- Persistências Rurais, Março/ Abril, 2012, p. 30

Com tudo isto, o modo de vida em comunidade que atrás se refere deixa de existir, dando lugar a uma homogeneização, na qual ocorre um distanciamento de quem faz para com a comunidade. Embora tenham sido criadas regras que, de certa forma, tentam manter o diálogo e organização[49], o fazer popular(informal) continua, mas agora sem a diretriz e conselho de uma voz especializada.

49. A atual obrigatoriedade de licenciamentos e fiscalização.

Esta situação talvez se deva ao desaparecimento dos artesões locais, como pedreiros, serralheiros, carpinteiros, marceneiros, e ao afastamento gradual das pessoas que agora fazem esses trabalhos. Ou seja, deixaram de ser membros da comunidade, com as quais havia grande diálogo, e passaram a ser pessoas externas, o que acabou por despromover o diálogo e proximidade. Tudo isto resultou numa rotura na conexão entre as pessoas especializadas

na construção com o povo. A construção popular continuou sem a influência de quem se dedica apenas à construção, ou seja, as pessoas começaram a resolver os métodos de construir com os novos materiais da forma que conseguiam, às vezes para o desenrasque.

Desta forma, enfatiza-se a importância de haver uma entidade (na qual se pode incluir o arquiteto, o construtor e o artesão) que promova o diálogo entre o utilizador e os criadores, com o objetivo de recuperar a proximidade que existia anteriormente e, assim, gerar iniciativas de impulso social e económico para o desenvolvimento destas áreas mais rurais.

O caso da madeira

Reconhecendo que as construções tradicionais, as mais antigas, incorporam elementos e técnicas de construção que resultam de uma sábia experiência transmitida de geração em geração, adaptadas às condições locais, considera-se importante e promissor reinterpretar essas soluções face às circunstâncias atuais, absorvendo lições valiosas desse conhecimento acumulado[50]. Diante desse ponto de vista, surge a necessidade de entender as possibilidades de encontrar soluções construtivas mais adequadas ao local.

50. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim – Construções Primitivas em Portugal, p. 10

Nesse sentido, observou-se que a materialidade e os sistemas construtivos são os aspetos mais destacados neste estudo, pois representam um fator crucial nas questões levantadas. Isto deve-se, em grande parte, à influência que exercem sobre as construções estudadas. No caso das construções mais antigas, estas eram realizadas com materiais locais devido à dificuldade de transporte, utilizando o que o ambiente local fornecia. Já nas construções mais modernas, a escolha dos materiais envolve questões de economia e facilidade. Assim, os materiais utilizados têm influenciado profundamente os métodos de construção, tornando-se o foco de exploração na procura de novas abordagens.

Desta maneira, o interesse residiu em procurar materiais e soluções construtivas que possam oferecer respostas equivalentes às mais comuns atualmente, como a chapa metálica, mas que, ao mesmo tempo, se adequem ao território e atendam às reais necessidades do local em termos de durabilidade.

No que diz respeito aos materiais, e considerando o que foi mencionado ao longo do estudo, o caminho a seguir certamente envolverá a busca por soluções que façam uso de materiais o mais naturais possíveis, obtidos da natureza com pouca intervenção humana, como terra, pedra e madeira. Ao examinar estas três opções à luz da história da construção na área de estudo, observa-se que a construção em terra não é uma tradição local, sendo mais comum

em regiões mais secas e do sul[51]. Por outro lado, a pedra desempenhou um papel significativo nas construções mais antigas da região, sendo o principal material utilizado nas construções tradicionais devido à sua disponibilidade local. No entanto, o seu uso tem diminuído devido às dificuldades relacionadas com o manuseamento devido ao peso do material e à preferência por soluções mais leves e rápidas.

51. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim – Construções Primitivas em Portugal, p. 316

Dessa forma, o material que se acredita ter potencial para atender às novas necessidades é a madeira, pois não só é um material de origem natural, com uma grande adaptabilidade e leveza[52], como também, está presente na história da construção local e a nível global.

52. CACHIM, Paulo Barreto – Construção em Madeira: A Madeira como Material de Construção, p. 3 a 4

> *"A madeira, devido às suas características, tem sido um material desde sempre utilizado pelo Homem, com aplicações que vão dos objetos decorativos às grandes estruturas como pontes e pavilhões, passando pelo mobiliário, caixilharia, utensílios domésticos, máquinas de guerra, barcos e mesmo aviões.[53]*

53. CACHIM, Paulo Barreto – Construção em Madeira: A Madeira como Material de Construção, p. 3

Além do mais, a Veiga da Campeã é uma zona onde existe abundância de madeira, devido à sua mancha de floresta, e também com fácil tratamento da mesma, uma vez que existem duas serrações e três carpintarias. A dinamização do uso de madeira nesta zona pode ter também vantagens no desenvolvimento económico local, criando mais postos de trabalho, com mão de obra qualificada que promove a formação e educação sobre os sistemas construtivos antigos e, assim, permite uma melhoria nas aptidões das pessoas dos vários setores da construção, e salvaguardar o património cultural[54].

54. OLIVER, Paul- Built to Meet Needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture, p. 419

Desta forma, torna-se consistente a procura por soluções em que a madeira seja o material predominante. Com base na pesquisa realizada, a madeira ainda é utilizada nas novas construções como componente estrutural, mas ao destacar as suas vantagens e explorar o seu potencial, ela pode ser empregue com mais frequência para um vasto conjunto de soluções construtivas.

Assentes na ideia de começar por conhecer o máximo possível a tradição[55] com o intuito de procurar soluções existentes com potencial para dinamizar futuras intervenções mais adequadas, numa análise mais detalhada e focada, surgem construções que apresentam soluções interessantes de acordo com desenvolvimento do estudo. São exemplos isolados, na verdade, que surgem no conjunto de edificações estudadas neste trabalho e que pertencem à combinação de materiais anteriormente mencionada: madeira-chapa.

Para uma compreensão mais completa das potencialidades destes exemplos, analisa-se um deles em detalhe. A peça em questão é um abrigo de animais implantado no terreno no modo encostado, embora não esteja totalmente encostado no patamar, não apresenta nenhum revestimento no alçado, utilizando o terreno para o efeito. A estrutura é inteiramente de madeira, com paredes revestidas de tábuas dispostas horizontalmente e um telhado de tábuas cobertas com camadas de plástico preto e rede de sombreamento.

55. "Expresso de outra forma: conhecer estruturalmente nossa própria tradição é o primeiro elo de um conhecimento racional de uma parte da realidade, no nosso caso, do território construído, e, portanto, a condição de possibilidade de um discurso não mais ingênuo, mas consciente do que nele aconteceu e pode vir a acontecer"- SOLA-MORALES, Ignasi – La posibilidad de la arquitectura popular, p. 9

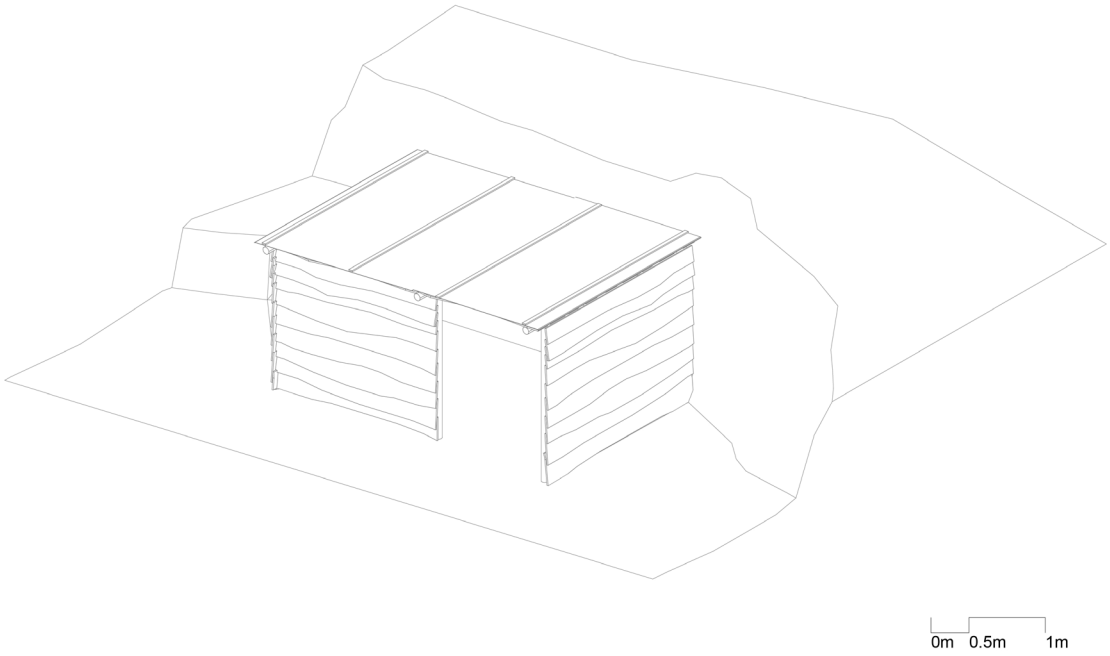


fig.99. Axonometria Montes_ III Construção em madeira.

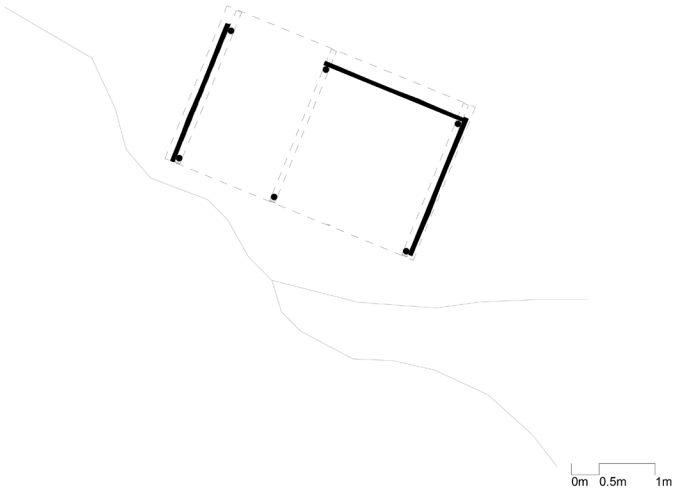


fig.100. Planta da peça Montes_III

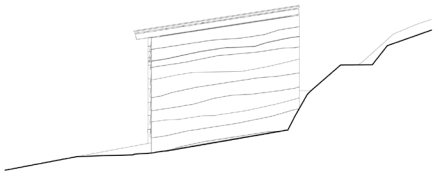


fig.101. Alçado da peça Montes_III



fig.102. Enquadramento da peça Montes_III

Neste exemplo apresentado temos uma solução que dá resposta a necessidades atuais, construída há relativamente pouco tempo, entre 2015-2019, que se integra adequadamente no local onde está inserido. Como se pode verificar nas imagens apresentadas, as cores das suas materialidades harmonizam-se com a envolvente, e sobretudo devido à sua constituição quase na totalidade em madeira, as peças garantem que serão naturalmente absorvidas pela natureza a longo prazo. Além disso, a madeira, que constitui quase na totalidade a edificação, tem origens locais, foi colhida e serrada por quem construiu. Neste exemplo, a madeira também demonstra a sua capacidade, sob a forma de tábua, de ser bastante fácil de manusear e aplicar, pois a madeira é um material leve e permite várias formas de acoplar[56].

Desta forma verificamos que uma potencial solução para fazer frente aos materiais, como a chapa metálica, encontra-se no meio do aglomerado existente na área de estudo, embora em pequena escala. Situação que se acredita que pode ser revertida por intermédio de divulgação e demonstração das potencialidades que estas soluções apresentam, tais como facilidade de construção, baixos custos e bom enquadramento na zona, e assim consciencializar e incentivar as pessoas a reinventar novas abordagens na construção.

56. CACHIM, Paulo Barreto – Construção em Madeira: A Madeira como Material de Construção, p. 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido nesta dissertação incidiu no olhar sobre o volume de autoconstrução de carácter informal associado à agricultura e ao campo, assim como o impacto que está a criar no meio em que se enquadra.

Na análise do estado da construção da região em estudo, identificaram-se pontos fundamentais que caracterizam o seu desenvolvimento. A desigualdade das grandes cidades para determinadas zonas do interior, como é o caso de estudo, onde em meados do século XIX ainda se vivia praticamente sobre os moldes tradicionais, em que se edificava com os materiais locais e conforme os saberes que passavam de geração em geração. No entanto, essa realidade começou a mudar com a industrialização, que trouxe consigo a introdução de novos materiais, como blocos, tijolos e chapa metálica, provocando profundas alterações na arquitetura da região.

A persistência da informalidade acaba por ser um ponto que reflete o que acontece atualmente no território, onde ocorreram mudanças repentinas e profundas nos costumes e nos hábitos de construção, tornando a adaptação a essas alterações difícil[57]. Tal situação faz com que embora nos dias de hoje haja regras a seguir, o hábito da autoconstrução ainda esteja muito presente, as pessoas continuam a construir elas próprias conforme as necessidades, mas aqui com uma agravante, a introdução de novos materiais de uma forma tão acelerada, sucedeu um conjunto edificado desmedido e com uma presença notável.

Ao analisar as construções informais associadas à agricultura e ao meio rural que são objeto deste estudo, percebe-se que, à medida que a construção tradicional evoluiu, estas sofreram alterações ainda mais impactantes. Com base na tabela apresentada, que organiza cronologicamente as peças do levantamento, foi possível perceber a extensão das alterações ao longo do tempo, especialmente no que diz respeito aos materiais utilizados.

57. "A paisagem é o registo de uma sociedade que muda e, se a mudança é tanta, tão profunda e acelerada, haverá disso sinais, para além de pouco tempo e muito espaço para compreender ou digerir as marcas e formas como se vão atropelando mutuamente, ora relíquias, ora destroços." - DOMINGUES, Álvaro – A Vida no Campo, p.15

Através dos elementos analisados neste estudo levanta-se questões que demonstram ser pertinentes por um lado, para a compreensão das alterações que se sucederam, e por outro, para procurar traçar um novo rumo. A primeira questão está relacionada com a redução da demonstração de afeto no decorrer da evolução. Este ponto manifesta-se na forma como determinados detalhes, desde a relação com o local, a volumetria, a harmonia com o território e a escolha de certos materiais, desaparecem gradualmente. Esta tendência é particularmente evidente na materialidade, onde se passa de uma construção minuciosa e equilibrada, com materiais como pedra e madeira, para uma construção mais negligente, com materiais que não se harmonizam com o local, baseando-se em premissas de facilidade e rapidez.

Assim, a escolha de materiais destaca-se e levanta outra questão relacionada com a sua absorção pela natureza, uma vez que o seu tempo de vida, conforme o levantamento, é reduzido e incerto. Observou-se que as construções com novos materiais têm uma presença dominante na paisagem e causam um impacto ao longo do tempo muito diferente em comparação com as construções tradicionais. Além disso, verificou-se uma tendência para deixar as construções ao abandono, assente nos costumes antigos. Portanto, é evidente a necessidade de escolher materiais com base na sua integração futura na natureza e de repensar no uso de materiais duradouros em construções deste tipo.

Por outro lado, a arquitetura mais antiga demonstrava humildade em relação ao ambiente e aos recursos disponíveis, seguindo uma metodologia construtiva objetiva e pragmática. Essa abordagem essencialista contribuía para a coerência e o equilíbrio característicos dessa arquitetura. No entanto, nos dias de hoje, observa-se uma falta desse equilíbrio e harmonia, devido, em parte, às pressões externas, como o modelo de negócios do setor imobiliário, a disponibilidade de uma ampla gama de materiais e as rigorosas regulamentações de conforto.

Apesar destas mudanças, a simplicidade que caracterizava a arquitetura antiga permanece relevante. Acredita-se que essa essência e equilíbrio são lições valiosas que podem orientar abordagens contemporâneas, combinando o conhecimento do passado para criar soluções inovadoras e sustentáveis para o futuro.

Além disso, as mudanças afetaram não apenas a morfologia das regiões rurais, mas também o seu caráter e organização sociocultural. A arquitetura tradicional evoluiu ao longo de gerações, baseada em conhecimento coletivo e na partilha de experiências. A abordagem enfatizava o desenvolvimento comunitário em detrimento do destaque individual do artesão, resultando numa simplicidade e eficiência na resposta às necessidades da comunidade. No entanto, o avanço da industrialização e o êxodo rural interrompe essa dinâmica. A agricultura, que era o sustento dessas comunidades, está a desaparecer, levando com ela o modo de vida rural.

A falta de artesãos locais e o distanciamento dos novos construtores da comunidade levaram à perda de conexão entre especialistas e a população local. No entanto, a construção popular persiste, muitas vezes de forma improvisada.

É crucial promover o diálogo entre utilizadores e criadores, incluindo arquitetos, construtores e artesãos, a fim de recuperar a proximidade perdida e impulsionar o desenvolvimento mais completo e coerente nas áreas rurais. Esta abordagem é essencial para revitalizar as regiões rurais, preservar a sua identidade cultural e restaurar o equilíbrio perdido ao longo do tempo.

Neste sentido, considerando a necessidade de mudanças na forma de construir, apontam-se possíveis soluções construtivas mais adequadas ao local, com base em materiais tradicionais que se integram naturalmente no ambiente. A madeira, por exemplo, destaca-se como um material que responde bem às problemáticas deste estudo e às necessidades atuais. Além disso, o estudo demonstrou que soluções em madeira já estão presentes no

território. Embora sejam a exceção, elas evidenciam dois pontos importantes: primeiro, demonstram as capacidades e a aceitação da madeira, e segundo, demostram que soluções para as problemáticas levantadas no estudo estão presentes no próprio território, necessitando apenas de divulgação e demonstração. Isto reforça a importância de valorizar o legado que nos é deixado, como defendido por Bernad Rudofsky:

> *Há muito a aprender com a arquitetura antes de ela se tornar uma arte especializada. Os construtores sem escola, em diferentes lugares e épocas, protagonistas desta demonstração, mostram um admirável talento para localizar os seus edifícios no ambiente natural. Em vez de tentar "conquistar" a natureza como nós, eles adaptam-se ao clima e aceitam o desafio da topografia."*[58]

58. RUDOFSKY, Bernard, Arquitectura sin arquitectos

No entanto, as soluções apresentadas com base na madeira são apenas uns exemplos do leque de possíveis soluções. Ao contrário do que se verifica atualmente, o desenvolvimento deve ter em conta todas as técnicas construtivas, claro que com as suas transformações para se adequar às exigências vigentes de cada tempo. Não se pode inclinar apenas para certas soluções por critérios económicos, as técnicas construtivas devem ser todas postas em cima da mesa.[59]

59. ANSUATEGUI, Ignacio Paricio – La Construcción de la Arquitectura: 1 Las técnicas. p. 105

Em suma, esta dissertação teve como foco um conjunto edificado considerado de escassa relevância, as construções informais, na Veiga da Campeã, permitindo, agora, não só a análise e a compreensão destes elementos, mas também despertar um olhar para a importância de contribuir para o desenvolvimento destas práticas.

Fontes e Bibliografia

Fontes impressas

AIRES, Joaquim Ribeiro – Histórias das Freguesias do Concelho de Vila Real. ed. 2021. Vila Real: Maronesa Comunicação Social, 2021.

ANSUATEGUI, Ignacio Paricio – La Construcción de la Arquitectura: 1 Las técnicas. 1ª ed. Barcelona: Institut de Tecnologia de la Canstrucció de Catalunya, ITEC, 1985.

CACHIM, Paulo Barreto – Construção em Madeira: A Madeira como Material de Construção. 2ª ed. Porto: Publindústria, 2014.

CROFT, Vasco – Arquitectura e Humanismo: O papel do arquitecto, hoje, em Portugal. 1ª ed. Lisboa: Terramar, 2001.

DIAS, Carlos Carvalho- Memória de Trás-os-Montes e Alto-Douro: nos 55 anos do "Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa". Guimarães: OPERA OMNIA, 2013.

DIONÍSIO, Sant'Anna- Guia de Portugal: tomo I: Trás-os-Montes e Alto Douro: Vila Real, Chaves e Barroso. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

DOMINGUES, Álvaro – A Vida no Campo. 1ª ed. Porto: Dafne Editora, 2011.

FERNANDES, A. T.- Espaço social e suas representações. VI Colóquio Ibérico de Geografia, Porto, 1992, pg. 61.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa [et al.] – Arquitectura Popular em Portugal. 4ª ed. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 2004, vol.1

HERZOG, Tomas; et al.- Timber Construtions Manual. Basel, Birkhauser Edition Detail, 2004

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando- Arquitectura Tradicional Portuguesa. 1ª ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim – Construções Primitivas em Portugal. 2ª ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1988.

OLIVER, Paul- Built to Meet Needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture. 1ª ed. Oxford: Architectural Press, Elsevier, 2006.

PEREIRA, Nuno Teotónio [et al.]- Prefácio da 3ª Ed. Inquérito à Arquitectura Portuguesa. In Arquitectura Popular em Portugal. 4ª ed. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 2004, vol.1

PEREIRA, Nuno Teotónio- Reflexos Culturais do Inquérito à Arquitectura Regional. In Jornal de Arquitectos, Lisboa, nº 195, Março/Abril, 2002. p. 69-71.

SOLA-MORALES, Ignasi – La posibilidad de la arquitectura popular. Pereriferia. Sevilha. Nº 2 (Dezembro de 1984), p. 05-09.

TÁVORA, Fernando [et al.] – Arquitectura Popular em Portugal. 4ª ed. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 2004, vol.2

TÁVORA, Fernando – Da Organização Do Espaço. 9º ed. Porto: FAUP - Faculdade de Arquitetura da Universidade Porto, 2015.

TORGA, Miguel – Portugal. 12ª ed. (1ª ed.: 1950) Lisboa: Publicações D. Quixote, 2017.

TEIXEIRA, Manuel C. ArchiNews 06 Ed. Especial: Arquitetura popular. Lisboa. ISSN: 1646-2262. ArchiNews 06 ed. Especial (2016).

RUDOFSKY, Bernard- Arquitectura sin arquitectos, 1973. Buenos Aires, Editorial Universitaria.

VILLANOVA, Roselyne; LEITE, Carolina; RAPOSO, Isabel- Casas de sonhos: emigrantes construtores no Norte de Portugal. ed. Portuguesa revista e aumentada. Lisboa: Edições Salamandra, 1995.

WATSON, Julia - Lo-Tek. Design by Radical Indigenism. 1ª ed. Cologne, Almenha: Taschen,2019.

Fontes digitais

DOMINGUES, Álvaro- A Paisagem Revisitada. Finisterra. [Em linha]. vol. 36, nº 72 (agosto 1, 2001). [Consult. 9 set. 2023.Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1621.

Trabalhos académicos

BATISTA, Natacha Filipa Pinheiro- Cestaria portuguesa: intersecções entre Artesanato e Arquitetura. Porto: FAUP, 2018. Dissertação de mestrado.

COSTA, Pedro Miguel Pereira dos Santos Ferreira da- A autoconstrução em meio rural nos anos 70 e 80- Projeto de reabilitação da Casa de Rebordinho. Porto: FAUP, 2018. Dissertação de mestrado.

GONÇALVES, Diogo Miguel Ferreira- Projeto estratégico para um espaço rural: o lugar de Teixedo. Porto: FAUP, 2021. Dissertação de mestrado.

GONZÁLEZ, Leandro Alcibiades de Jesus- Maputo. O interior de quarteirão. Aprender de uma apropriação informal. Porto: FAUP, 2021. Dissertação de mestrado.

REBELO, António Pedro Santana- Do contraste à analogia, intervenção numa ruína em Mondrões. Porto: FAUP, 2016. Dissertação de mestrado.

RODRIGUES, Jacinta Inês Figueiredo Rodrigues- Uma nova concepção do popular. Porto: FAUP, 2021. Dissertação de mestrado.

SANNA, Gabriele- Território Elementar. Arquiteturas mínimas como dispositivos de reapropriação da paisagem do sudoeste da Sardenha. Porto: FAUP, 2021. Dissertação de mestrado.

Créditos de imagem

fg.1. Delimitação do Reino Maravilhoso sobre o mapa de Portugal. Realizado pelo autor com base na imagem disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/48/Portugal_location_map.svg/. Consultado 29.09.2023

fg.2. Vista de uma povoação de Trás-os-Montes. Moncorvo,Felgar OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando- Arquitectura Tradicional Portuguesa. 1ª ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.

fg.3. Enquadramento da aldeia dos Montes nas encostas da Serra do Marão.- FILGUEIRAS, Octávio Lixa [et al.] – Arquitectura Popular em Portugal. 4ª ed. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 2004, vol.1

fg.4. Planta da povoação. Montes, Campeã.- FILGUEIRAS, Octávio Lixa [et al.] – Arquitectura Popular em Portugal. 4ª ed. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 2004, vol.1

fg.5. Fotografa que destaca a capela no meio da povoação. Montes, Campeã- FILGUEIRAS, Octávio Lixa [et al.] – Arquitectura Popular em Portugal. 4ª ed. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 2004, vol.1

fg.6. Desenhos de uma casa local. Montes, Campeã.- FILGUEIRAS, Octávio Lixa [et al.] – Arquitectura Popular em Portugal. 4ª ed. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 2004, vol.1

fg.7. Porto, bifurcação da Rua do Comércio do Porto com a Rua da Bolsa. - OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando- Arquitectura Tradicional Portuguesa. 1ª ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.

fg.8. Cotorinho, Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.9. Cotorinho, Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.10. Cotorinho, Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.11. Cotorinho, Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.12. Cotorinho, Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.13. Cotorinho, Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.14. Delimitação da área de estudo sobre o mapa do concelho de Vila Real.- Realizado pelo autor com base na imagem disponível em: https://www.espiritoviajante.com/mapa-de-portugal-geografia-turismo/mapa-de-portugal-distrito-de-vila-real/. Consultado 29.09.2023

fg.15. Imagem satélite da delimitação da área de estudo.- Realizado pelo autor com base na imagem disponível em: https://www.google.com/maps/@41.2986688,-7.875799,4982m/data=!3m1!1e3?hl=pt-PT&entry=ttu/. Consultado 29.09.2023

fg.17. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.18. Axonometria que retrata objeto inserido.- Registo Pessoal.

fg.19. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.20. Axonometria que retrata objeto extremo.- Registo Pessoal.

fg.21. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.22. Axonometria que retrata objeto pousado - Registo Pessoal.

fg.23. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.24. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.25. Localização dos exemplares de proveito de energia na área de estudo.- Registo Pessoal.

fg.26. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.27. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.28. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.29. Localização dos exemplares de apoios agrícolas na área de estudo. - Registo Pessoal.

fg.30. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.31. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.32. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.33. Localização dos exemplares de criação e abrigo de animais na área de estudo.- Registo Pessoal.

fg.34. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.35. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.36. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.37. Localização dos exemplares de arrumos diversos na área de estudo.- Registo Pessoal.

fg.38. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.39. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.40. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.41. Localização dos exemplares de abrigos na área de estudo.- Registo

Pessoal.

fg.42. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.43. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.44. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.45. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.46. Axonometria de Buraco_I. Construção em parede de pedra e cobertura de lousa.- Registo Pessoal.

fg.47. Planta da peça Buraco_I.- Registo Pessoal.

fg.48. Alçado da peça Buraco_I.- Registo Pessoal.

fg.49. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.50. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.51. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.52. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.53. Axonometria de Gontães_I.- Registo Pessoal.

fg.54. Planta da peça Gontães_I.- Registo Pessoal.

fg.55. Alçado da peça Gontães_l.- Registo Pessoal.

fg.56. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.57. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.58. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.59. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.60. Axonometria de peça Sardoeira_I.- Registo Pessoal.

fg.61. Planta da peça Sardoeira_I.- Registo Pessoal.

fg.62. Alçado da peça Sardoeira_I.- Registo Pessoal.

fg.63. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.64. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.65. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.66. Axonometria de Pêpe_V.- Registo Pessoal.

fg.67. Planta da peça Pêpe_V- Registo Pessoal.

fg.68. Alçado da Pêpe_V- Registo Pessoal.

fg.69. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.70. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.71. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.72. Axonometria de Vendas_I.- Registo Pessoal.

fg.73. Planta da peça Vendas_I.- Registo Pessoal.

fg.74. Alçado da Vendas_I.- Registo Pessoal.

fg.75. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.76. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.77. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.78. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.79. Axonometria de Balsa_I.- Registo Pessoal.

fg.80. Planta da peça Balsa_I.- Registo Pessoal.

fg.81. Alçado da peça Balsa_I.- Registo Pessoal.

fg.82. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.83. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.84. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.85. Planta com a localização das construções consoante as suas materialidades e usos. - Registo Pessoal.

fg.86. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.87. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.88. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.89. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.90. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.91. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.92. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.93. Planta com a localização das construções consoante as suas materialidades- Registo Pessoal.

fg.94. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.95. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.96. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.97. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.98. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

fg.99. Axonometria Montes_III.- Registo Pessoal.

fg.100. Planta da peça Montes_III.- Registo Pessoal.

fg.101. Alçado da peça Montes_III.- Registo Pessoal.

fg.102. Campeã, Vila Real.- Registo Pessoal.

Fichas de identificação e caraterização

Nota prévia

O seguinte catálogo é constituído por trinta e três fichas de identificação e caracterização referentes as casos analisados nesta dissertação. As fichas são o resultado de um levantamento feito em campo pelo autor na área de estudo.

A ordem pela qual estão expostos segue a mesma organização da tabela.

Os desenhos apresentados foram produzidos pelo autor. Todos os casos são acompanhados de desenhos de levantamento em campo à mão desenhada, apenas os exemplos que foram aprofundados na dissertação apresentam desenhos passados a limpo. As fotografias são de registo pessoal.

Cada construção é identificada com a denominação do lugar onde se encontra e são diferenciadas por numeração romana os casos que se encontram no mesmo lugar:

-Balsa I	140	-Estalagem VI	162	-Pêpe V	184
-Buraco I	142	-Estalagem VII	164	-Pêpe VI	186
-Chão Grande I	144	-Estalagem IX	166	-Quintã I	188
-Cotorinho I	146	-Gontães I	168	-Quintã II	190
-Cotorinho II	148	-Lagoa I	170	-Sardoeira I	192
-Cotorinho III	150	-Montes II	172	-Vendas I	194
-Cotorinho IV	152	-Montes III	174	-Vendas II	196
-Cotorinho V	154	-Pêpe I	176	-Viariz da Santa I	198
-Cotorinho VI	156	-Pêpe II	178	-Vidoal I	200
-Estalagem II	158	-Pêpe III	180	-Vila Cova I	202
-Estalagem IV	160	-Pêpe IV	182	-Vila Cova II	204

Balsa I

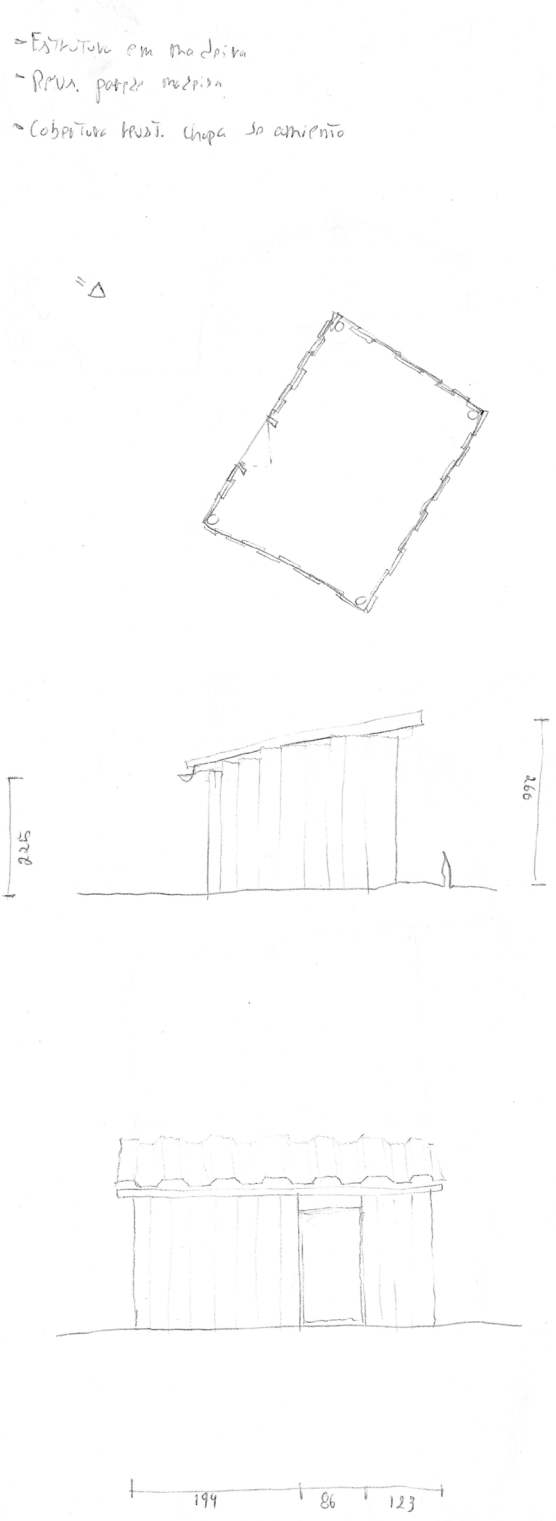
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Balsa
Geolocalização:	41°17'34.33"N/7°52'21.88"W
Estado:	Cuidado
Data de construção:	Entre 2015 a 2019
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	11 m2
Cércea:	2.6 m
Largura:	4 m2
Profundidade:	2.7 m2
Localização PDM:	Espaços agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Madeira
Cobertura:	Chapa fibrocimento

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Buraco I

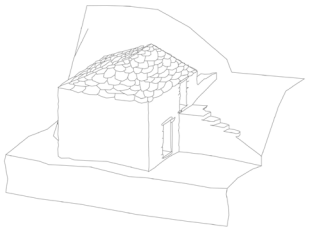
Informação básica

Localização	Vila Real
Cidade:	Campeã
Freguesia:	Lugar do Buraco, Cotorinho
Rua/Lugar:	41°15'43.55"N / 7°52'29.83"W
Geolocalização:	Abandonado ou com pouco uso
Estado:	Indeterminado (anterior a 2002)
Data de construção:	Apoio agrícola
Usos:	
Forma	2
Pisos:	quadrada
Planta:	3 água
Cobertura:	
Dimensão:	27 m2
Implantação:	4.5 m
Cércea:	5.4 m2
Largura:	5 m2
Profundidade:	Espaços Florestais
Localização PDM:	objeto encostado
Relação com o contexto:	
Materialidade	Alvenaria de xisto
Parede:	Lousas de xisto
Cobertura:	

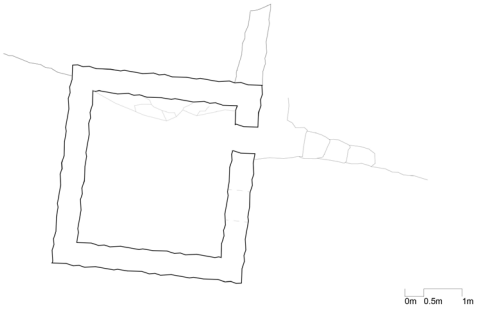
Localização na área de estudo



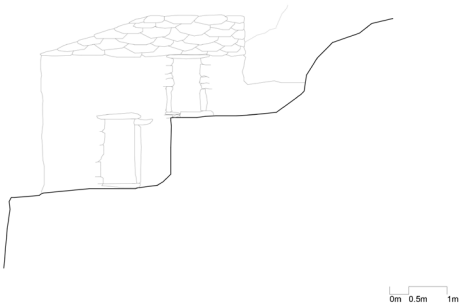
Informação Gráfica













Chão Grande I

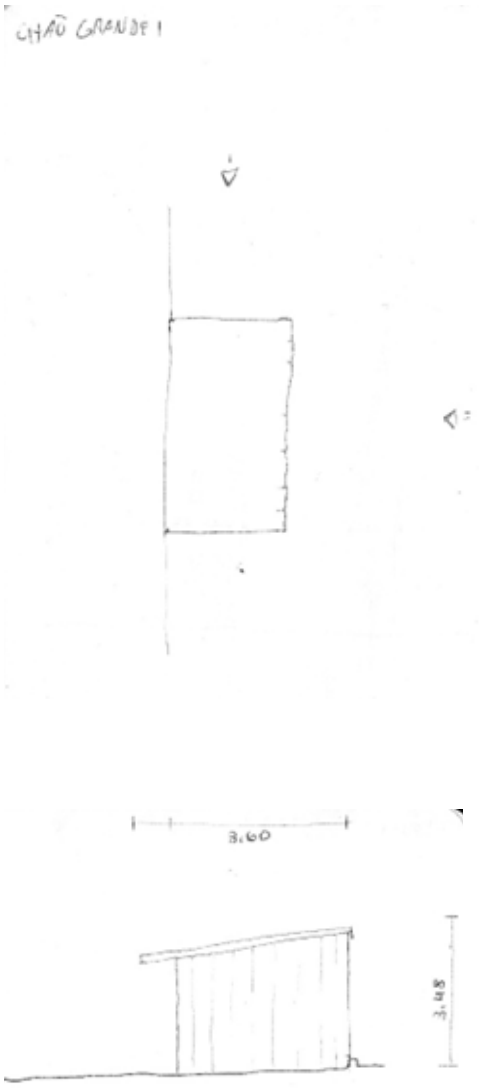
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Chão Grande
Geolocalização:	41°17'24.12"N / 7°52'32.12"W
Estado:	Cuidado
Data de construção:	Entre 2015 a 2019
Usos:	Criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	31 m2
Cércea:	3.48 m
Largura:	8.6 m
Profundidade:	3.6 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Revestimento em chama metálica à cor verde
Cobertura:	Revestimento em chama metálica à cor vermelha

Localização na área de estudo

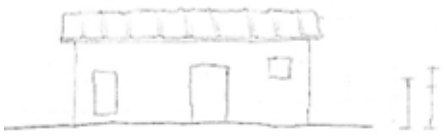


Informação Gráfica









Cotorinho I

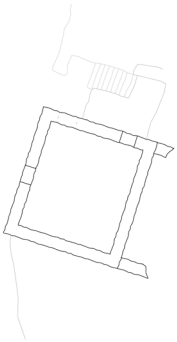
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Cotorinho
Geolocalização:	41°15'44.02"N / 7°52'8.34"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	2
Planta:	Quadrada
Cobertura:	3 águas
Dimensão	
Implantação:	34 m2
Cércea:	5 m
Largura:	6.2 m2
Profundidade:	5.5 m2
Localização PDM:	Espaços Florestais
Relação com o contexto:	Objeto encostado
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto
Cobertura:	Lousas de xisto

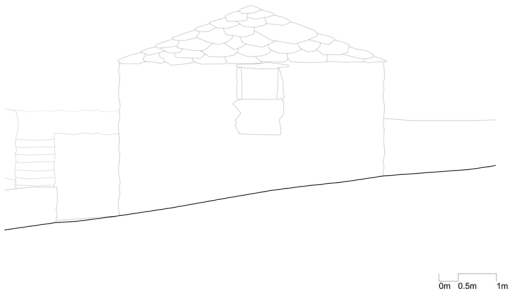
Localização na área de estudo



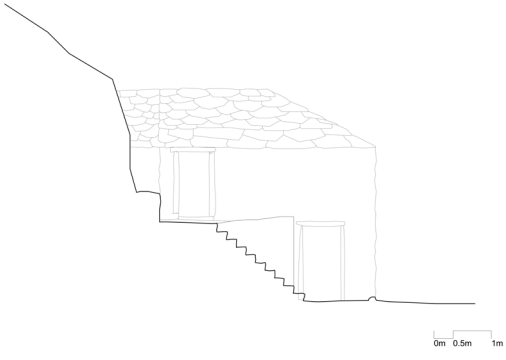
Informação Gráfica













Cotorinho_II

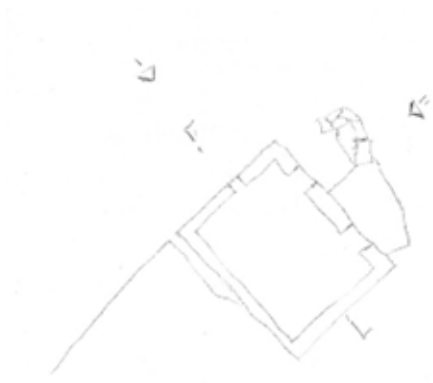
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Cotorinho
Geolocalização:	41°15'44.58"N / 7°52'8.06"W
Estado:	Cuidado
Data de construção:	parte em pedra indeterminado (anterior a 2002) cobertura entre 2020 e 2021.
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	2
Planta:	Retangular
Cobertura:	3 águas
Dimensão	
Implantação:	aprox. 28 m2
Cércea:	5 m
Largura:	4.6 m
Profundidade:	6.2 m
Localização PDM:	Espaços Florestais
Relação com o contexto:	Objeto encostado
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto
Cobertura:	Chapa metálica com isolamento de 4cm à cor vermelha

Localização na área de estudo



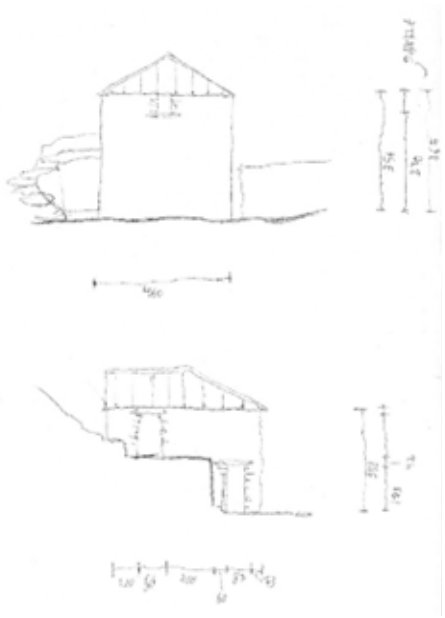
Informação Gráfica













Cotorinho III

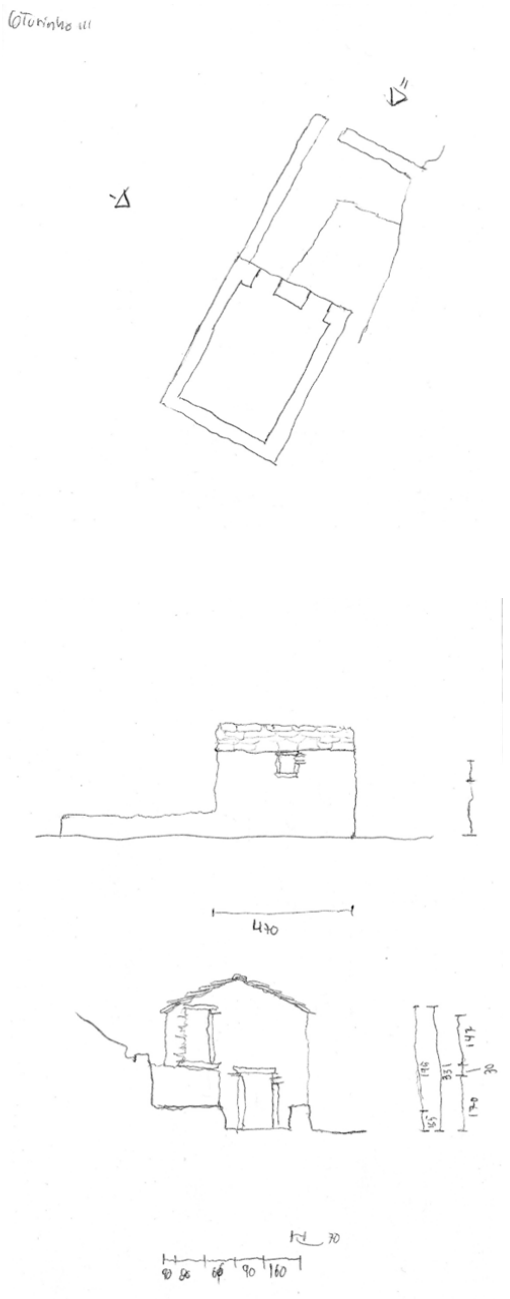
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Cotorinho
Geolocalização:	41°15'41.58"N / 7°52'6.84"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Apoio agrícola, criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	2
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	23 m2
Cércea:	4.3 m
Largura:	4.8 m
Profundidade:	4.7 m
Localização PDM:	Espaços Florestais
Relação com o contexto:	Objeto encostado
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em lousas de xisto

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Cotorinho IV

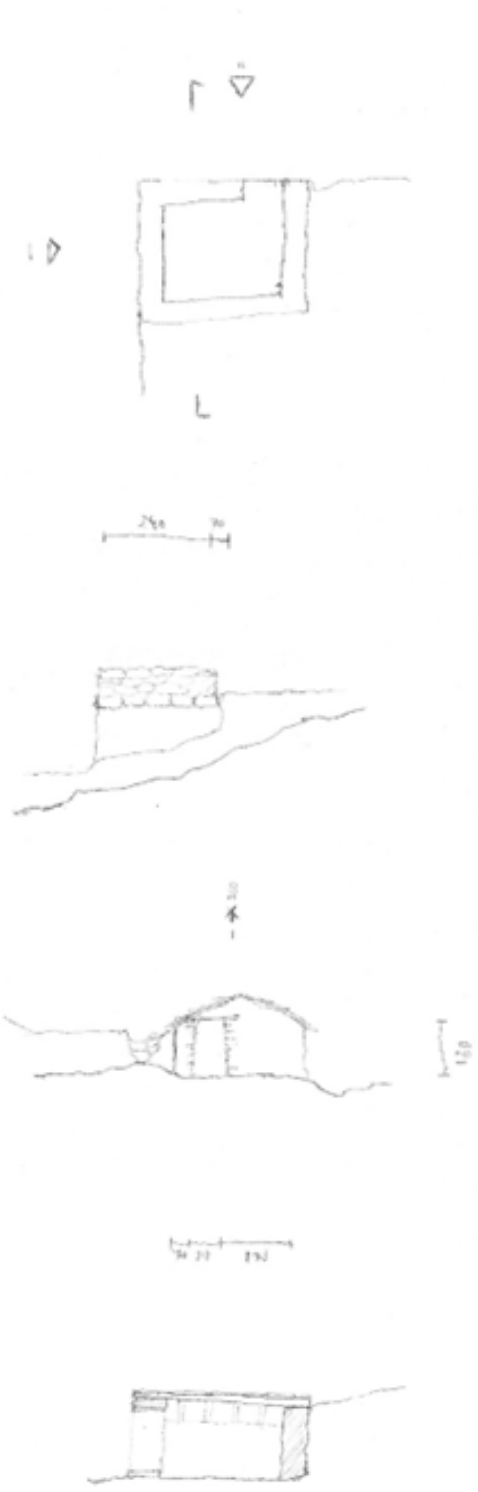
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Cotorinho
Geolocalização:	41°16'1.36"N / 7°52'2.98"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	aprox. 10.8 m2
Cércea:	2 m
Largura:	3.5 m
Profundidade:	3.1 m
Localização PDM:	Espaços Florestais
Relação com o contexto:	Objeto inserido
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em lousas de xisto

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Cotorinho V

Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Cotorinho
Geolocalização:	41°16'1.37"N / 7°52'1.95"W
Estado:	Cuidado
Data de construção:	Parte em alvenaria de tijolo furado indeterminado (anterior a 2002) substituição da cobertura entre 2013 a 2015.
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	13.8 m2
Cércea:	2.8 m
Largura:	3.55 m
Profundidade:	3.9 m
Localização PDM:	Espaços Florestais
Relação com o contexto:	Objeto encostado
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de tijolo furado
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em chapa metálica à cor vermelha

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Cotorinho_VI

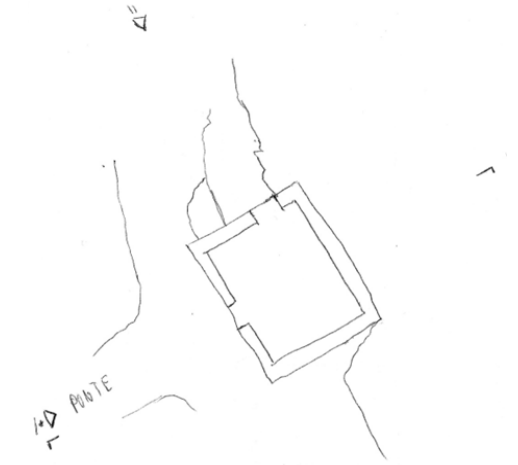
Informação básica

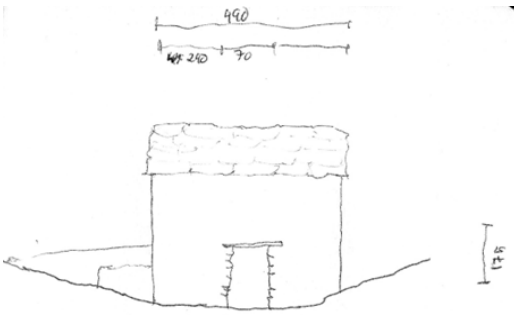
Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Cotorinho
Geolocalização:	41°16'11.51"N / 7°51'58.72"W
Estado:	em bom estado de conservação
Data de construção:	Data provável de construção: Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Apoio agrícola e criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	2
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	18 m2
Cércea:	3.3 m
Largura:	4.9 m
Profundidade:	3.7 m
Localização PDM:	Espaços Florestais
Relação com o contexto:	Objeto encostado
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto
Cobertura:	Lousas de xisto

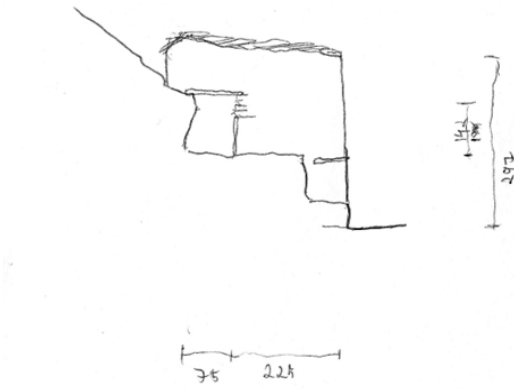
Localização na área de estudo



Informação Gráfica













Estalagem II

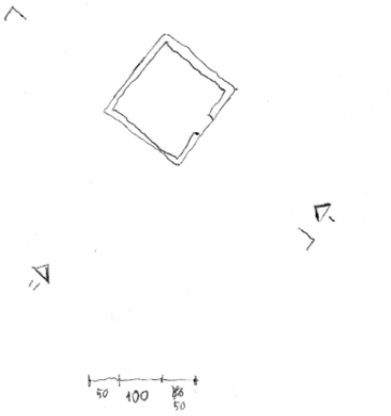
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Estalagem
Geolocalização:	41°17'15.98"N / 7°51'34.63"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Quadrangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	4 m2
Cércea:	1.85 m
Largura:	2 m
Profundidade:	2 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto pousado
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de bloco de cimento
Cobertura:	Lage de aligeirada com vigas de betão pré-esforçado e abobadilha

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Estalagem IV

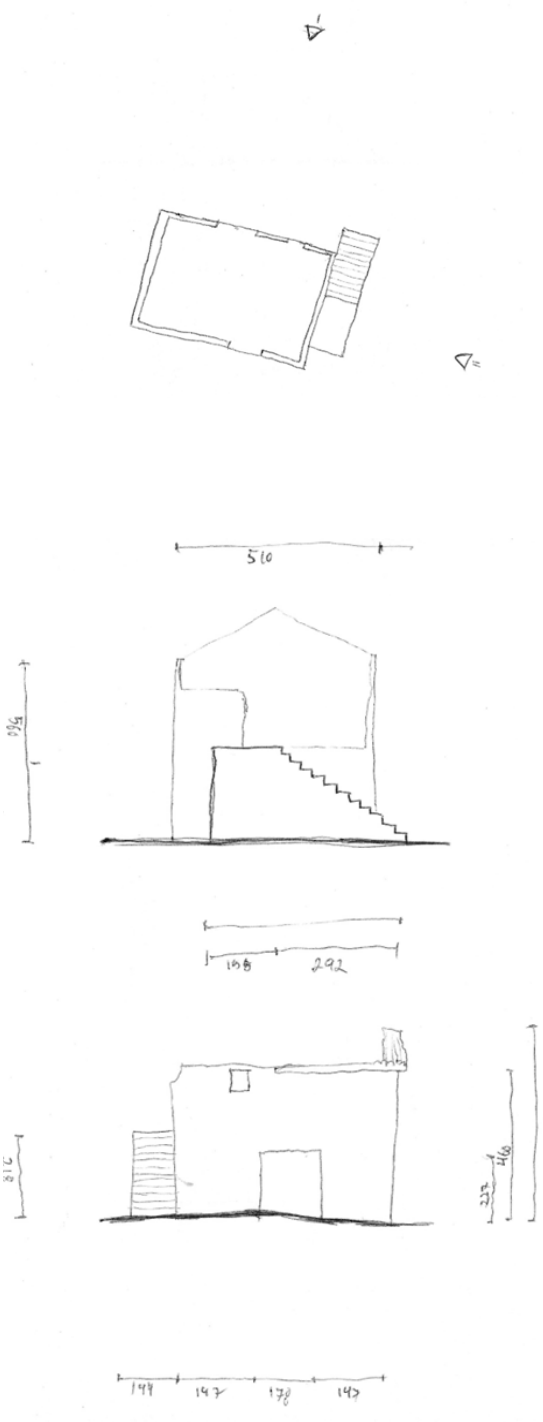
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Estalagem
Geolocalização:	41°17'14.47"N / 7°51'27.89"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Apoio agrícola e criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	2
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	29 m2
Cércea:	7 m
Largura:	5.1 m
Profundidade:	5.7 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de tijolo furado
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em telha

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Estalagem VI

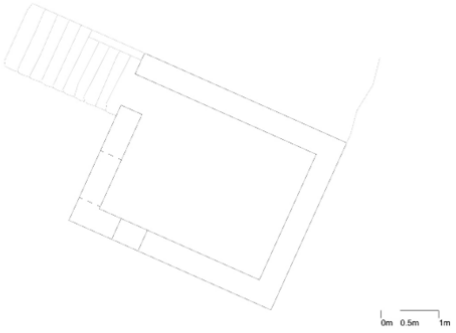
Informação básica

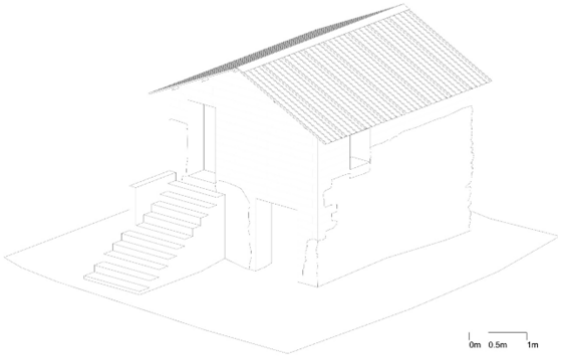
Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Estalagem
Geolocalização:	41°17'12.6"N / 7°51'27.09"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Parte em pedra indeterminado (anterior a 2002) cobertura e acrescento feito entre 2002 a 2006.
Usos:	Apoio agrícola e criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	2
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	28 m2
Cércea:	5.3 m
Largura:	4.8 m2
Profundidade:	5.8 m2
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto e bloco de cimento
Cobertura:	Chapa metálica zincada

Localização na área de estudo



Informação Gráfica















Estalagem_VII

Informação básica

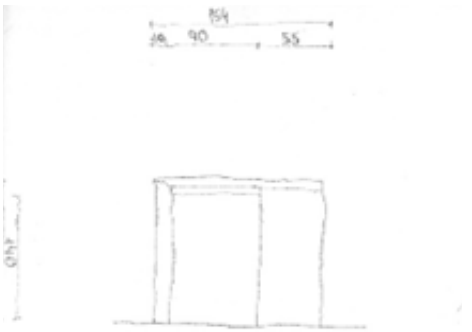
Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Estalagem
Geolocalização:	41°17'13.00"N / 7°51'25.92"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Data provável de construção: entre 2006 a 2010
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	1.65 m2
Cércea:	1.64 m
Largura:	1.5 m
Profundidade:	1.1 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de bloco de cimento
Cobertura:	Lage de aligeirada com vigas de betão pré-esforçado e abobadilha

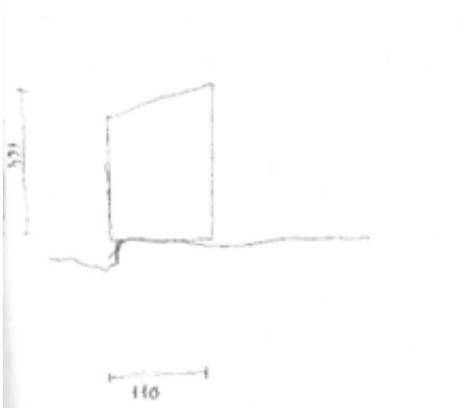
Localização na área de estudo



Informação Gráfica













Estalagem_IX

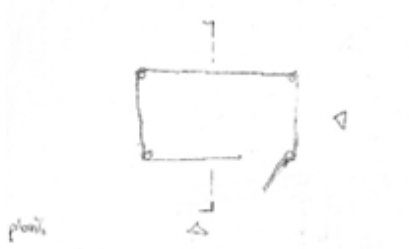
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Estalagem
Geolocalização:	41°17'16.53"N / 7°51'47.60"W
Estado:	Cuidado
Data de construção:	Entre 2020 a 2021
Usos:	Criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	10 m2
Cércea:	2.57 m
Largura:	3.7 m
Profundidade:	2.7 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto pousado
Materialidade	
Parede:	Estrutura em madeira, revestimento em chapa metálica zincada
Cobertura:	Estrutura em madeira, revestimento em chapa metálica zincada

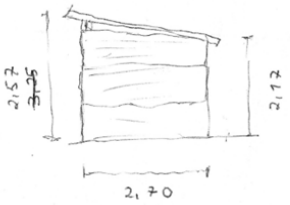
Localização na área de estudo

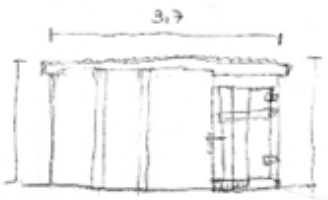


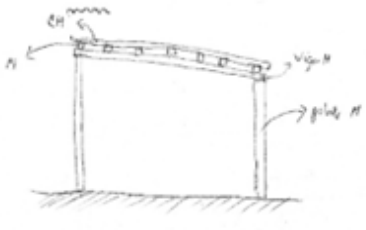
Informação Gráfica

















Gontães I

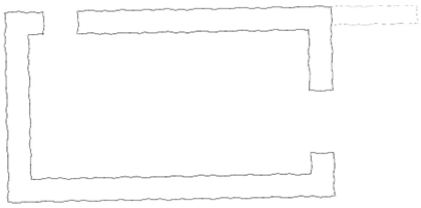
Informação básica

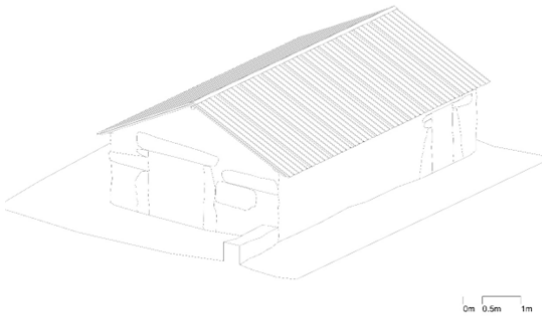
Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	União de Freguesias de Pena, Quintã e Vila Cova
Rua/Lugar:	Foz
Geolocalização:	41°17'19.0"N / 7°50'19.9"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Parte em pedra indeterminado (anterior a 2002) cobertura entre 2015 a 2019.
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	42.5 m2
Cércea:	3.3 m
Largura:	5 m2
Profundidade:	8.5 m2
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto
Cobertura:	Chapa metálica zincada

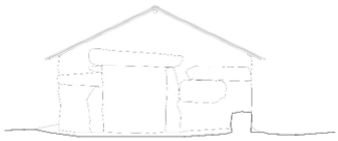
Localização na área de estudo

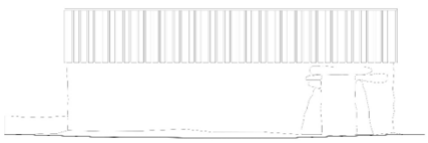


Informação Gráfica















Lagoa I

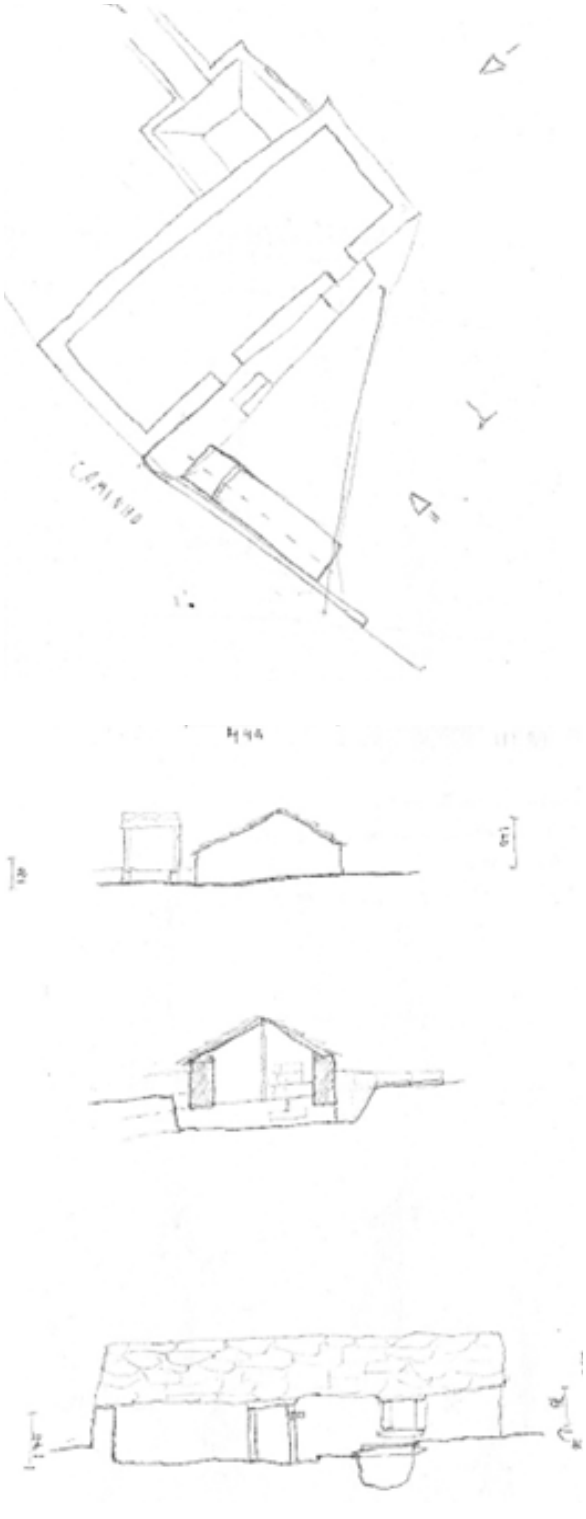
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Lagoa
Geolocalização:	41°17'38.83"N / 7°52'14.00"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Proveito de energia
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	aprox. 41 m2
Cércea:	2.3 m
Largura:	9.2 m
Profundidade:	4.45 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em lousas de xisto

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Montes_II

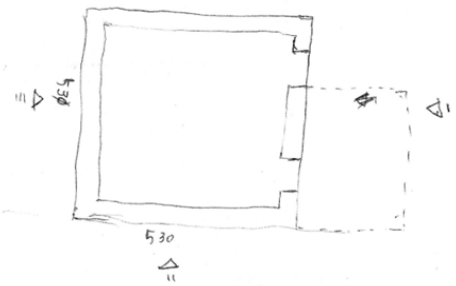
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Montes
Geolocalização:	41°15'57.87"N / 7°52'51.98"W
Estado:	Em bom estado de conservação
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	2
Planta:	Quadrangular
Cobertura:	3 águas
Dimensão	
Implantação:	28 m2
Cércea:	.2 m
Largura:	5.3 m
Profundidade:	5.3 m
Localização PDM:	Espaços Naturais
Relação com o contexto:	Objeto inserido
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto
Cobertura:	Lousas de xisto

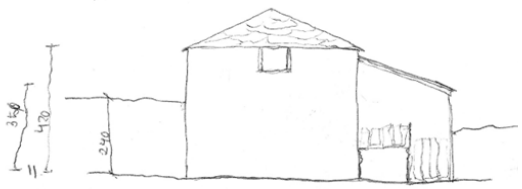
Localização na área de estudo



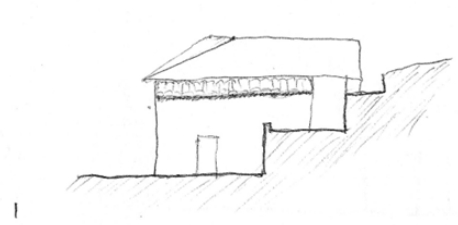
Informação Gráfica

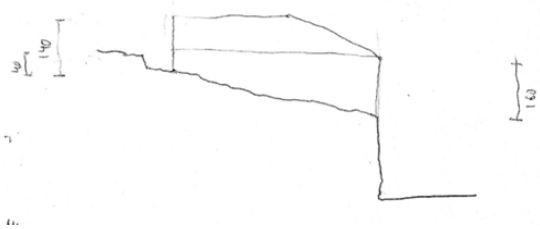














Montes III

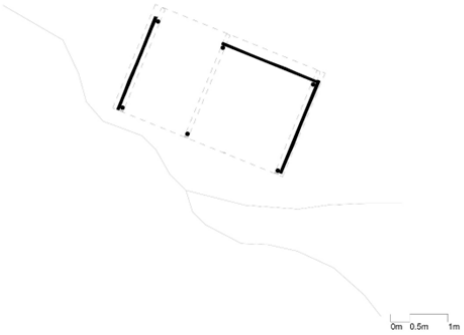
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Montes
Geolocalização:	41°15'56.18"N / 7°52'54.62"W
Estado:	Em bom estado de conservação
Data de construção:	Entre 2015 a 2019.
Usos:	Abrigo de animais
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	12 m2
Cércea:	2.6 m
Largura:	4.6 m
Profundidade:	2.6 m
Localização PDM:	Espaços Naturais
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Estrutura em madeira revestimento em madeira
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em plástico preto e rede sombreira

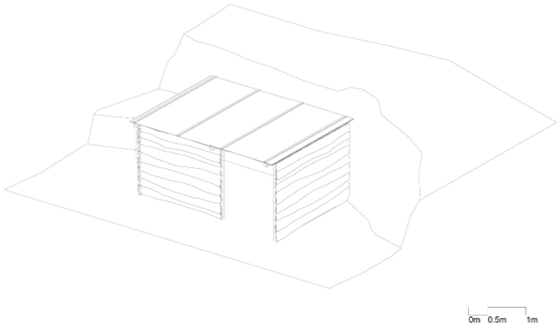
Localização na área de estudo



Informação Gráfica



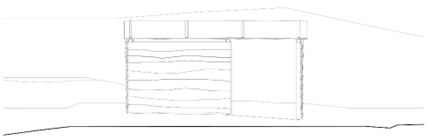












Pêpe I

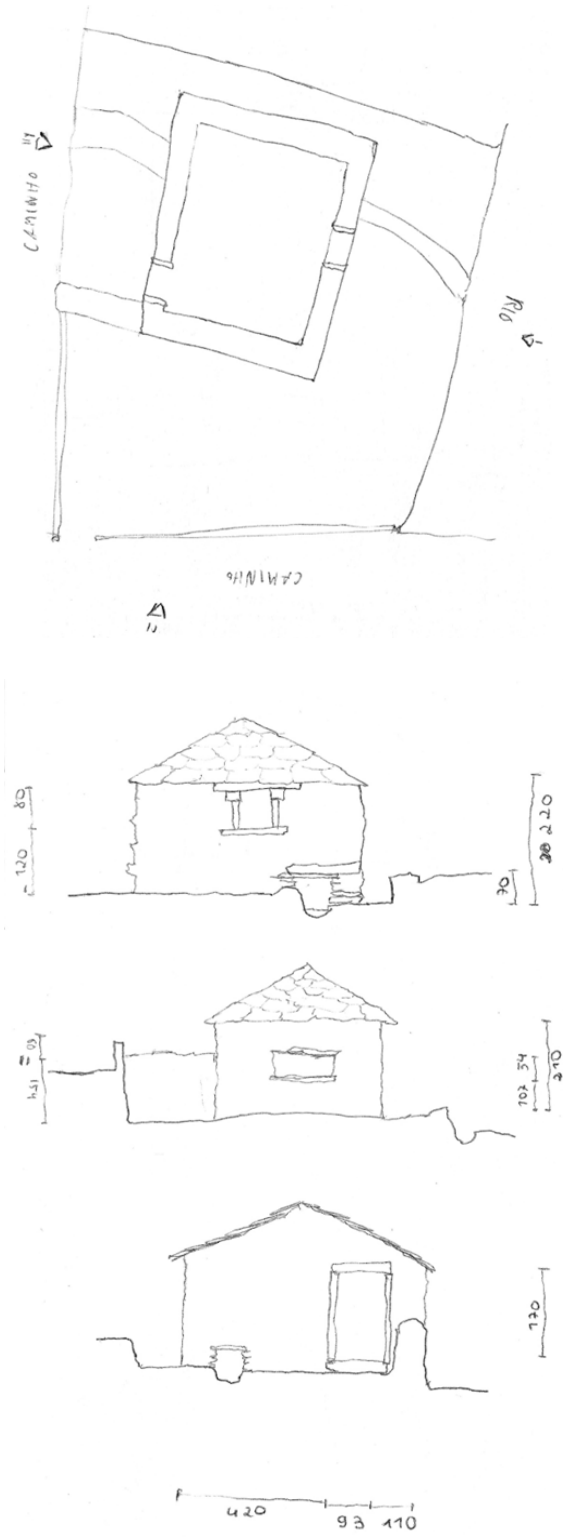
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Pêpe
Geolocalização:	41°18'5.01"N / 7°51'56.70"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Proveito de energia
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	4 águas
Dimensão	
Implantação:	aprox. 23 m2
Cércea:	2.9 m
Largura:	5.4 m
Profundidade:	4.3 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em lousa de xisto

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Pêpe II

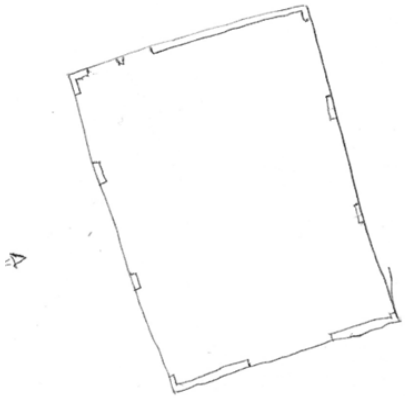
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Pêpe
Geolocalização:	41°18'6.01"N / 7°51'57.21"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Entre 2006 a 2010
Usos:	Apoio agrícola, criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	110 m2
Cércea:	5.9 m
Largura:	10 m
Profundidade:	11 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de bloco de cimento
Cobertura:	Chapa fibrocimento

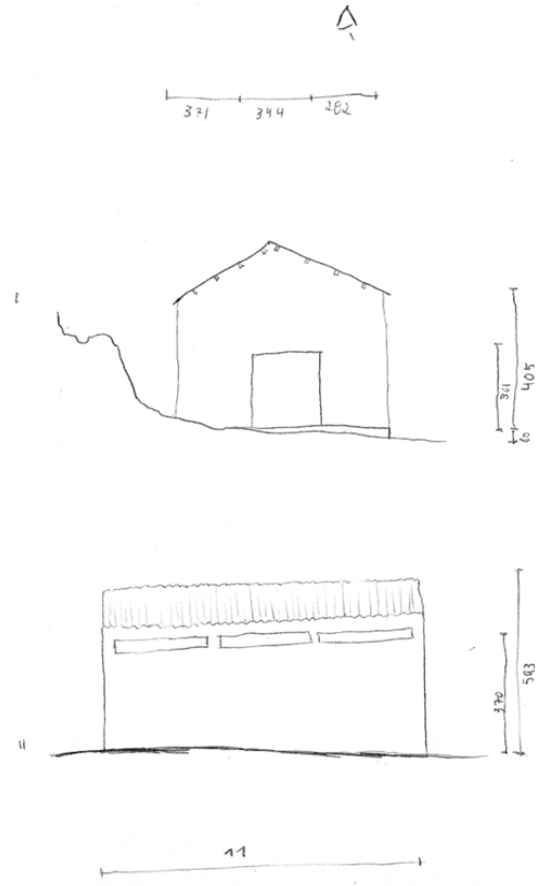
Localização na área de estudo



Informação Gráfica











Pêpe III

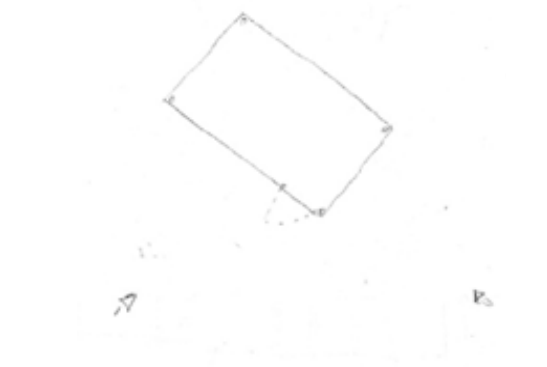
Informação básica

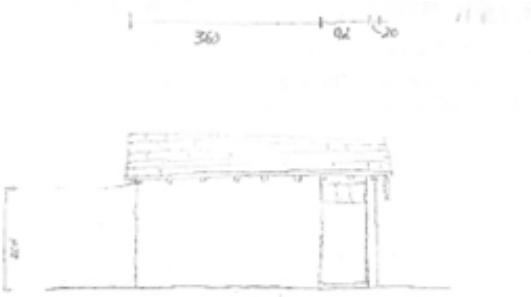
Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Pêpe
Geolocalização:	41°17'52.91"N / 7°52'12.55"W
Estado:	Cuidado
Data de construção:	Entre 2006 a 2010
Usos:	Criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	14.5 m2
Cércea:	2.7 m
Largura:	4.7 m
Profundidade:	3.1 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Estrutura em madeira revestimento em chama metálica zincada e chapa de fibrocimento
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em telha cerâmica

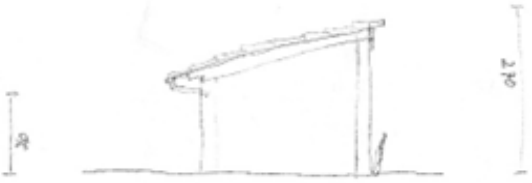
Localização na área de estudo



Informação Gráfica













Pêpe IV

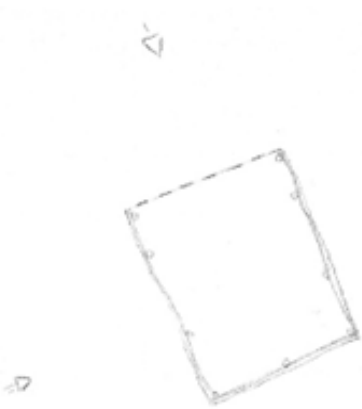
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Pêpe
Geolocalização:	41°18'10.25"N / 7°52'1.07"W
Estado:	Cuidado
Data de construção:	Data provável de construção: entre 2015 e 2019
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	41 m2
Cércea:	3.15 m
Largura:	5.8 m
Profundidade:	7 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto pousado
Materialidade	
Parede:	Estrutura em madeira revestimento em chama metálica à cor vermelha
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em chama metálica à cor vermelha

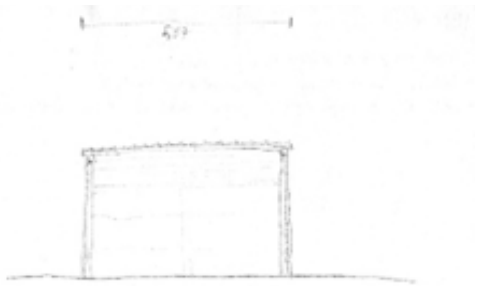
Localização na área de estudo



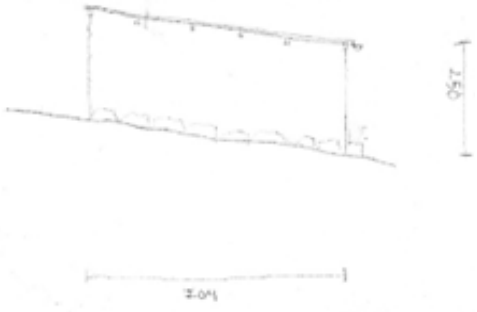
Informação Gráfica













Pêpe V

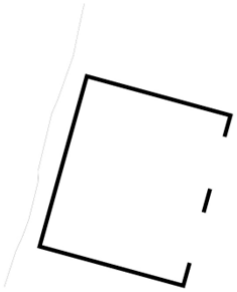
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Pêpe
Geolocalização:	41°18'12.00"N / 7°52'1.78"W
Estado:	Em bom estado de conservação
Data de construção:	Entre 2015 a 2019.
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	76 m2
Cércea:	3.8 m
Largura:	9.5 m
Profundidade:	8 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de bloco de cimento
Cobertura:	Chapa metálica com isolamento de 4cm à cor vermelha

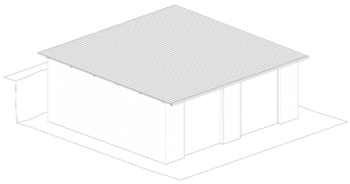
Localização na área de estudo



Informação Gráfica















Pêpe VI

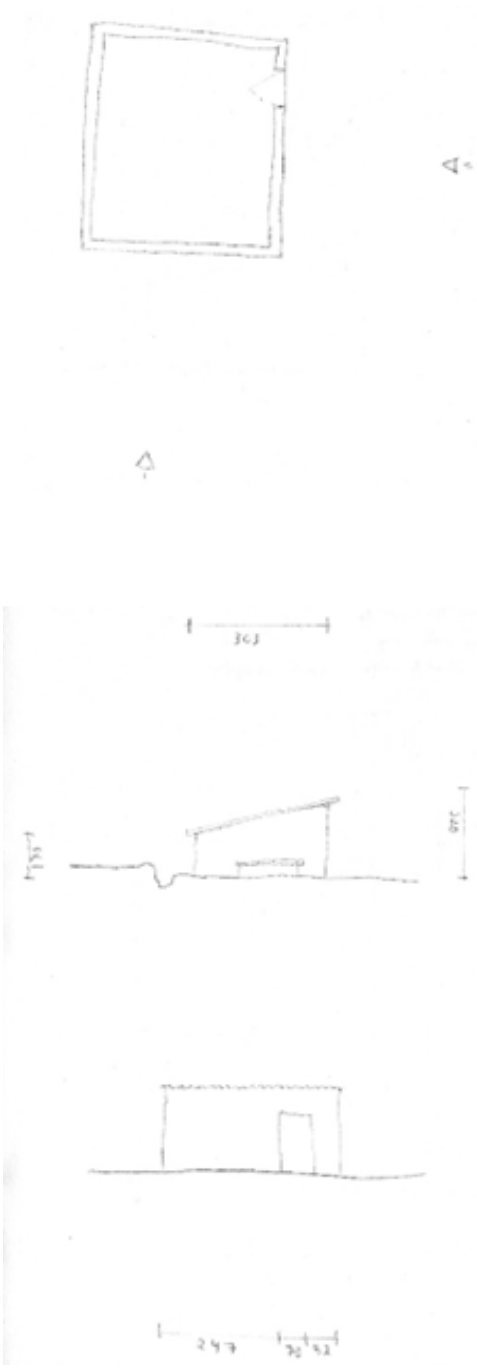
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Pêpe
Geolocalização:	41°17'48.15"N / 7°52'25.76"W
Estado:	Cuidado
Data de construção:	Entre 2002 e 2006
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	11 m2
Cércea:	2.2 m
Largura:	3.7 m
Profundidade:	3 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de bloco de cimento
Cobertura:	Chapa metálica zincada

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Quintã I

Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	União de Freguesias de Pena, Quintã e Vila Cova
Rua/Lugar:	Quintã
Geolocalização:	41°17'55.85"N / 7°52'1.71"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Proveito de energia
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	aprox. 20 m2
Cércea:	2.85 m
Largura:	3.55 m
Profundidade:	5.7 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto
Cobertura:	Lousas de xisto

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Quintã II

Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	União de Freguesias de Pena, Quintã e Vila Cova
Rua/Lugar:	Montes
Geolocalização:	41°17'45.23"N / 7°51'59.58"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	70 m2
Cércea:	4.67 m
Largura:	5.9 m
Profundidade:	11.9 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de bloco de cimento
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em telha cerâmica

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Sardoeira I

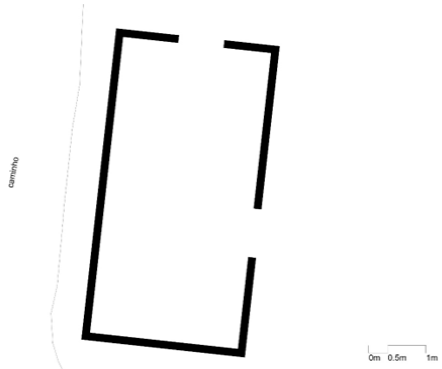
Informação básica

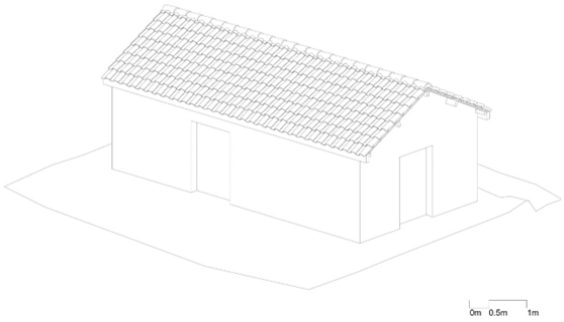
Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	União de Freguesias de Pena, Quintã e Vila Cova
Rua/Lugar:	Sardoeira
Geolocalização:	41°17'12.55"N / 7°50'57.50"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Apoio agrícola
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	28 m2
Cércea:	3.75 m
Largura:	4.3 m
Profundidade:	8.3 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de bloco de cimento
Cobertura:	Telha cerâmica

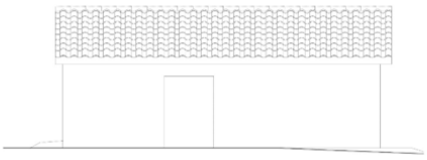
Localização na área de estudo

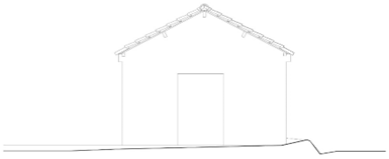


Informação Gráfica















Vendas I

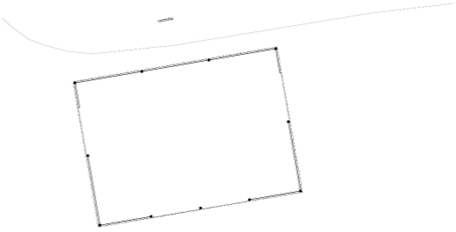
Informação básica

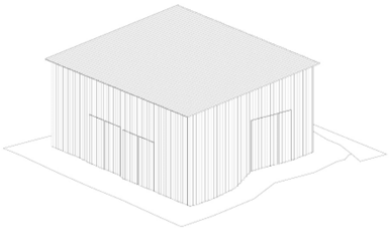
Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Vendas
Geolocalização:	41°17'23.52"N / 7°52'50.81"W
Estado:	Em bom estado de conservação
Data de construção:	Entre 2010 a 2013.
Usos:	Criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	84 m2
Cércea:	5.8 m
Largura:	0.8 m
Profundidade:	7.8 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Estrutura em madeira revestimento em chama metálica à cor vermelha
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em chama metálica à cor vermelha

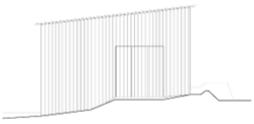
Localização na área de estudo

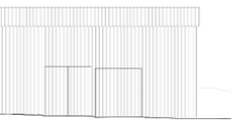


Informação Gráfica















Vendas_II

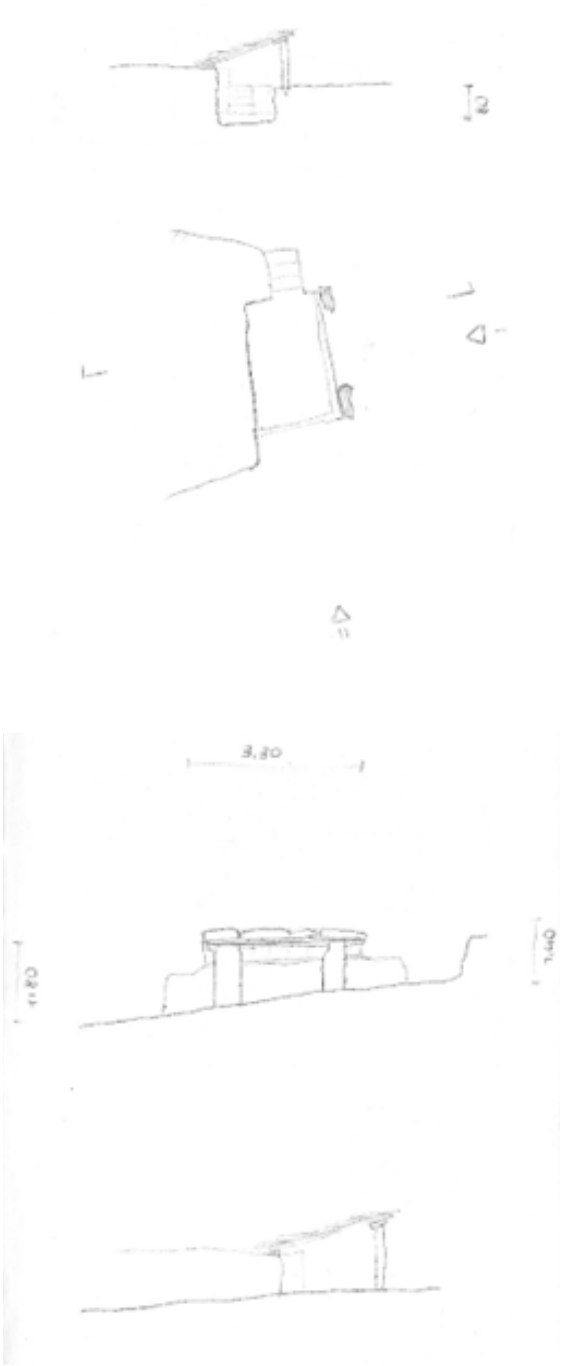
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Vendas
Geolocalização:	41°17'23.37"N / 7°52'47.69"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Abrigos
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	aprox. 7.6 m2
Cércea:	1.8 m
Largura:	3.3 m
Profundidade:	2.3 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto inserido
Materialidade	
Parede:	Lajetas de xisto
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em lousas de xisto

Localização na área de estudo



Informação Gráfica









Viariz da Santa I

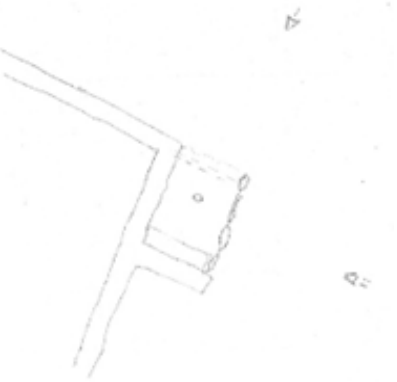
Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Viariz da Santa
Geolocalização:	41°16'51.33"N / 7°51'23.86"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Indeterminado (anterior a 2002)
Usos:	Abrigos
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	aprox. 8.9 m2
Cércea:	2.2 m
Largura:	2.4 m
Profundidade:	3.7 m
Localização PDM:	Espaços Florestais
Relação com o contexto:	Objeto encostado
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em lousas de xisto

Localização na área de estudo



Informação Gráfica











Vidoal I

Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	Campeã
Rua/Lugar:	Vidoal, Chão Grande
Geolocalização:	41°17'16.70"N / 7°52'10.10"W
Estado:	Em bom estado de conservação
Data de construção:	Entre 2021 a 2022.
Usos:	Arrumos diversos
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	28.5 m2
Cércea:	2.8 m
Largura:	7.7 m
Profundidade:	3.7 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Estrutura em madeira revestimento em madeira e chapa metálica à cor vermelha
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em chama metálica à cor vermelha

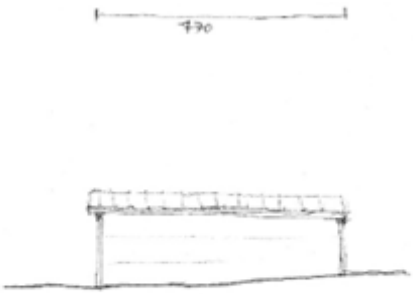
Localização na área de estudo



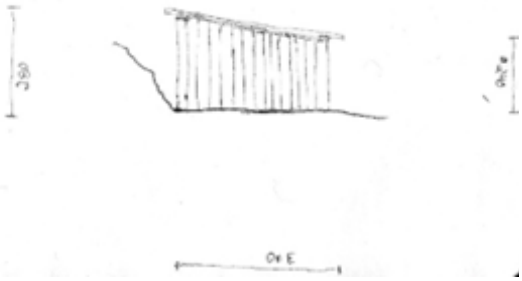
Informação Gráfica













Vila Cova I

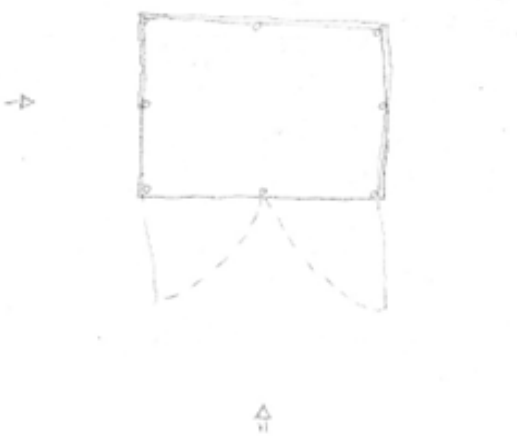
Informação básica

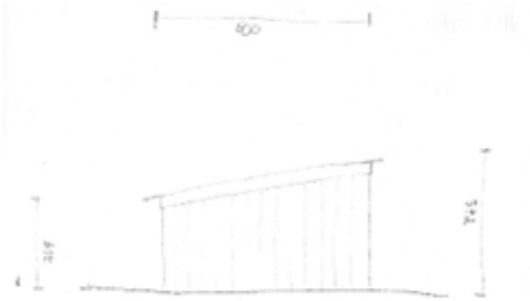
Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	União de Freguesias de Pena, Quintã e Vila Cova
Rua/Lugar:	Vila Cova
Geolocalização:	41°18'41.45"N / 7°51'34.85"W
Estado:	Abandonado ou com pouco uso
Data de construção:	Entre 2020 e 2021
Usos:	Criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	1 água
Dimensão	
Implantação:	53.7 m2
Cércea:	3.7 m
Largura:	8.95 m
Profundidade:	6 m
Localização PDM:	Espaços Agrícolas
Relação com o contexto:	Objeto pousado
Materialidade	
Parede:	Estrutura em madeira revestimento em chama metálica à cor vermelha
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em chama metálica à cor vermelha

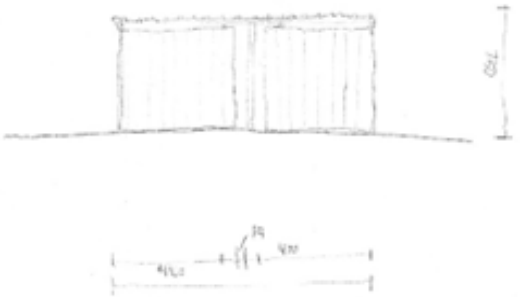
Localização na área de estudo



Informação Gráfica













Vila Cova II

Informação básica

Localização	
Cidade:	Vila Real
Freguesia:	União de Freguesias de Pena, Quintã e Vila Cova
Rua/Lugar:	Vila Cova
Geolocalização:	41°18'33.07"N / 7°51'52.53"W
Estado:	Cuidado
Data de construção:	Entre 2006 a 2010
Usos:	Criação e abrigo de animais
Forma	
Pisos:	1
Planta:	Retangular
Cobertura:	2 águas
Dimensão	
Implantação:	aprox. 118 m2
Cércea:	3 m
Largura:	10.3 m
Profundidade:	11.5 m
Localização PDM:	Espaços Florestais
Relação com o contexto:	Objeto extremo
Materialidade	
Parede:	Alvenaria de xisto e alvenaria de bloco de cimento
Cobertura:	Estrutura em madeira revestimento em chapa metálica zincada

Localização na área de estudo



Informação Gráfica

